

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
FABIANE CRISTIANE CARLOS FREITAS**

AS REPRESENTAÇÕES DE MALINCHE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Alfenas/MG
2019

FABIANE CRISTIANE CARLOS FREITAS

AS REPRESENTAÇÕES DE MALINCHE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pelo Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Aparecida Ribeiro

Alfenas/MG
2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

F866r Freitas, Fabiane Cristiane Carlos.
As representações de Malinche entre literatura e história / Fabiane
Cristiane Carlos Freitas. -- Alfenas/MG, 2019.
103 f. : il. –

Orientadora: Fernanda Aparecida Ribeiro.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Universidade Federal de
Alfenas, 2019.
Bibliografia.

1. Marina, ca. 1505 - ca. 1530. 2. Mulheres e literatura - México. 3.
Literatura e história. 4. Mulheres na literatura. 5. Literatura mexicana. I.
Ribeiro, Fernanda Aparecida. II. Título.

CDD M863

FABIANE CRISTIANE CARLOS FREITAS

"AS REPRESENTAÇÕES DE MALINCHE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA".

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a
Dissertação apresentada como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestra em
História Ibérica pela Universidade Federal de
Alfenas. Área de concentração: Ensino e
Pesquisa de História Ibérica

Aprovado em: 30 / 09 / 19

Profa. Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

Profa. Dra. Maria de Fátima Alves de Oliveira
Marcari
Instituição: Universidade Estadual Paulista
UNESP-SP

Assinatura: 

Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski
Instituição: Universidade Federal de Alfenas
UNIFAL-MG

Assinatura: 

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela graça concebida de conquistar os meus objetivos.

À minha mãe Sandra e ao meu irmão Guilherme, pela paciência, pelo companheirismo e amor durante a realização do texto e por sempre acreditarem nos meus sonhos.

Aos meus avós, Gentil e Maria do Rosário, e a toda minha família por estarem comigo em cada momento da minha vida acadêmica.

Aos meus queridos amigos, pelos conselhos, carinho, força e incentivo para que eu realizasse esse trabalho.

À Universidade Federal de Alfenas, por possibilitar o aprendizado e a melhoria de nos expressarmos melhor intelectualmente.

Aos colegas do Mestrado em História Ibérica, pelo diálogo e pela parceria durante os estudos, contribuindo para a minha formação pessoal e, também, para a minha formação docente.

Aos professores do Mestrado em História Ibérica e à minha orientadora Fernanda Aparecida Ribeiro por intermediarem o conhecimento e as práticas de ensino, por nos encorajar a melhorar cada vez mais a nossa habilidade crítica, facilitando-me o saber e a alegria de aprender cada vez mais sobre estudos relacionados à História, Literatura e autoria feminina.

Em especial, às amigas Kátia Franco e Fernanda Eugênia, pelo apoio, pela dedicação, pela confiança e por estarem sempre presentes, auxiliando na leitura e revisão do trabalho, contribuindo positivamente para a finalização.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Arrojada, expulsada
del reino, del palacio y de la entraña tibia
de la que me dio a luz en tálamo legítimo
y que me aborreció porque yo era su igual
en figura y rango
y se contempló en mí y odió su imagen
y destrozó el espejo contra el suelo.
Yo avanzo hacia el destino entre cadenas
y dejo atrás lo que todavía escuchó:
los fúnebres rumores con los que se me entierra.”
(Rosario Castellanos)

RESUMO

As crônicas presentes na obra *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* (1632), de Bernal Díaz del Castillo, são um documento relevante para o conhecimento do processo da Conquista do México e são os primeiros registros do território que se firmara pela colonização dos espanhóis. Esses textos contribuem para reflexão crítica sobre o imaginário e a visão europeia da época (século XVI) e, alguns séculos mais tarde (XIX) serviriam como texto motivador para os estudos de teóricos e escritores sobre a representação de uma das personagens mais controvertidas da história do México, a nativa Malinche. Desse modo, o presente texto analisa a ressignificação de Malinche, pela literatura mexicana de autoria feminina, a partir dos relatos de Bernal Díaz Del Castillo. Malinche, a indígena intérprete do colonizador espanhol Hernán Cortés foi acusada de traidora por seu povo, devido ao seu papel de tradutora entre a língua espanhola e o nahuatl e por ter sido amante de Hernán Cortés. Tal caracterização a tornou símbolo de cunho negativo e ser renegado pela sociedade. Porém, desde os anos de 1960, percebe-se uma nova forma de significar o protagonismo de Malinche pela Literatura. Assim, consideramos alguns textos de autoria feminina, como *Malinche* (2005), de Laura Esquivel, *La culpa es de los tlaxcaltecas*. (1989), de Elena Garro e *El sueño de la Malinche* (2005), de Marcela del Río, com a proposta de revisitar a imagem de Malinche, no sentido de questionar a ideia de traição e a importância do seu papel, possibilitando identificar uma nova representação da personagem, distinta da representação relatada por Díaz del Castillo. Para isso, são necessários alguns apontamentos sobre o imaginário, os discursos sociais, históricos e culturais expostos por Castillo (1632), Todorov (1983), González Hernández (2002), Le Goff (2013) e Greenblatt (1996), a fim de assimilar como esses autores discorrem sobre a imagem da interprete de Cortés e contribuem para suscitar elementos representativos para a época mencionada e para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Malinche. Representação da mulher. Identidade cultural. História e Literatura. Literatura de autoria feminina.

RESUMEN

Las crónicas presentes en la obra *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* (1632), de Bernal Díaz del Castillo, son documentos relevantes para el conocimiento del proceso de la Conquista de México, así como también son los primeros registros del territorio que se firmó por la colonización de los españoles. Estos textos contribuyen para reflexionar críticamente sobre el imaginario y la visión europea de la época (Siglo XVI) y, en algunos siglos más tarde (XIX) sirvieron como textos motivacionales para los estudios de teóricos y escritores sobre la representación de un de los personajes más controvertidos de la historia de México, la nativa Malinche. Así, en el presente texto, el objetivo es analizar la re-significación, por medio de la literatura mexicana de autoría femenina de Malinche, a partir de los relatos de Bernal Díaz del Castillo. Malinche, la indígena intérprete del colonizador español Hernán Cortés, fue acosada de traicionar a su pueblo, puesto su papel de traductora entre las lenguas española y nahuatl, además de ser amante de Hernán Cortés. Tal caracterización la tornó como un símbolo negativo y un ser renegado por la sociedad. Sin embargo, desde los años 1960, se percibe una nueva manera de percibir el protagonismo de Malinche en la literatura. De este modo, consideramos algunos textos de autoría femenina como *Malinche* (2005), de Laura Esquivel, *La culpa es de los tlaxcaltecas*. (1989), de Elena Garro e *El sueño de la Malinche* (2005), de Marcela del Río, con la propuesta de visitar la imagen de Malinche, con sentido de cuestionar la idea de traición y la importancia del papel de Malinche, posibilitando identificar una nueva representación del personaje, distinto de la que relató Díaz del Castillo. Para esto, son necesarios algunos apuntes sobre el imaginario, discursos sociales, históricos y culturales expuestos por Castillo (1964), Todorov (1983), González Hernández (2002), Le Goff (2013) y Greenblatt (1996), a fin de asimilar como estos autores discurren sobre la imagen de la intérprete de Cortés y contribuyen para suscitar elementos representativos tanto para la época mencionada como también para la contemporaneidad.

Palabras llave: Malinche. Representación de la mujer. Identidad cultural. Historia y literatura. Literatura de autoría femenina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A REPRESENTAÇÃO DE MALINCHE NAS CRÔNICAS DA CONQUISTA ...	15
	Malinche e o imaginário mexicano	16
	Las Crônicas de la Nueva España	17
	La Malinche, por Bernal Díaz Del Castillo.....	21
2.1	CRÔNICAS E AUTORES DE NUEVA ESPAÑA	24
	Origem do nome Malinche.....	32
	Sobre a mestiçagem.....	34
	Sobre a origem social e geográfica	38
	O nacionalismo mexicano	41
3	RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA	43
3.1.	ASPECTOS CONCERNENTES AOS ESTUDOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA	43
3.2	MALINCHE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA	51
4	A RESSIGNIFICAÇÃO DA PERSONAGEM HISTÓRICA MALINCHE NA LITERATURA MEXICANA DE AUTORIA FEMININA	59
5	A HISTÓRIA DA PERSONAGEM MALINCHE COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM	75
5.1	A ESTRATÉGICA PEDAGÓGICA DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM	76
5.2	ENSINO DE HISTÓRIA E A PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DE UM OBJETO DE APRENDIZAGEM	78
5.3	OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA COMPREENDER A FIGURA DE MALINCHE	81
5.4	GUIA DE UTILIZAÇÃO PARA OS PROFESSORES	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

Considerando a atual conjuntura feminina e seu papel na sociedade, percebemos que é relativamente constante a busca e a atuação da mulher como protagonista de sua própria história. Ao observarmos todo o percurso histórico, veremos o quão recente se apresentam as conquistas das mulheres a espaços majoritariamente masculinos.

Historicamente, há uma série de documentos que descrevem os percursos pelos quais os grupos culturais, étnicos cresceram, se multiplicaram e conquistaram terras, forjando seu próprio destino, impondo sua cultura, seu ideal ou sua marca. Não obstante, tais fontes históricas, costumam apresentar relatos desde uma perspectiva dos vencedores e, obviamente, masculinos.

Dentre essas narrativas históricas, Bernal Díaz del Castillo, autor da *Historia Verdadera de la Conquista de México* (1632), lança um olhar, - que ele crê ser o mais verossímil dentre os que se tinha notícia -, sobre a Conquista do México. Descrevendo inúmeras situações pelas quais passaram os conquistadores e mexicanos, o autor deixa transparecer alguns episódios em que a personagem Malinche, *La Lengua* de Cortés, teria se posicionado em favor dos espanhóis frente os indígenas.

Neste contexto, criou-se no imaginário popular, que persiste até hoje, a ideia de que a personagem seria uma figura que representa a “traição” ao seu povo durante as expedições da Colonização espanhola no México.

Em vista disso, Zanella (2018, p.11), retoma a ideia de que o discurso histórico, muitas vezes, privilegia a parte forte, não sendo diferente naqueles que contam sobre a Conquista, e apesar de que, “falar sobre empoderamento dos excluídos é sair do padrão, divergir, importunar, transgredir”, há muitas concepções que nos impedem de “compreender o contexto histórico que os circunda e encontrar espaço para dar voz e prestígio àqueles que são peças fundamentais na engrenagem dessa sociedade”. E é nesse sentido que trazemos à luz os questionamentos sobre a figura mítica de Malinche a partir da visão de colonizadores e dos mexicanos contemporâneos.

Para compreender melhor o papel do outro em sua relação com a história, recorreremos à alteridade. Em *A Conquista da América: a questão do outro* (1983, p.3), o búlgaro Tzvetan Todorov analisa a “descoberta que o eu faz do outro”. A respeito dessa afirmativa, entende-se que, ao buscar compreender o outro, busca-se descobrir o outro, que é caracterizado como complexo e distinto. Por outro lado, também pode-se dizer

que, de alguma forma, é legitimada a ideia do distanciamento, como uma espécie de abstração. Com isso, a “descoberta do eu no outro” pode acontecer de diversos modos, sobretudo pelos discursos fictícios ou historiográficos. É o que se tem observado ao aproximar Literatura e História.

Um texto literário, ao resgatar discursos que se apresentam com base nas diferentes visões do discurso hegemônico, abre possibilidades para a ressignificação e para a descoberta daquilo que não se desvendou ou que tenha deixado lacunas a serem preenchidas. Dessa forma, compreendendo que a história da chegada à América marca a história de conflitos e da busca de uma identidade, baseados nas concepções de Todorov sobre o *outro*, percebemos a Conquista da América como promulgadora desse pensar e desencadeadora do processo de formação ideológica e de formação de nacionalidades.

Assim, para estabelecer uma linha de pensamento a respeito das representações de Malinche, o presente trabalho se baseará nas relações estreitas entre Literatura e História que repercutirá no processo de novos significados da personagem histórica, cuja trajetória como tradutora e intérprete foi relatada apenas a partir de uma ótica europeia.

A relação História e Literatura pode ser fundamentada a partir de uma perspectiva obtida por meio de análises teórico-literárias de documentos advindos dos relatos de viagem que ora chamamos fontes documentais (SCHEMES, 2015, p.1). Os cronistas-navegadores-viajantes tinham o objetivo de fornecer informações e a exaltação sobre as terras exploradas. Esses relatórios, direcionados à Coroa, se constituíram os primeiros documentos a registrar a nova estruturação do continente que se firmara e, por isso, são reconhecidos pelo valor político, histórico e literário, uma vez que os recursos estilísticos utilizados garantiam a expressividade do texto, tornando-o fonte documental e de registro para os historiadores que, na época baseavam, os estudos sobre a realidade histórica nas crônicas.

No entanto, não se restringiu à época a importância das crônicas, visto que foram determinantes para os fatos históricos, pois se verifica que, posteriormente, ainda determinaram a concepção dos feitos narrados, servindo de inspiração e influências para outros textos, dentre eles, os historiográficos e literários.

O contexto que marcou e motivou a escrita dessas crônicas, teve início em 1492, quando os povos brancos e europeus deixaram suas terras com o objetivo de conhecer as Índias sua magnitude e multiculturalismo expostos por gentes que viviam as suas tradições baseadas na flora e fauna, nos ritos e mistérios, nas riquezas e nos

monumentos. Estes povos, antes de descobrirem um novo continente, que se chamaria América mais tarde, já possuíam história e política próprias e um vasto império que despertou a obsessão e ambição daqueles que tardiamente chegavam.

Designada por muitos escritores, teóricos e historiadores como uma “empresa magnífica e extraordinária”, instaurada no imaginário europeu, a Conquista da América promoveu mais que a “propaganda” e exploração das novas terras: suscitou o conhecimento e as possibilidades de perscrutar caminhos por meio de personagens históricas, revividas e memorizadas na consciência coletiva das sociedades, vinculadas às nações que surgiram pelo sucesso das batalhas territoriais na época mencionada.

Nesta conjuntura, destaca-se a atuação dos conquistadores que agiram com astúcia e poder para obter as riquezas dos povos que ali habitavam. Depois de muita resistência desses povos, a América havia sido conquistada. Todos os sucessos foram absolutos e enfatizaram a trajetória de um continente pelos olhares acerca do outro, mas que, no presente texto, atenta-se especificamente, para a Conquista do México. A empreitada pela conquista mexicana é apontada como a mais complexa, visto que suscita diversas interpretações acerca do período e das personagens envolvidas.

Sendo assim, insere-se a índia Malinche que, até os dias atuais, é marcada pela dualidade, pelos estereótipos, preconceitos e paradigmas que, tanto a exaltam como “Madre de la Pátria” (González Hernández, 2002), quanto a denigrem, condenando-a a carregar a “culpa” pela caída de todo um império. Pelas crônicas da Conquista, vários historiadores e literatos puderam visitar os textos com o objetivo de analisar e desvendar os enigmas que envolvem a personagem.

Em vista disso, abordamos a complexidade carregada pelo nome e imagem da personagem histórica, descrevendo-a contextualmente:

No ano de 1512, o espanhol Hernán Cortés chegou à região onde hoje se localiza o território do México. Como “presente”, recebeu dos indígenas um grupo de vinte índias para trabalharem como escravas. Dentre elas, Malinche se destacou das demais, pela sua desenvoltura e pelo seu conhecimento linguístico, tornando-se a tradutora entre a língua espanhola e o *náhuatl*. A proximidade com o colonizador espanhol a transformou em amante de Cortés e, nas palavras de González Hernández (2002), em agente transculturador, principalmente ao dar à luz o mestiço Martín.

Porém, por suas atribuições como intérprete de Cortés, Malinche foi considerada traidora pelo seu povo. A ideia de traição tem-se perpetuado ao longo desses cinco séculos da história da América Hispânica e, desde então, a figura de

Malinche se mantém controversa e carregada de significados, o que contribuiu para que a sua imagem seja continuamente revisitada pela história, pela tradição cultural e, especialmente, pela literatura contemporânea.

O presente trabalho “As representações de Malinche entre literatura e história” parte da leitura e análise das crônicas da Conquista, em especial das que escreveu Bernal Díaz del Castillo, com foco no estudo da representação do papel de Malinche e sua ressignificação pela Literatura contemporânea. Esta linha de investigação nos permite contemplar dois momentos históricos distintos e importantes para a construção identitária de Malinche: a época da Conquista e o momento atual, procurando verificar como a representação histórica e cultural de Malinche sofreu mudanças ao longo dos séculos a partir de releituras e interpretações distintas dos textos da Literatura da Conquista, em especial da *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, de Bernal Díaz del Castillo (1632) e das *Cartas de Relación* (1519), de Hernán Cortés.

Para o desenvolvimento do trabalho, consideramos alguns textos da Literatura de autoria feminina, como *Malinche* (2005), de Laura Esquivel, *La culpa es de los tlaxcaltecas*. (1989), de Elena Garro e *El sueño de la Malinche* (2012), de Marcela del Río, escritoras de grande representatividade da literatura mexicana que resgataram a personagem histórica em suas obras de ficção, com a proposta de visitar a imagem de Malinche, no sentido de questionar a ideia de traição.

Uma obra literária sempre é ficção, ou seja, as personagens são entes inventados e reproduzidos (CANDIDO, 2005). No entanto, as obras das escritoras não desvalorizam ou cancelam a História. Pelo contrário, a reinterpretam. A visão da personagem é edificada para reivindicar a voz feminina, assim como para salientar uma “nova leitura”, por meio da qual nos permite repensar a questão da traição de Malinche em relação ao seu povo.

Assim, observa-se como a Literatura contemporânea se apropria/dialoga com documentos históricos, numa linha limítrofe entre História e Literatura. Ou seja, a mulher escritora também reserva a si o poder de rememorar o passado e influir sobre este, acrescentando-lhe uma nova forma de pensar, utilizando a arte literária. O que se sobressai, muitas vezes, é o foco para o qual elas direcionam o seu romance, distinguindo-se da narrativa escrita por homens.

A Literatura Hispano-americana contemporânea, especialmente o romance histórico, é marcada por um caráter que se poderia chamar de patriótico, uma vez que a maioria das obras pertencentes a esta Literatura se referem às mudanças políticas e

sociais. Não obstante, as escritoras e suas obras mencionadas assumem um papel de representatividade da figura feminina, num momento em que se apresentam grandes revoluções de pensamento como o fim de equalizar o valor da mulher diante de um cenário privilegiadamente masculino.

Nos dias atuais, o interesse pela História tem como uma das causas a busca de identidade de um povo à procura de suas origens. Neste ínterim, estão leituras de fontes documentais, que asseguram uma severidade histórica, mas também aquelas provenientes da Literatura, onde se encontram as releituras dos textos que tentam enfatizar uma versão como “verdadeira”.

História e Literatura sempre estiveram juntas, desde os primórdios, mas após a ascensão da História como ciência, por volta do século XVIII, uma parte da Literatura modificou a sua maneira de tratar a História. Dessa forma, os romancistas contemporâneos reivindicam poder oferecer uma interpretação do passado histórico por meio das narrativas e dos discursos linguísticos.

Neste sentido, nosso objetivo não é desfigurar a história, nem propor um contra discurso, mas sim entender os estudos sobre os variados tipos de discurso e de diversidade de vozes como reconhecimento do outro. Refletindo a construção da identidade mexicana em respeito à figura de Malinche, mais especificamente em como a indígena foi representada nas crônicas da Conquista do México, procuramos, também, levantar questionamentos como: Qual é a imagem representada de Malinche por Bernal Díaz Del Castillo diante de sua atuação na Conquista do México? Qual é a imagem criada da indígena pelos povos mexicanos e para a historiografia oficial? Como a História influenciou o discurso literário, mais especificamente, a Literatura Mexicana contemporânea de autoria feminina?

Dessa forma, a elaboração do trabalho tem como ponto inicial a imagem de Malinche pela história, a partir da construção discursiva de Bernal Díaz del Castillo presentes nas crônicas da Conquista.

O primeiro capítulo “A representação de Malinche” apresenta a história da indígena e sua atuação na Conquista do México ao lado do conquistador espanhol Hernán Cortés. Assim, são contextualizados o momento histórico vivenciado, as personagens e suas representações na época mencionada. Em seguida, são abordados obras e nomes de alguns cronistas, como Francisco López de Gómara e Bernal Díaz del Castillo que documentaram sobre esta personagem. O principal referencial para a análise da pesquisa são as crônicas de Bernal Díaz del Castillo, pois é o cronista mais

revisitado pelos teóricos e pelos escritores literários. Similarmente, no capítulo, é abordado um pouco da origem de Malinche e como as primeiras representações dela serviram para determinar a imagem de Malinche e o imaginário mexicano através da memória coletiva.

O segundo capítulo problematiza a relação entre Literatura e História para entender como tal relação fomenta a linguagem por meio dos discursos. E, nesta perspectiva, discorre a respeito do caso de Malinche na Literatura e na historiografia contemporânea. Ou seja, expõe aspectos ligados à representatividade da personagem nos textos referenciados por escritores e escritoras mexicanas.

No terceiro capítulo, são apresentadas as escritoras mexicanas Laura Esquivel, Marcela Del Río, Elena Garro e a análise das respectivas obras que enfocam a história da personagem Malinche, considerando a relação entre Literatura e História. A análise terá como ponto de referência, a questão da ressignificação da nativa na Literatura.

Por fim, o quarto capítulo, expõe a história da personagem Malinche como objeto de aprendizagem (OA), tendo em vista o desenvolvimento de ações didáticas para contemplar aspectos ligados à Colonização espanhola, tema pouco estudado na educação básica –, e também a representação social da mulher na sociedade por meio do gênero textual crônica.

No que tange ao cenário contemporâneo à personagem, vemos que, a partir do mito relacionado à traição, surgiram teóricos como Cristina González Hernández (2002), que esboçou minuciosamente estudos sobre Malinche, ponderando sobre os elementos peculiares acerca o mundo asteca, passando pelos mitos como La llorona e La Chingada até a época depois da Conquista, o que permitiu uma reflexão sobre a figura de Malinche e, também, sobre os pormenores associados à época. Segundo González Hernández (2002, p.11) “La Malinche ha trascendido el ámbito de la historia para transformarse en mito omnipresente en la sociedad mexicana”. González Hernández é um dos principais referenciais teóricos sobre Malinche ao investigar sobre a vida da personagem e nos expor por meio de análises, os discursos envolvidos nos contextos que configuram a imagem de Malinche no maior símbolo de expressão da cultura mexicana. Da mesma maneira, na esfera literária, escritores do século XX como Carlos Fuentes e escritoras como Laura Esquivel, Marcela Del Río, Elena Garro ora escreveram reivindicando a voz de Malinche, ora promulgando o papel de mulher submissa e traidora. Em vista disso, o trabalho justifica-se em virtude da figura de

Malinche ter surgido na época da Conquista do México, por ter tido sua vida registrada por espanhóis e porque faz parte da identidade mexicana até os dias atuais.

2 A REPRESENTAÇÃO DE MALINCHE NAS CRÔNICAS DA CONQUISTA

A chegada à América pelos primeiros colonizadores fomentou mais que o conhecimento das terras recém-encontradas. Provocou, sobretudo, reações concernentes ao imaginário dos povos ibéricos diante de territórios e povos de culturas singulares.

No âmbito da colonização pelos espanhóis, destacam-se os acontecimentos ligados à Conquista, por Hernán Cortés, do território onde hoje se localiza o México.

Definida por Todorov (2010, p. 73) como a “Conquista mais espetacular, já que a civilização mexicana é a mais brilhante do mundo pré-colombino”, a colonização suscitou diversas representações decorrentes do contato entre Velho e o Novo Mundo que influenciaram na história de um povo, atualmente, denominados mexicanos.

Uma destas representações está relacionada à atuação da indígena Malinche, a intermediadora entre indígenas e espanhóis, que foi caracterizada culturalmente como traidora por ter “auxiliado” os espanhóis no empreendimento da conquista territorial, contribuindo para a derrocada do império asteca.

Devido ao trabalho de intérprete de Cortés, a imagem de Malinche como traidora tem sido consolidada ao longo dos séculos e alguns dos textos norteadores para tal ideia são as crônicas de Bernal Díaz del Castillo:

Esse Bernal Díaz servira sob as ordens de Cortés na campanha contra os astecas, anos depois, já (segundo ele próprio) velho e empobrecido, escreveu uma longa narrativa sobre os impressionantes acontecimentos de que participara.

(GREENBLATT, 1996 p. 169)

Os relatos do cronista com respeito à nativa são os mais detalhados, e de acordo com Freitas (2017, p. 253):

O cronista conviveu com a personagem histórica na época da Conquista do México, foi quem mais destinou espaço em sua obra para comentar sobre a figura de Malinche e o que explorou de modo mais amplo como ela vivia junto aos espanhóis e indígenas, já que nem mesmo Hernán Cortés, em *Cartas de Relación*, faz referência à vida de Malinche, apenas mencionando-a como “mi lengua”.

Sendo assim, as crônicas de Díaz del Castillo possuem valor relevante em relação à figura de Malinche por propiciar informações que possibilitaram interpretações acerca da participação da indígena na Conquista.

No entanto, essas interpretações, principalmente no século XIX, desencadearam visões por parte dos nacionalistas, que transfiguraram a visão de Malinche e a

apontaram como uma personagem de cunho negativo e traiçoeiro, como bem pontua Todorov (2010):

Os mexicanos pós-independência geralmente desprezaram e acusaram a Malinche, que se tornou encarnação da traição dos valores autóctones, da submissão servil à cultura e ao poder europeus. (Todorov, 2010, p. 147)

Como assegura o autor, esta caracterização de “ser renegado” sobre a imagem de Malinche se consagrou pelo imaginário mexicano. Por isso, muitos escritores, dentre eles, Octavio Paz, escreveram obras destinadas a abordar a figura de Malinche com a versão inicial das crônicas, preservando o discurso que disseminava a ideia de traidora.

Devido a esses aspectos, o texto busca problematizar elementos sobre representação de Malinche, considerando as formas de discurso empregadas por Díaz del Castillo a fim de se verificar como os relatos formulados no século XVI exerceram influência no contexto social de uma sociedade.

Para isso, são necessários alguns apontamentos sobre os discursos que abordam o tema da Conquista do México expostos por Castillo (1964), Todorov (1983), González Hernández (2002), Le Goff (2013), Greenblatt (1996), Glantz (2006) e José (2011) com o objetivo de assimilar como estes autores discorrem sobre a imagem da intérprete de Cortés e contribuem para suscitar elementos representativos para a época mencionada e, também, para a contemporaneidade.

Abordar o tema Malinche é um trabalho longo e árduo que deve ser limitado no presente trabalho.

Malinche e o imaginário mexicano

Denominada pelos espanhóis como Doña Marina (nome adquirido ao ser batizada e submetida ao cristianismo), Malinche ou Malitzin (como era conhecida por seu povo) teve um papel primordial na Conquista. Converteu-se na “língua” de Hernán Cortés, tornando-se sua intérprete e amante, ajudando-o na conquista do território indígena. Ela aprendeu o idioma espanhol ensinado pelo religioso Jerônimo Aguilar, que também era tradutor de Cortés, sendo a intermediadora entre as culturas. Malinche falava maia e *náhuatl*, assim como Aguilar. Com isso, houve a possibilidade de rede de comunicação entre eles.

Abandonada pela mãe, desde criança trabalhou como escrava, servindo os seus senhores. Porém, a indígena teve sua vida transformada ao conhecer o conquistador

espanhol, sendo a primeira mulher a mesclar a cultura indígena com a cultura espanhola ao conceber de Cortés o mestiço Martín (Fuentes, 1992).

Sobre a origem de Malinche, Díaz del Castillo (1632) narra que os pais eram caciques de um povo de Painala, mas, com a morte do pai, a mãe se casara com outro e gerara um filho. Para manter intacto o título de cacique do filho, a mãe e o padrasto de Malinche decidem doá-la aos índios Xicalango. Dentre os índios Xicalango, havia uma índia que perdera sua filha. Aproveitando a morte da menina, os pais declaram que era Malinche quem havia morrido. Posteriormente, os Xicalango deram-na aos Tabascos e, depois, a Cortés, com o qual permaneceu, sendo não só intérprete como também conselheira, conforme afirma Díaz Del Castillo (1632).

Como podemos observar, o histórico de vida de Malinche, por si só, já nos permite problematizar a questão da traição, uma vez que foi a indígena quem foi traída primeiramente, e não se trata de qualquer traição, mas sim da traição de sua própria família. Ao ser desprezada pelos pais e doada de povos em povos, Malinche acaba adquirindo permanência significativa apenas ao lado de Cortés. Sobre este fato, Todorov (1983) revela que, provavelmente, existia certo rancor por parte de Malinche e isso teria influenciado a “escolha” da nativa pelos espanhóis.

Entretanto, para os povos mexicanos, tal aspecto torna-se irrelevante e, para muitos, o nome da indígena ainda é sinônimo de traição, palavrão e maldição.

Renegada pelo seu povo, a vida de Malinche passou a ser estudada por perspectivas tanto históricas quanto mitológicas (como as lendas “La llorona” e “La chingada”) que dão maior destaque para esta figura marcada como infiel pelo seu povo.

Segundo González Hernández (2002), Malinche é uma das personagens mais controversas da história do México, pois sua figura associa-se a lendas e mitos, que tanto exaltam a imagem da personagem por causa de seu papel como mediadora entre as culturas indígena e espanhola quanto denigrem sua representação com histórias que a associam como símbolo maldito, miserável e traiçoeiro.

Todavia, a autora ressalta que, a partir do século XX, surgem diversos escritos tanto historiográficos como literários resgatando a vida de Malinche e que muitos desses escritos tomavam como fonte de inspiração as crônicas da conquista do Novo Mundo, especialmente os textos de Bernal Díaz del Castillo.

Las Crónicas de la Nueva España

Com respeito a Bernal Díaz del Castillo, diz Obregon (1632), “pocas son las noticias que poseemos acerca de los primeros años de la vida del famoso capitán e inimitable cronista Bernal Díaz del Castillo” e que, apesar de “Muy joven aún se lanzó a la azarosa existencia de aventurero y conquistador, impulsado por el espíritu que animaba a sus coetâneos por ardor caballeresco (...)” (OBREGON, 1894, p. 5).

Villar (1998), conta que

Nació en Medina del Campo, Castilla la Vieja, hacia 1495-96; murió en Guatemala después de 1580, tal vez en 1583. Conquistador de los primeros, participó en los viajes exploratorios de Fernández de Córdoba y Juan de Grijalva, Actuó durante la lucha por el dominio del Imperio Mexica y fue testigo de calidad en toda ella. Dotado de inigualable memoria, de una capacidad enorme de reconstrucción y de una admirable vitalidad y frescura de expresión, dejó en su obra, escrita como réplica a la de López de Gómara, uno de los testimonios más valiosos de la conquista de México. (VILLAR, 1998, p.249)

Incontestavelmente, Díaz del Castillo foi notável, não só por sua participação na empreitada colonizadora como também como cronista. Por certo, sua devoção à coroa era fundamental para justificar sua participação nos combates e nas conquistas. Para Obregon (1894), no entanto, ainda que Díaz del Castillo mencione que foi movido em sua contribuição nas conquistas pela fé e servidão aos reis, nota-se pelas queixas sobre botins que ele ansiava também por fortunas, como menciona Obregon (1894),

Muy joven aún se lanzó a la azarosa existencia de aventurero y conquistador, impulsado por el espíritu que animaba a sus coetâneos *por ardor caballeresco o por afán de lograr fortuna*, aunque él mismo protesta que ni en sus primeras expediciones ni en las empresas posteriores, le guió otro móvil que servir a Su Majestad y a la Fe Católica. Más sus quejas repetidas sobre el reparto del botín y sus reiteradas instancias para asegurar las encomiendas, hablan muy elocuentemente en sentido contrario (OBREGON, 1894, p.6, *grifo nosso*).

Álvaro Obregón (1894) confirma a genialidade com que as crônicas de *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* foram escritas:

Disculpe-mos, empero, estas debilidades, comunes á todos sus contemporâneos, y en gracia de la sencillez, del candor y de los servicios que prestó el buen Bernal; y mu y principalmente por habernos legado una inestimable crónica, que apesar de todo sus defectos de estilo y de fondo, es el documento más auténtico y veraz que tenemos, junto con las Cartas de Hernán Cortés, para escribir la historia de la Conquista. Bernal Díaz en su obra ruda, pero pintoresca, nos transporta aquellos tiempos; presenciamos con él todos los sucesos: conocemos con sus retratos, faltos de arte, más llenos de vida y colorido, á todos los héroes, á todos los conquistadores, desde el último soldado hasta el audaz conquistador jefe de la atrevida empresa. En esta obra que nunca se cansa uno de leer y consultar, su auto nos dejó consignados muchos datos para su biografía en ellas e refleja el hombre, rudo y franco, y el verdadero cronista desaliñado, pero sincero.” (OBREGON, 1894, p.6).

A crônica de Díaz del Castillo não revela somente os acontecimentos da Conquista do México, mas também a identidade e a personalidade do cronista. Sabemos que foi uma das principais referências para estudos sobre a conquista da “Nova Espanha”.

A Conquista do México também é denominada de La Nueva España, ou seja, não havia uma dissociação da Espanha para a nova terra. Contudo, o termo pode ser usado como um recurso para marcar a extensão de terras, cujos sucessos de apropriação, se revelem em seu sentido literal.

Quanto à obra, Obregon (1894), deixa claro sua admiração pela escrita de Díaz del Castillo. Contudo, há que se ponderar sobre o modo como o cronista descreveu os acontecimentos, uma vez que é observável em sua obra, *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, fatores divergentes quanto à figura de Malinche, ou seja, pode-se dizer que há controvérsias no discurso do historiador.

O título da obra permite pensar que há outras versões abordando o mesmo assunto, indicando, com isso, que o autor tende a chamar a atenção para seu relato como mais fidedigno ou mais confiável, como salienta Duarte (2015, p.1):

E esse "querer dizer a verdade" se originou pelo fato de Bernal ter lido as outras versões. Por isso, tentou em sua crônica convencer ao leitor de que os outros autores, que não ele, estavam contando nada mais que falsidades.

Apesar de que *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, retrata uma narrativa em primeira pessoa, há que se pensar que o conceito de verdade é sempre posto em xeque pela necessidade de análise contextual, temporal e até histórica, como problematiza Duarte:

(...) dizer a verdade, ou melhor, fazer uma história verdadeira entre os séculos XV e XVI implica um problema de natureza historiográfica. Isto quer dizer que essa verdade era problemática por existirem diversas noções de historiografia e havia também a tensão oralidade-escritura, como observa AÑÓN (2003). (DUARTE, 2015, p. 2).

Essas considerações não são apenas válidas no âmbito da escrita de suas Crônicas, mas também se relacionam aos posicionamentos que Díaz del Castillo faz frente a outros escritos, como os de López de Gómara, por exemplo.

Para o cronista de *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, os escritos de Gómara e de outros escritores das fortunas da Conquista não eram tão precisos quanto os seus, além de deixar transparecer que não acredita na veracidade de tais relatos, como exemplificamos a seguir:

Y saltó en tierra con los capitanes y soldados. Y aquellos caciques y gobernadores le vieron en tierra y entendieron que era el capitán general de todos, a su usanza le hicieron gran acato; y él les hizo muchas querencias y les mandó dar diamantes azules y cuentas verdes, y por señas les dijo que trajesen oro a trocar a nuestros rescates. Lo cual luego el indio gobernador mandó a sus indios que de todos los pueblos comarcanos trajesen de las joyas de oro que tenían a rescatar, y en seis días que allí estuvimos trajeron más de diez y seis mil pesos en jovenzuelas de oro bajo y de mucha diversidad de hechuras. Y aquisto debe ser lo que dicen los coronistas Gómara y Illescas y Jovio que dieron en Tabasco, y así lo escriben, *como si fuera verdad*, porque vista cosa es que en la provincia del río de Grijalva ni todos sus rededores no hay oro, sino muy pocas joyas de sus antepasados (DÍAZ DEL CASTILLO, 1632, p.45- *grifo nosso*).

Nesta análise de Díaz del Castillo a respeito do que escreveram os outros, não há um meio termo entre o escrito e o vivenciado, mas ele deixa bem evidente que, do início ao fim, nada é verdadeiro ou que escreveram apenas mentiras os que antecederam seus relatos, como vemos a seguir:

Estando escribiendo en esta mi crónica, acaso vi lo que escriben Gómara e Illescas y Jovio en las conquistas de México y Nueva España, y des que las leí y entendí y vida su policía, y estas mis palabras tan groseras y sin primor, dejé de escribir en ella, estando presentes tan buenas historias. Y con este pensamiento, torné a leer y a mirar muy bien las pláticas y razones que dicen en sus historias, y desde el principio y medio ni cabo no hablan lo que pasó en la Nueva España. (p.58- *grifo nosso*).

No entanto, os relatos inverossímeis de Gómara e Illescas, segundo Díaz del Castillo, não pecam apenas por omitir a verdade sobre os acontecimentos como também o fazem com relação à injustiça de não honrar homens de tão grande valor e seus grandes feitos, reduzindo toda a história de seus enredos aos sucessos de Cortés, ao que diz:

Y demás de esto, he mirado que nunca quieren escribir de nuestros heroicos hechos los dos cronistas Gómara y el doctor Illescas, sino que de toda nuestra prez y honra nos dejaron en blanco, si ahora yo no hiciera esta verdadera relación, porque toda la honra dan a Cortés. Y puesto que tengan razón, no nos habían de dejar en olvido a los conquistadores, y de las grandes hazañas que hizo Cortés me cabe a mí parte, pues me hallé en su compañía de los primeros en todas las batallas que él se halló, y después en otras muchas que me envió con capitanes a conquistar otras provincias (p.983).

Neste trecho, o cronista da Conquista deixa transparecer sua necessidade de se imprimir com nome e coragem de “caballero”, cujas atribuições lhe garantiram, inclusive, presença em novas empreitadas de conquista de “outras províncias”. Talvez aqui esteja parte de sua formação como cavaleiro-andante-leitor formado na academia

Amadís de Gaula. Carmona Fernández (1993)¹, a respeito da escrita da Conquista sob influência “caballeresca”, diz:

El conquistador tiene un modelo ideal, caballeresco y medieval;[...] Teniendo conciencia el conquistador de ser continuador de aquellos caballeros, no faltarán reconocimientos explícitos en las crónicas. [...] Pero todos, guerreros conquistadores o simples colonizadores, responden a un mismo ideal. Como los caballeros artúricos. desempeñan una doble función, [...] extender un nuevo orden: el de la monarquía católica española—, y otra individual ~por su esfuerzo integrarse favorablemente en la jerarquía política de lo conquistado y, obviamente, en una sociedad inicialmente capitalista, el enriquecimiento personal, obteniendo el mayor beneficio (p.4-5, grifo nosso).

Para o pesquisador, a influência aqui não se restringe apenas à forma estilística do relato, mas também à apropriação de um conceito herói-cavaleiro que tem em si os atributos de honra, zelo à coroa, cavalheirismo, heroísmo, fama e reflete uma conjuntura atual da época: “El conquistador no sólo pretende imitar al caballero sino que se identifica con él, hereda su misma función, es su reflejo en la realidad histórica” (1993, p.4). Havia uma leitura forte dos livros de cavalaria na escrita de Bernal. Ratificando essa ideia, encontramos as seguintes considerações no texto do Preâmbulo de Díaz del Castillo (1632, p.1):

[...] Y esto tengo por mis tesoros y riquezas, más que muchas barras de oro que tuviese atesoradas, porque el oro se consume y gasta, y la buena fama siempre haya memoria, pues que en la milicia de lo militar es en que empleé mi mocedad y juventud, y es la cosa más preciada y tenida en este mundo.

Ou seja, o cronista supõe ser a boa fama, acompanhada das graças e benefícios de se apresentar como vencedor, como maior bem-aventurança do que a riqueza conquistada e /ou espólios merecidos.

La Malinche, por Bernal Díaz Del Castillo

O papel de importância da índia Malinche, ou Malintzin, ou Doña Marina na Conquista Espanhola de Nueva España não é questionado em nenhum dos escritos conhecidos. *La lengua*, como é chamada muitas vezes por Cortéz, representa bem como sua presença marcou a história e o percurso histórico dos povos mexicanos. O cronista espanhol ressalta seu valor nos seguintes trecho:

¹ El Conquistador y el caballero medieval: ideología y conducta, In.: Conquistadores, utopía y libros de caballería.

Y como doña Marina en todas las guerras de la Nueva España y Tascala 1945 y México fue tan ecelente mujer y de buena lengua, como adelante diré, a esta causa la traía siempre Cortés consigo. (1632, p.116)

[...] Y luego Cortés, con *la lengua* doña Marina, le dijo que holgaba agora su corazón en haber visto un tan gran príncipe y que le tenía en gran merced la venida de su persona a les rescebir y las mercedes que le hace a la contina. Entonces el Montezuma le dijo otras palabras de buen comedimiento y mandó a dos de sus sobrinos, de los que le traían de brazo, que era el señor de Tezcucó y el señor de Cuyuacán, que se fuesen con nosotros hasta aposentarnos, y el Moctezuma con los otros dos sus parientes, Cuedlavaca y el señor de Tacuba, que le acompañaban, se volvió a la ciudad. (1632, p.275-grifo nosso)

O fato de que Malinche se torna, para Cortés e à vista dos outros - dadas as referências – não apenas uma índia intérprete, mas elemento crucial para a interlocução entre colonizadores e mexicanos demonstra que sua presença ali foi percebida e aceita como fundamental em todo o processo.

Em sua obra, Díaz del Castillo (1632) nos apresenta as características do físico e da personalidade de Malinche, como uma mulher graciosa, audaciosa e arrojada. Além disso, o cronista ressalta a linhagem nobre de Malinche, reforçando que, diante das outras indígenas, ela era mulher distinta:

y trajeron un presente de oro... no fue nada todos este presente en comparación de veinte mujeres, y entre ellas una muy excelente mujer, que se dijo doña Marina, que así se llamó después de vuelta Cristiana. Cortés recibió aquel presente con alegría...

El mismo fraile, con nuestra lengua Aguilar, predicó a las veinte indias que nos presentaron muchas buenas cosas de nuestra santa fe, y que no creyesen en los ídolos que de antes creían, que eran malos y no eran dioses, ni les sacrificasen, que las traían engañadas y adorasen a Nuestro Señor Jesus Cristo. Luego se bautizaron, y se puso por nombre doña Marina a aquella india y señora que allí nos dieron, y verdaderamente era gran cacica e hija de grandes caciques y señora de vasallos, y bien se le parecía en su persona. (DÍAZ DEL CASTILLO, 1632, p. 35 e 36).

Sobre as outras dezenove índias, Díaz del Castillo não faz esforço de recordar nomes e garante atenção especial à figura de Malinche, caracterizando-a “de buen parecer, entremetida y desenvuelta” e que “sin doña Marina no podíamos entender la lengua de la Nueva España” (Díaz Del Castillo, 1632, p. 37).

Desse modo, podemos inferir que, de um lado, Díaz del Castillo ressaltou a importância do caráter de Malinche como mulher astuta, bela, inteligente e conhecedora de línguas, mas, de outro deixou, vestígios para que outras pessoas, especialmente os mexicanos a associassem ao mito da traição. Este fato fica evidente na descrição do

cronista ao mencionar o episódio de Cholula, no qual uma senhora do povoado relata à personagem a traição daquele povo a fim de aniquilar os espanhóis. Após saber do ocorrido, Malinche adverte Cortés das intenções dos cholulas e, assim, ele arma, com ajuda dos tlaxcaltecas, um ataque contra o povoado, conhecido como *La matanza de Cholula*.

O episódio de Cholula, segundo afirmam alguns escritores, seria uma das principais ações que mostram a lealdade de Malinche perante os espanhóis.

Nota-se, assim, que a representação de Malinche é a mais divergente possível, o que gerou inúmeros estudos sobre a cultura indígena e mexicana nas últimas décadas.

Alguns escritores, como Octavio Paz (2006), retomaram a história da Conquista do México e a de Malinche em seus escritos, porém perpetuaram o estereótipo de mulher traidora sob a ótica do discurso patriarcal. Estes estereótipos se firmaram pelo imaginário que é, de acordo com Pesavento (1995, p. 24), da seguinte forma:

Representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.

Ou seja, o imaginário está associado a toda representação na qual assimilamos inicialmente uma ideia que envolve o exterior para a dissociarmos e a compararmos com a imagem daquilo que simbolizamos como “real”, que se fundamenta em nossa mente em primeiro plano daquilo que realmente significa.

Para definirmos um pouco mais o papel do imaginário, discorreremos sobre as argumentações de Le Goff, citando Évelyne Patlagean:

O domínio do imaginário constitui-se pelo conjunto das representações que ultrapassam o limite imposto pelas constatações da experiência vivida e pelas deduções correlatas que ela autoriza, o que equivale a dizer que toda cultura, portanto toda sociedade e mesmo todos os níveis de uma sociedade complexa, possui o seu imaginário. Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário mostra-se variável, ao mesmo tempo em que o território coberto por esse limite permanece, ao contrário, idêntico em qualquer tempo e lugar, visto que não se trata de outra coisa senão do campo completo da experiência humana, desde o mais coletivamente social até o mais intimamente pessoal (GOFF, 2013, p.7).

Desse modo, torna-se plausível argumentar que, em relação à história de Malinche, o imaginário se mostra variável em consequência das formas de interpretação

que tanto Díaz del Castillo quanto os povos denominados mexicanos tiveram da indígena. Ainda de acordo com Le Goff (2013, pp. 7 e 8):

O imaginário constrói e alimenta lendas e mitos. Podemos defini-lo como o sistema de quimeras de uma sociedade, de uma civilização que transforma a realidade em visões ardentes do intelecto. Em seguida, o imaginário deve ser distinguido da simbólica (...) O termo “imaginário” sem dúvida remete-nos à imaginação, mas a história do imaginário não é uma história da imaginação no sentido tradicional, trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam e animam.

Destarte, pode-se argumentar que é pelo modo de se conceber a imagem de Malinche que observamos e discorremos acerca das tradições simbólicas, que a caracterizaram como traidora e contribuíram para os aspectos mitológicos e lendários. No entanto, deve-se se considerar outros elementos que envolvem os enigmas e contradições da Conquista, pois, durante a exploração e colonização da América, havia interesses ligados aos aspectos religiosos, políticos, sociais e econômicos e estes interesses estavam movidos pelo imaginário, seja ele individual ou coletivo.

Na América Espanhola, imaginação, história e narração mantiveram sempre estreita solidariedade. Se considerarmos os seus primórdios, veremos que um contingente expressivo de mitos, lendas, sonhos, desejos e emoções, chancelado pela fantasia e a imaginação europeias, marcou os fatos dramáticos e decisivos que inscreveriam o continente, definitivamente, na civilização ocidental, segundo a professora Heloisa Costa Milton(200, p.151). Neste sentido, é interessante observar o discurso transmitido pelas crônicas de viagem, elemento constituinte do registro do imaginário.

2.1. CRÔNICAS E AUTORES DE NUEVA ESPAÑA

Acerca do conceito de crônicas, Montaudon (2007) argumenta que o gênero se insere tanto na Literatura quanto na história e correspondem, de um lado, às verdades comprováveis e, de outro, às visões idealizadas e fictícias e menciona que os cronistas, diante do inusitado, aproveitam de situações dramáticas, utilizam uma linguagem evocativa e permitem que seu discurso se enriqueça com elementos criativos que buscam uma aproximação ao ambiente. Ademais, salienta que o cronista é, em geral, autor, narrador e personagem dos feitos que relata, isto é, possui um papel múltiplo e

substancial, que estabelece um papel diferenciador no tocante à acepção de linguagem, como é o caso de Bernal.

A forma como o cronista escreve mostra mais dele mesmo do que do lugar que visitou. Pelo discurso, não se conhece apenas o lugar, mas a visão e a cultura do próprio cronista.

Os trabalhos dos historiadores, cientistas sociais, antropólogos conduzem à reflexão de que as viagens e seus relatos são marcados por uma experiência de alteridade, pelo encontro com o “outro”, pela construção de um olhar sobre o “outro”. Além disso, os conceitos de etnocentrismo e identidade são úteis para pensar em como no contato com o “outro” e no julgamento da cultura alheia o viajante constrói a “si mesmo”, pois a identidade é uma categoria relacional (SCHEMES, 2015, p. 1).

Neste sentido, e também por seu caráter informativo e literário, pode-se dizer que a crônica é um gênero híbrido e heterogêneo. No caso das crônicas que relatavam a Conquista, é importante pensar quem era o público a quem elas se destinavam. Naquele contexto, os cronistas precisavam convencer o leitor daquilo que escreviam como representação do real, ainda mais que este público-destinatário era a própria Coroa.

Schemes (2015, p. 5) atenta para a questão do tempo em que o relato foi escrito, se no período dos acontecimentos ou muito tempo depois, o que coloca em xeque a memória como recurso para resgatar os relatos. Partindo do pressuposto de que o autor fala de seu lugar, o momento da escrita evoca a ideia de que “o ato de revisar o relato põe em trabalho a memória, ressignificando as impressões”.

Os historiadores problematizam as fontes no sentido de que não aceitam textos como as crônicas como fontes, sem se importarem se a crônica pertence mais ao gênero literário do que historiográfico, porque, na época, era a única fonte que existia.

Roberto C. Ribeiro (2010, p.224 apud Schemes 2015, p.7) problematiza a ambiguidade no entendimento da Literatura de Viagem, uma vez que, para os críticos literários, há a noção de que se trata de discurso histórico, e não de discurso literário. Por outro lado, Scheibe (2013) alude ao fato de que o gênero crônica é um típico registro histórico e a vê como um “registro circunstancial”.

Inicialmente, a crônica se apresentou ao mundo por meio de relatos de caráter informativo. Segundo Scheibe 2013, p. 1: “O registro do circunstancial era, segundo Jorge Sá, no século XVI, o principal propósito da crônica” (). O autor ainda complementa:

A crônica apresentou-se aos leitores como relatos puramente informativos – essência do jornalismo. Este estilo informativo desenvolveu-se na Europa, no século XVI, com textos vinculados à historiografia, mas, na Renascença, afastou-se do atributo da narração dos períodos históricos e apresentou uma

mistura de historiografia com texto ficcional; ou seja, os relatos informativos vinham acompanhados de técnicas literárias (SCHEBE, 2013, pp.2 e 3).

Ademais, ao pé da letra, a palavra que nomeia o gênero tem raízes que a definem pelo caráter narrativo histórico, como bem salienta (Lunkes, 2013, pp 7 e 8).

A palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) ou “chronos” (latim), que significa “tempo”. Para os antigos romanos a palavra “chronica” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos na ordem em que aconteciam, sem se prender e se aprofundar neles ou comprova pela origem do seu nome, a crônica é um gênero textual que existe desde a Idade Antiga e vem se transformando ao longo do tempo.

A crônica se relacionava aos acontecimentos históricos, e é a partir do século XIX que ela caminha para o lado mais literário e jornalístico. A esse respeito, o búlgaro Tzvetan Todorov, em *A conquista da América: a questão do outro*, procura nas crônicas os motivos que levaram os espanhóis à vitória. O autor enfatiza que:

O único remédio é não ler esses textos como enunciados transparentes e tentar, ao mesmo tempo, levar em consideração o ato e as circunstâncias de sua enunciação (...) um fato pode não ter acontecido, contrariamente às alegações de um cronista. Mas o fato dele ter podido afirmá-lo, de ter podido contar com a sua aceitação pelo público contemporâneo, é pelo menos tão revelador quanto a simples ocorrência de um evento, a qual, finalmente, deve-se ao acaso (TODOROV, 2010, p. 74).

Assim, mesmo transcorridos anos após as publicações dos relatos, os textos correspondentes à época da colonização resguardam a essência da composição dos cronistas, que se maravilharam com a diversidade de culturas e povos que marcariam por séculos o processo de miscigenação e história da sociedade, entre elas, a Conquista do México, como veremos adiante.

A fim de analisar a representação de Malinche nas crônicas, Montaudon (2007) faz referência a pintores e cronistas que relataram sobre Malinche e depreende que, nas *Cartas de Relación*, Cortés cita brevemente sobre a nativa, apesar de a indígena ter tido um papel fundamental na vida do conquistador, pois, conforme explicita Montaudon, o conquistador destina pouco espaço para relatar sobre a intérprete, referenciando-a apenas como “mi lengua”.

Sobre o discurso de Cortés, considera Milton (2000), é importante perceber que suas intenções literárias tinham destino e motivos certos:

O discurso de Cortés é uma arquitetura verbal articulada sobre duplo eixo, no que se refere à intenção verbal: conferir legitimidade à sanha conquistadora e "conquistar" o destinatário imediato da mensagem, o imperador Carlos V, de quem o guerreiro espanhol esperava reconhecimento e glória, após a

conquista do império indígena. Cortés pertencia a uma família de fidalgos pobres (MILTON, 2000, p.156).

Sob a aparência de documento sólido e verdadeiro, sua escritura é uma criação peculiar, já que, como "cronista das índias", Cortés é, sobretudo, cronista das suas próprias façanhas, fator preponderante na edificação da figura do conquistador, aquela que sai da ficção para ingressar na história (MILTON, 2000, pp.157 e 158).

Entretanto, referente aos relatos de López de Gómara, a teórica aponta que o redator ressalta excessivamente o caráter heroico de Cortés e refere-se à Malinche com relativa indiferença ao mencioná-la como "*la india que servía de faraute*". *Faraute* é termo que designa a pessoa responsável por enviar mensagens a outros, guia ou intérprete.

Estaba con cuidado y pena, por faltarle faraute para entenderse con aquel gobernador y saber las cosas de aquella tierra: pero luego salió della, porque una de aquellas veinte mujeres que le dieron en Potonchan hablaba con los de aquel gobernador y los entendía muy bien, como a hombres de su propia lengua; así que Cortés la tomó aparte con Aguilar, y le prometió más que libertad si le trataba verdad entre él y aquellos de su tierra, pues los entendía, y él la quería tener por su faraute y secretaria (GÓMARA citado por MONTAUDON, 2007, p. 44).

Constata-se, ademais dessa indiferença, que López de Gómara situa Malinche num plano de igualdade com as demais companheiras, pois não a descreve com singular descrição como Díaz del Castillo, assim como também não omite sua participação ativa e necessária como Cortés:

Tanto ella como las demás esclavas que Cortés aceptó en Potonchan y que repartió «entre los españoles por camaradas» conocían los secretos de la tierra, poseían información sobre rutas y reinos, sabían del procesamiento de especias comestibles y medicinales, y entendían los usos y costumbres de su tierra. Al entrar en contacto con Malinalli y sus compañeras en 1519, los conquistadores establecieron una relación íntima con un mundo nuevo que los alimentaba y los acogía. Ellas, a cambio, recibieron una nueva religión y se convirtieron en las primeras mujeres bautizadas de toda la Nueva España (GÓMARA citado por MONTAUDON, 2007, p. 55).

Por isso, muitos autores, ao se referirem sobre a Conquista do México e ao papel de Malinche, dão preferência às Crônicas escritas por Bernal Díaz del Castillo, que toma em sua narrativa como ponto de partida a contestação sobre o que e como escreveu López de Gómara:

Bernal «no admite que alguien que no ha puesto los pies en Indias, y que jamás se encontró en una batalla, se atreva a escribir la historia [...]. Le irrita que el elogio se centre en torno a Cortés, y que los nombres de gran número de conquistadores queden relegados a común anonimato». El suyo, desde

luego, figura entre los omitidos. Díaz del Castillo, en su inconformidad llega, en ocasiones, a atribuir a Gómara cosas que éste no menciona en la Historia de la conquista y le reprocha el que recibiera un pago por escribir lo que otro le ordenara (MONTAUDON, 2007, p. 44).

Desta maneira, para Díaz del Castillo, era inconcebível que López de Gómara tenha escrito relatos sem vivenciá-los e enfoca as divergências que tais relatos provocaram na sociedade espanhola:

La Historia de la Conquista de México, contenida en el segundo tomo de la Historia general de las Indias, causó un gran revuelo y desató tales polémicas que pronto se convirtió en un libro prohibido, debiendo, en adelante, imprimirse fuera de los dominios de España. La cédula de prohibición, que no aclara su motivo, fue firmada el 17 de noviembre de 1553 por el príncipe Felipe, en ausencia de Carlos V. La opinión generalizada apunta a que el excesivo elogio que Gómara dispensa a Hernán Cortés habría incomodado a la Corona Española (MONTAUDON, 2007, p. 46).

Tal fato contribuiu para assegurar as Crônicas de Díaz del Castillo como a fonte mais fidedigna em tratar do tema, já que Díaz Del Castillo se caracteriza como testemunha ocular (GREENBLATT, 1996), ou seja, aquela que, além de ver e escrever, também presenciou e vivenciou cada momento e, por isso, pode conferir mais credibilidade, uma vez, que ele possui autoridade e atribui “veracidade” àquilo que diz.

No entanto, Greenblatt (1996) chama a atenção para o fato de Bernal se colocar como testemunha ocular, tendo escrito as crônicas cinquenta anos depois, o que, de alguma forma, suscita questionamentos quanto à veracidade dos fatos, pois, de acordo com o professor Esteves (2010, p.19), ele contava apenas com a memória:

Sabe-se que também, na maioria das vezes, fica bastante difícil separar o que realmente aconteceu do que poderia ter acontecido. Depois de certo tempo, a memória falha. O ser humano passa a misturar o que aconteceu com aquilo que desejaria que tivesse acontecido; ou, sobretudo, com o que convém que se pense que aconteceu (...).

Deste modo, o que se nota no relato de Díaz del Castillo é uma “tentativa” de trazer à tona os fatos pelo olhar de um “humilde observador, um homem simples e objetivo que transcreve uma versão não distorcida dos fatos. Pode produzir uma ‘história verdadeira’ porque não aspira ao domínio das artes retóricas e porque tomou parte direta nas ações” (Greenblatt, 1996, p.169).

No entanto, Bernal, ao afirmar que não vai utilizar a retórica, já utiliza desde o título “Historia Verdadera” recursos retóricos que, de alguma forma, conduzem o leitor à persuasão daquilo que está sendo narrado. Além disso, ao se colocar como testemunha

ocular e ao mencionar que vai “contar a verdade dos fatos”, teve outro objetivo que foi refutar ou contrapor o discurso de López de Gómara, que escrevia por encomenda.

Por outro lado, Díaz del Castillo enfatiza que quando se escreve o que vivencia, pode-se contestar acusações, ao contrário de quem apenas escreve para persuadir. Além das técnicas de persuasão, nota-se que a obra de Díaz del Castillo é marcada por outro elemento da linguagem: a ironia como componente diferenciador do discurso. Para Milton (2000), a escrita crônica desse contexto tem muito em si do pitoresco romance de cavalaria:

Os romances de cavalaria funcionaram, portanto, como provedores de imaginação e elevaram à esfera mítica a figura do guerreiro merecedor de fama, fortuna e nobreza por seu esforço individual, resultado da conjunção de valores tais como honra, romantismo, coragem, exaltação mística, ambição e paixão pela aventura. Esse ideal de guerreiro, construído na esfera ficcional e na gesta histórica, foi assumido plenamente pelo aventureiro espanhol, aquele que, sentindo-se conveniado com Deus, não hesitou em concretizar os seus modelos imaginários no Novo Mundo. O choque diante da nova realidade aguçou a ação e a fantasia e, como consequência, transformou-as em importante acervo de narrativas historiográficas. Trata-se das crônicas do Novo Mundo, que são, em última instância, um inventário de exotismo que assinala, desde os escritos de Colombo, a transgressão discursiva da realidade (MILTON, 2000, p.158).

A propósito dos livros de cavalaria, nos recorda Milton (2000, p. 1570), que:

Os livros de cavalaria, conhecidos como "livros mentirosos" pelo caráter fantástico do seu conteúdo, que eclipsava nos leitores a percepção da linha divisória entre imaginação e realidade, foram alvo de verdadeira febre de leitura na Espanha, transformando-se em uma sorte de loucura nacional. Em virtude da ressonância extrema de tais livros, o Estado viu-se obrigado a ditar normas, em meados do século XVI, com o fim de coibir a sua leitura, embora o consumo só tenha declinado a partir do momento em que, por excesso de recepção e pela repetição da forma narrativa exaustivamente calcada na imaginação, as obras esgotaram-se como literatura atraente junto ao público-leitor.

Ainda sobre o modo de relatar do cronista, constata-se que, ao mesmo tempo em que se situa como participante ativo dos fatos, também se coloca como um distanciador, pairando a dúvida sobre o testemunho ocular. Há, por exemplo, “passagens na obra de Díaz del Castillo onde se presta tributo à coragem, à vivacidade e à inteligência da intérprete” (Greenblatt, 1996, p. 183) e ao seu importante papel de intermediária, sendo a mulher mais poderosa, figura central responsável pelo diálogo entre culturas divergentes, e “Com seu poder enigmático, ela serve não apenas como a suprema instância do intermediário no Novo Mundo, mas também como emblema do vasto processo de translação cultural a que as descobertas deram início” (Greenblatt, 1996, p. 186).

A respeito do papel de intérprete na época, Greenblatt (1996, p.131) afirma que era imprescindível, já que, no momento do contato entre os colonizadores e os nativos astecas, houve certa frustração no que tange a um diálogo possível, sendo necessária a interpretação por parte de europeus e indígenas com o intuito de fazer contato e praticar algum tipo de troca.

Porém, Malinche não foi a primeira e única intérprete de Cortés, pois, quando Cortés aportou nas terras americanas, entregaram-lhe como intérprete um índio chamado Melchorejo, também denominado como Melquior. Sobre a história do índio, sabemos o seguinte:

Fora aprisionado durante a primeira expedição espanhola ao Yucatán, comandada por Francisco Hernández de Córdoba (...) os espanhóis não confiavam muito na aculturação de Melquior, pois em dada altura Grijalva resolveu não utilizá-lo para entregar uma mensagem, receoso de que o intérprete desertasse e voltasse para seu próprio povo (...), usado como intérprete – a estranha vida de Melquior, ou antes, a narrativa de sua vida, é um artefato do encontro de povos estranhos, uma anedota da oscilação nervosa entre o eu e o outro. E qual foi seu destino após a fuga? Os índios, acredita Bernal Díaz ‘ofereceram-no em sacrifício porque seus conselhos lhes custaram muito caro’ (GREENBLATT, 1996, p. 181 e 182).

Assim, Cortés foi traído pelo primeiro intérprete que fugiu e depois, quando encontrado, dado em sacrifício pelos próprios índios. Para ser intérprete, era preciso que o indivíduo assimilasse o processo de aculturação, e não foi o que aconteceu.

Todavia, o episódio da “traição” de Melquior possibilita repensar como os povos eram tratados naquele momento e em que medida outros índios poderiam estar insatisfeitos com a política do local e com alguns rituais religiosos, o que desencadeia a indagação sobre o papel de Malinche: por que Malinche deveria ter voltado para seu povo se ela foi doada por eles, uma vez que eles não a ajudaram quando ela precisou?

A respeito destas indagações, observa-se pelos estudos sobre a nativa que o que permaneceu foi a ideia da “culpa”, pois: “‘Doña Marina’ foi incompreendida e sobre suas ações recaiu a culpa pela conquista do povo asteca e o fracasso do imperador asteca Moctezuma II, que não foi capaz de defender o seu povo” (Freitas e Ribeiro, 2012, p.2).

Destas considerações, podemos problematizar duas coisas. Primeira, Montezuma não foi apenas um líder propenso à fraqueza e à mercê dos colonizadores. Sua história demonstra uma preocupação em ver cumpridas profecias e, por compreender que seu cumprimento chegara junto a Cortés, estava despreparado para a batalha que viria. Segunda, embora nomeada com tão dignos adjetivos, Malinche é representada como a

parte lúcida naquele contexto, se, no entanto, deixar de assumir um papel historicamente construído de traidora dos seus.

Além disso, para Todorov (2010, p. 156)

Doña Marina era um instrumento capital; se depois a deitou fora como coisa usada, por mais de um ano dependeu quase inteiramente dela, não só em virtude de sua habilidade linguística, mas também para informação estratégica e compreensão da realidade centro-americana (...).

Assim, ponderando sobre as alegações de Todorov (2010) e Greenblatt (1996), pode-se inferir que Malinche, como é descrita na obra de Díaz del Castillo, é uma figura enigmática e singular, já que se pode atribuir e contestar diversos tipos de representações, entre eles, o de agente transcultural, que, de algum modo, também é um caráter recorrente nos relatos da Conquista. Contudo, o papel que ainda permanece é o de traidora que, no presente texto, é o contestado, uma vez que é observável que vários outros motivos nos levaram a questionar a traição de Malinche como o culto as profecias, o descontentamento entre povos indígenas, a “ingenuidade” de Montezuma, etc.

Ademais há que se ater à forma como Malinche foi representada: “Malinche apareceu nos relatos de índias porque estava na consciência dos cronistas da conquista, lugar ocupado somente pelos indivíduos centrais da história” (JOSÉ, p. 63 e 64).

Assim, depreende-se segundo Cantó (2017, p.75 apud José, sd) que:

A autoria masculina dos textos da conquista parece ter refletido na própria escritura dos acontecimentos, porque as crônicas tomaram um caráter completamente varonil, tanto na descrição informativa quanto na seleção dos eventos ocorridos. Se as poucas mulheres citadas por essas Crônicas de Índias conseguiram representar o lugar das personagens femininas na conquista, sobretudo as indígenas, certamente tiveram um papel destacado nesse espaço ocupado por homens. É relevante notar que Malinche e outras mulheres tiveram suas histórias mediadas e escritas na época pelo interesse e atenção despertados a partir de sua própria atuação.

Atuação que a promulgou negativamente, mas que a inseriu como protagonista de sua própria história e a desviou de um destino que até então não havia mudado: o de escrava.

É evidente que Malinche, nas crônicas espanholas, carece de voz, pois ela não era a protagonista, mas tudo ela interpreta por meio do seu discurso indireto (Glantz, 2017), e nos remete a repensar o seu papel, imposto por um discurso varonil.

A partir das considerações sobre as crônicas de Bernal Díaz del Castillo, é possível verificar como se deu a construção do mito da traição de Malinche pelo imaginário mexicano e europeu, visto que tais relatos contribuíram não só para nos dar a

entender os acontecimentos da época da conquista, mas primordialmente por fornecer informações sobre Malinche que nos permitiram uma maior reflexão sobre a participação e o papel da indígena na época mencionada, ainda que de forma ambivalente.

Rinaldi (2007) diz que “(...) é na leitura do outro que se realiza não somente o conhecimento, mas o reconhecimento de sua condição” (p. 13). Talvez a crônica de Bernal tenha mais de “retórica” do que de “história verdadeira” (realidade) e os autores recorrem à escrita de del Castillo pela linguagem, e não por confiarem que a história seja a verdadeira. A linguagem de Bernal, de alguma forma, convence pelo modo expressivo. Os relatos dos cronistas deixam patente essa conjunção de ficção e história que define a América hispânica e que recria/constrói sua memória, arte, cultura e trajetória literária (Milton, 2000, p.160).

Além disso, o discurso de Díaz del Castillo amplia as formas de se conceber e também questionar sobre a forma como Malinche é interpretada pelo discurso nacionalista e agrega alguns apontamentos necessários para os estudos históricos acerca da Conquista do México, do papel de mediação que os intérpretes como Malinche exerciam e também do papel da mulher indígena no período das colonizações.

Com isso, deve-se considerar que os relatos servem como ponto de partida sobre os possíveis modos de se conceber os valores entre culturas distintas como a europeia e a espanhola e que, por intermédio desses valores, cria-se denominações sobre variados aspectos, possibilitando problematizar e repensar alguns elementos no presente texto sobre o perfil de traidora de uma indígena que, apesar de porta-voz entre mundos, foi silenciada mediante alguns discursos.

Por fim, pode-se constatar que a figura de Malinche se revela no imaginário europeu e mexicano por apresentar uma imagem distinta da representatividade da mulher na época, pois, além da comunicação, Malinche representa o agente responsável pelo processo de miscigenação e transculturação. Pode-se dizer que a imagem de Malinche auxilia no tocante à ideia de nação, o que vai facilitar a configuração dos povos posteriores.

Origem do nome Malinche

Os autores não conseguem precisar a vida de Malinche, mas há uma série de especulações a respeito de sua vida e morte, ademais do que relatam as crônicas. Para González Hernández (2002):

Cualquier aspecto de la vida y acción de la Malinche ha sido motivo de discrepancia entre los autores (biógrafos, historiadores, ensayistas, etc.). Todavía en la actualidad se sigue discutiendo acerca de su lugar de nacimiento, su extracción social, el papel que desempeñó en la Conquista, la fecha y lugar de su muerte, etc. Incluso cuestiones irrelevantes en apariencia son capaces de suscitar las más apasionadas opiniones, juicios, condenas o exaltaciones (...) (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 181).

Há, neste íterim, certa ambiguidade até mesmo em relação ao nome, a origem e a aparência porque não há consenso entre os autores. Os nomes de Malinche tem origem étnica e etimológica, dada sua concepção indígena, ademais de nobre entre os seus. No discurso histórico, é conhecida como Malina, Malinalli, Marina, Malintzin, Malinche. Segundo González Hernández (2002):

Los diferentes nombres, convenientemente ordenados, parecen corresponder a sucesivas etapas de un proceso, siendo indicativos de algunas transformaciones fundamentales del sujeto histórico tanto en el ámbito indígena como el español, al tiempo que reflejan la visión particular de los autores (...) (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 182).

Segundo o autor, ao que tudo indica, Malinche teve uma importante evolução desde que se associara aos espanhóis, e Malina ou Malinalli, corresponderiam à vida de serva antes da chegada dos espanhóis. Esse nome é o que aparece nas fontes indígenas e é utilizado por escritores indigenistas posteriores (González Hernández, 2002). Marina é o nome que se adquiriu ao ser batizada pelos espanhóis acrescentando a palavra Doña.

(...) Con el nombre de Marina, impuesto por los españoles en el bautismo, la india saldrá de la oscuridad que envuelve sus primeros años de vida y pasará a convertirse en sujeto de la historia (...) este nombre será el generalmente aparece en las crónicas españolas y así será también la designada por los escritores hispanistas de los siglos XIX e XX (...) (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 182).

Provavelmente, o nome Doña Marina, dado à jovem índia depois do sacramento do batismo, tenha relação com a devoção dos espanhóis católicos com Maria, mãe de Cristo. Mais tarde, alguns autores a chamaram de Doña Marina de Jaramillo, devido ao seu casamento com o capitão do exército Jaramillo. A passagem do nome Marina para Malinche pode ter ocorrido por questões fonéticas ou pode ser que o nome cristão tenha influenciado o nome indígena ou vice-versa. Sobre este nome mais conhecido da jovem, Malinche, diz González Hernández (2002):

Finalmente, Malinche, pronúnciação espanhola de la palabra azteca Malintziné o Malintzé con la que los indígenas designaban tanto a intérprete como a Hernán Cortés, adquirirá con el transcurso del tiempo las connotaciones más peyorativas. Llegará a designar más que a un sujeto real, histórico, a una figura mítica, a una permanente obsesión para los mexicanos, entre los que alcanzarán rápida y amplia difusión los neologismos malinchismo y malinchista con los que se nombrará la traición a la patria y a los traidores de todos los tiempos (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 182).

Para o autor, o que percebemos é que Malinche é um ser ambíguo no nome e esta ambiguidade está relacionada a uma crise de identidade, já que os diversos nomes correspondem a uma etapa ou momento da vida da indígena que se divide em antes, durante e pós conquista, o que marca um posicionamento ou não de Malinche como ser e sujeito e histórico. Ainda assim, há várias outras interpretações acerca do nome, como, por exemplo, que o nome a que se referiam à indígena poderia estar relacionado à cultura indígena, e mais especificamente, a um nome do calendário da cultura asteca, que significaria signo infortunado: “(...) Pudiera tener también su origen en la palabra tenepantla, lo que se traduciría como entremetido y revoltoso (...)” (González Hernández, 2002, p. 185), o que explicaria e até confirmaria sua vida e história.

O nome Caonia, estaria relacionado a relatos expostos por cronistas como Domingo Lázaro Arregui, que serviu de influência para a teoria de Agraz García como pertencente à etnia dos coanos, povos indígenas que habitaram a região montanhosa da região ocidental no território mexicano.

Os autores se baseiam na descrição dos cronistas para traçar a origem de Malinche, contudo, até por seu caráter (forçadamente) nômade, é delicado precisar todos os aspectos de sua vida.

Sobre a mestiçagem

É relevante conhecer, ou pelo menos, fazer uma aproximação da formação pessoal e histórica de Malinche; contudo, há uma negação dos mexicanos em relação às origens. Todo imaginário perpetuado pelas alusões à índia como facilitadora do processo de colonização criou uma concepção na qual, de acordo com Samuel Ramos (sd) apud González Hernández (2002),

(...) el malinchismo surge del complejo de inferioridad y, a su vez, el sentimiento de inferioridad arrancada de la historia misma de los mexicanos, de su condición de raza vencida y de haberse fundado el mestizaje por medio de la violencia. En opinión de este ensayista, fue primero un sentimiento

inconsciente que se originó durante la Conquista y los siglos de dominio español y se manifestó conscientemente a partir de la Independencia (...) (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p.139).

Este complexo nacional da concepção mexicana até os dias atuais é tema de investigação de vários autores, entre eles Octavio Paz, que busca nas origens dos mexicanos a solução para o problema de nacionalidade. Escritores da mexicanidade se imprimem como coadjuvantes no processo por volta de 1950 e 1960. González Hernández (2002), ressalta:

(...) De forma, paralela a la historiografía nacional, encaminada a la construcción del sujeto México con sus antecedentes y su desarrollo, estos ensayistas trabajan en la elaboración del sujeto el mexicano. La toma de conciencia de todos los llamados escritores de la mexicanidad les ha llevado a indagar en la historia, especialmente en el período de la Conquista, para encontrar las claves de la mexicanidad, y en función de ésta han elaborado sus interpretaciones (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 139).

A complexidade em torno da personagem se dá pela complexidade dos próprios mexicanos enquanto nacionalidade. Abordar a história de Malinche é também abordar a história dos mexicanos. Sobre a obra de Octavio Paz, digamos que são “(...) Síntesis de las teorías elaboradas por los intelectuales mexicanos a partir de 1934” (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 141), já que:

[...] el libro de Paz indaga en el origen bastardo de la raza y culturas mexicanas, interpretando la Conquista como una doble violación física y cultural. Acepta, así, la existencia de un sentimiento de inferioridad en el mexicano, originado en la Conquista, que ha hecho que el inconsciente colectivo de la nación quede impreso como un estigma su condición de hijo de la Malinche, de producto de la unión de una madre chingada y un padre chingón [...] (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 141).

En consecuencia, el mexicano y la mexicanidad, según Octavio Paz, se definirían como ruptura y negación tanto en la herencia hispana como del pasado indígena, como una conciencia, pues, de orfandad, de soledad, y a la vez como búsqueda de los caminos para trascender dicha soledad (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 142).

Há um sentimento complexo dos mexicanos em relação às origens. O sentimento que predomina é da solidão que se instaura na consciência coletiva. Em face de terem sido “duplamente violados” (física e culturalmente), segundo González Hernandez, o complexo sentimento de aceitação de uma ou outra origem fica mais evidente pelo não reconhecimento da própria origem.

[...] El complejo o, no expresado más suavemente, sentimiento de inferioridad que caracteriza la idiosincrasia del mexicano es interpretado de

la misma manera, con su origen en la Conquista y su consecuencia en el malinchismo [...] (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 142).

Da mesma maneira, Jorge Segura Millán, diz que o discurso a respeito de Malinche e da herança cultural que se seguiu à sua participação na Conquista se renova a partir de diferentes perspectivas teórico-textuais:

(...) El autor interpreta la actuación de la Malinche como producto del resentimiento generado por su condición de esclava, lo que hace ver en los conquistadores una posibilidad de liberación y de encumbramiento social, aunque al mismo tiempo recurre al tópico del amor como otro de los móviles de la intérprete. Afirma que no se puede comprobar la intervención traidora de la Malinche en Cholula, pues sólo Cortés cuya versión copió y fantasear el cronista Bernal Díaz la hace aparecer como descubridora de una conspiración, para exculparse de la matanza de ante Carlos V, matanza que sólo tuvo por finalidad amedrontar al pueblo de Tenochtitlan antes de entrar en la capital del Estado. (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 143).

(...) la historiografía oficial ha hecho su contribución a la desorientación del pensamiento nacional. A los juicios erróneos, introducidos ya en las mentes infantiles en los primeros años de vida escolar, se sumaría el impacto psicológico de la Conquista en el mexicano, lo que aflora en la edad adulta en forma de complejos históricos (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 143).

Há aqui, uma referência aos modos pelos quais a história é ensinada e uma ideia é disseminada, já que a consolidação do ser humano como cidadão se dá por seu entendimento e pertencimento ao lugar, de maneira que, no caso do malinchismo, “juicios erróneos” partidos de uma perspectiva descontextualizada e desprovida de análise, acabam por se manifestar em “complejos históricos” (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 143). Diante disso, vejamos as seguintes considerações:

Según la visión que Miguel Ángel Menéndez manifiesta tener de la Conquista resulta, pues, injusto, acusar de traición a la Malinche, quien únicamente era el puente de comunicación entre españoles e indígenas. Ella únicamente era una esclava obsequiada al conquistador, alguien tenía que ser culpable ante la historia, y así se la culpó a ella. El verdadero culpable sería el propio sistema azteca, la brutalidad constante con que amenazaba a los individuos, la esclavitud, de la que Marina quiso librarse. Su anhelo de libertad le hizo centrar sus esperanzas en los recién llegados, fu ello que la indujo a seguirles y a servirles con total fidelidad. Pero, a pesar de todo, de la unión de Marina con el conquistador nació una fatalidad histórica: la realidad mestiza mexicana (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 145).

Não obstante, essa “realidad mestiza mexicana” de que fala González Hernández, corroborou para que no imaginário popular se produzissem uma diversidade de versões populares sobre Malinche, como *La chingada* e *La LLorona*. Ambos os termos surgiram da relação que se estabeleceu entre *La Malinche* e Hernán Cortés, de sorte que “*La Chingada*”, é vista por alguns autores como um termo com origem oriundo da lenda *La chingada*, no conceito da palavra que pode significar ofender,

frustrar, causar mal. Outros como Octavio Paz vão além e se referem ao conceito de uma pessoa que não oferece resistência ao ser violada na sua identidade.

Sobre la Chingada:

La Malinche, amante de Cortés, se ha convertido en el símbolo de esta entrega sin resistencia, dice Paz, y con el nombre de malinchistas, de hijos de la Malinche o de hijos de la Chingada se designa, en consecuencia, a todos los traidores a la propia raza, a todos aquellos que se dejan contagiar por tendencias extranjerizantes, a los que reniegan de su identidad, de su ser de mexicanos. Es así como a través de este mito, los mexicanos interpretan su realidad cultural como una violación de su etnia materna, que les ha rajado su lengua, sus costumbres, en definitiva, toda su cultura (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, pp. 148 e 149).

La asociación de La chingada con la Malinche ha centrado las reflexiones de Octavio Paz en la dialéctica de lo abierto y lo cerrado. La Malinche encarna lo abierto, lo chingado, la inexorable condición femenina frente a lo cerrado-masculino, representación de lo auténtico mexicano. Así, la expresión ‘hijos de la chingada’, verdadero grito de afirmación de la mexicanidad, es equivalente al término ‘malinchista’ define o designa a los otros, a los mexicanos, o lo que aún es peor, los mexicanos que reniegan de su identidad, que se dejan llevar por ideas o tendencias que provienen de fuera, a los traidores a la patria de antes, ahora y siempre (...) Su ambivalencia, por lo tanto, es el reflejo de la ambivalencia interior del mexicano, un intento de aceptación de su condición, de trascenderla, y, a la vez, una negación (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 150).

Um termo utilizado nesta proporção não reflete apenas um episódio histórico, mas também eterniza toda uma concepção frente a comportamentos e decisões individuais, que podem até serem motivos discriminatórios.

Quanto a célebre lenda “La Llorona”, ademais de ter relação com a afinidade improvável das duas personagens Cortés, conquistador e branco; e Malinche, índia e “escrava”, sua origem se baseia num episódio narrado nas crônicas de Díaz del Castillo

[...] yendo una noche a Tlatelulco, que es la iglesia de señor Santiago, donde solía estar el ídolo mayor, que se decía Huichilobos, que vio en el patio que ardían en vivas llamas el alma de Cortés y de doña Marina e la del capitán Sandoval, e que de espanto dello estaba muy malo, También vino otro hombre (...) él dijo al factor que andaban en los patios de Tezcuco unas cosas malas, y que decían los indios que era el alma de doña Marina y la de Cortés [...] (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 151).

Todo o imaginário e concepções culturais da tradição dos povos astecas propiciaram a criação mítica, uma vez que também está relacionado às deusas cihuateteo e à própria deusa Cihuacoatl.

Tradicionalmente, La Llorona, tem diferentes versões para os mexicanos, já que, na oralidade, ela se transveste miticamente. Ora mulher arrependida, ora vitimizada, mas quase sempre numa alusão à índia Malinche, como esclarece González Hernández

(2002, p.155), a tradição da Chorona é popular e (...) “aparece asociada con la Malinche, que llora su culpa, la de haber ayudado a los conquistadores a destruir el mundo azteca”.

Sobre a origem social e geográfica

Mais uma vez, há uma afirmação de que nada se tem de concreto sobre Malinche, já que tudo relativo à personagem é ambígua e contraditória. Na falta de informação ou querendo considerar uma informação mais próxima da realidade ou “verdadeira”, muitos autores recorrem às crônicas de Bernal Díaz del Castillo, pois ele é o que mais escreve sobre a vida de Malinche, enquanto Cortés só a menciona em casos de muita necessidade. Fora isso, ela é colocada em papel secundário. Se muitos a colocam como principal agente da Conquista, Cortés renega este papel. Esse fato não é aleatório, e sim em virtude dos objetivos dos escritos daquela época. O mais importante para Cortés era abordar as suas façanhas como conquistador que se dirige ao rei Carlos V.

Alguns cronistas atentam para a questão vaga sobre a origem de Malinche. Outros, como Fernández de Oviedo y Bartolomé de Las Casas, afirmam que a indígena pertencia a algumas zonas de México e, depois, levada a Tabasco. Outros, como Bernal Díaz del Castillo e o seguidor dele, Diego Muñoz Camargo, que a localização é Painala, perto de Coatzacoalcos. González Hernández, resume dizendo que:

[...] las informaciones de las fuentes narrativas y poniendo orden en los datos por ella aportados, tenemos tres localidades principales mencionadas como lugar de nacimiento de Marina, las de Huilotlan, Painalla y Tetícpac (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 194).

A localização aproximada das origens de Malinche, embora não seja clara, é importante como parte de todo um contexto, no qual a jovem é inúmeras vezes deslocada de seu lugar para servir aos interesses de outrem.

A ideia que se tem é que os autores estudavam qual versão era mais “convicente”, sendo muitas vezes orientados tanto pelos relatos de Díaz del Castillo quanto por López de Gómara. Contudo, com relação à personagem histórica:

(...) Podría pues, decirse que la Marina histórica nace cuando es entregada a la hueste de Cortés tras la batalla de Centla librada contra los indios de Tabasco y muere tras la caída de la capital del imperio azteca , Tenochtitlan.

Su historia es de la Conquista de México, su destino, el que comparta con los españoles hasta el derrumbamiento de la hegemonía azteca. (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 214)

Para a historiografia recente, Marina é a personagem central da Conquista do México, e isso motiva os escritos e as pesquisas sobre a personagem, pois traz à tona o papel importante de Malinche, o de protagonista da Conquista. Ora, os papéis de Malinche na Conquista não eram poucos: intérprete, informante, colaboradora, além de agente transculturador no mundo indígena. (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 214).

Consideremos que o idioma da região onde Malinche nasceu era o asteca. Apesar de ter sido entregue quando pequena, a indígena não se esqueceu da língua materna. Após perambular por terras próximas a Yucatán, aprende o maya, característico dessa região. Desta habilidade linguística, Malinche pôde usufruir certo *status*, já que era capaz de fazer uma tríplice tradução: Marina falava asteca com Montezuma e, em seguida falava em maya com Jerónimo de Aguilar, que traduzia para Cortés em castellano. A respeito das habilidades de Malinche, González Hernández, discorre:

Sobre cómo supieron los españoles que Marina hablaba la lengua azteca las versiones difieren. Algunos cronistas afirman que se tuvo conocimiento de ello a través de Jerónimo de Aguilar, quien rápidamente se lo comunicó a Cortés. Otras versiones sostienen que fue Marina, sin haber sido requerida para ello, quien comenzó a hablar con los emisarios de Motecuhzoma al darse cuenta de que Aguilar no entendía lo que éstos decían. No faltan tampoco los testimonios que queriendo destacar la lealtad de Marina hacia los españoles afirman que ésta se descubrió como hablante de la lengua azteca tras comprobar que algunos indios que en esa ocasión hacían de intérpretes traducían falsamente las palabras de Cortés (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 217).

O cronista López de Gómara, apesar de tratar Marina com desprezo nas suas crônicas, deixa entrever sem querer o papel importante que Marina teve na Conquista. Segundo Gómara, ao saber Cortés que Marina falava vários idiomas, prometeu a ela que a concederia sua liberdade em troca de seus serviços como tradutora (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 217). O fato de que Marina, ou Malinche, “[...] interpreta no sólo las palabras, sino las actitudes y los comportamientos [...]” (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 219), evidenciam um caráter muito particular na arte da tradução que é a relevância do entorno, do contexto, da alternância de sentidos e quiçá, da habilidade de transmitir em lugar de apenas traduzir. A saber, Malinche,

[...] se transmuta de objeto en sujeto distribuidor del discurso de la Conquista (...) – isso a torna sujeito da Conquista.(...) Su oposición a la tiranía de Motecuhzoma, acrecentada quizá por los avatares de su vida de esclava, le hizo encontrar la esperanza en los recién llegados, hombres al parecer poderosos e intrépidos, dispuestos a liberar a las poblaciones indígenas oprimidas por la dominación azteca. No podemos saber si fue consciente o no de que iba a cambiar una tiranía por otra y, en todo caso, la nueva tiranía le iba a suponer un notable ascenso social y económico (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p.219).

O trabalho realizado por Malinche é, por sua bagagem, diferente do que faziam os farautoes, termo dado a um guia ou intérprete expedicionário, ou aquele que leva e traz mensagens entre pessoas que estão distantes (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 220).

Assim como há poucos relatos sobre a origem de Malinche, há também poucos relatos sobre a vida da indígena depois da Conquista. Os relatos de López de Gómara, que escrevia com desprezo sobre Malinche, afirma que o casamento foi malvisto pelas pessoas e que Jaramillo se casou embriagado. Assim, esta seria a explicação pela qual um homem branco e europeu teria aceitado se casar com uma índia.

Algumas versões e interpretações de autores que falam que Jaramillo se casou com Malinche por interesse. Isso porque, do ponto de vista econômico, para ele o casamento seria um bom negócio, algo interessante, já que Cortés deixou algumas encomendas (doações de terras) para a indígena. Outros afirmam que o casamento de Malinche foi uma estratégia de Cortés para se separar da indígena, já que ele não precisava mais de seus serviços, ou seja, a indígena tinha perdido a serventia para o espanhol. Para outros, foi uma forma de retribuição, ou seja, ele cumpriu o que prometeu e outros afirmam que foi para não prejudicar sua ascensão social.

Quanto à sua morte, também, obviamente, há várias versões: uma delas é de que teria sido assassinada a mando de Cortés, e outra, que seguiu sua vida feliz ao lado de Jaramillo. Há uma complexidade em entender a vida de Malinche, pois não há datas exatas. O que temos são versões que são utilizadas pelos historiadores e diante das quais devemos considerar contexto, histórico e junções. Por isso:

La parquedad de las fuentes documentales acerca de los últimos años de vida motivaron los historiadores ávidos de noticias sobre ellas a confundi-la com qualquer outra mulher descrita na época de mesmo nome no século XVI. Paráfrase e tradução (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 250).

Hasta aquí lo que se puede saber con certeza sobre la índia que hizo posible la Conquista do México. Las sombras que ocultan algunos aspectos de su vida han sido terreno propicio para la fabulación y la leyenda. A la

legendarización de que ya es objeto en las primeras crónicas del siglo XVI, que se construyen la imagen de una heroína al estilo de la época, vendrían a sumarse las condenas y exaltaciones que con base en las mismas fuentes efectúan las distintas corrientes ideológicas de siglos posteriores, que en medio de un clima de fervor patriótico reescribirán la historia hasta transformarla en mitología nacional que sirva para explicar el pasado y ejemplificar el presente. Es así como el discurso nacionalista convertirá a la Malinche en la primera traidora a la patria que ni siquiera existía como tal en el momento de la Conquista, conformando un símbolo ambivalente y contradictorio que ha dejado profundas huellas en la memoria colectiva mexicana hasta los tiempos actuales (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002 p. 252).

Segundo o autor González Hernández, o fato de seu nascimento, vida e morte não serem conhecidos com clareza, conduz a deduções importantes a serem consideradas: as poucas informações abriram caminhos a lendas e fábulas a seu respeito e constituíram-na traidora de toda uma nação que ainda nem existia e que por ela era desconhecida. Apesar de tudo, não há como negar que, por meio dela, a Conquista foi bem-sucedida.

O nacionalismo mexicano

Toda essa configuração mítica acerca de Malinche criou um histórico conceitual por sua participação e contribuição direta com Hernán Cortés. González Hernández (2002), salienta que

La Malinche es, a la vez que, sujeto de la historia, objeto de mitificación. Sobre ella se han elaborado diversas versiones populares que han perdurado hasta la actualidad convertidas en leyenda. Se trata de un ser que se ha instalado en la memoria colectiva como un símbolo maldito y ambivalente: es el arquetipo de la traición a la patria, y al mismo tiempo la madre simbólica de los mexicanos, el paradigma del mestizaje (p. 41).

Ela é um mito onipresente na cultura mexicana, aparece na tradição popular como La Llorona, La Chingada e La Virgen de Guadalupe, referentes ideológicos da figura feminina na sociedade mexicana. Não fossem pelas provas de sua existência, diz González Hernández,

[...] podría pensarse que es una mera elaboración mental, que sólo es un símbolo a través del que se advierte a los mexicanos de las graves consecuencias que se derivan de traicionar a la patria, de renegar de la propia identidad cultural y ponerse al servicio de los otros, de los extranjeros, de los destructores de la mexicanidad. (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 4)

(...) A la mayoría de los mexicanos nos les interesa la personalidad histórica de la Malinche y cabría preguntar si alguna vez ha interesado realmente o si el sujeto histórico sólo ha sido utilizado para legitimar la construcción del Estado mexicano, un Estado que recorrió y aún recurre a la historiografía para justificarse y que durante el siglo XIX elaboró la ficción de un

continuum histórico-cultural desde los tiempos aztecas hasta la Interdependencia, únicamente interrumpido por la Conquista y el período colonial (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 42).

Malinche sobrevive na memória dos mexicanos como figura negativa que se reafirma pelo uso dos termos malinchistas, usado para tratar daqueles que traem a pátria e que negam sua própria identidade, sendo o pior dos insultos. Esse termo ultrapassa a cultura mexicana, sendo utilizada nos demais países hispânicos. Tal designação se espelha nos estudos do passado que se darão pela historiografia, no caso da conquista do México pelos relatos dos cronistas, em especial pelos relatos de Bernal Díaz del Castillo, como bem ressalta González Hernández,

(...) El retrato épico creado por este cronista en el siglo será retocado en épocas posteriores por numerosos historiadores y biógrafos. Los atributos y cualidades de en opinión del cronista tan excelente mujer serán retomados tras la Independencia , y el contexto nacionalista, que crea y difunde su propio versión de la Conquista, transformará las cualidades de inteligencia, fidelidad, valentía, nobleza, generosidad, etc., en sus opuestos. La exaltación que Bernal Díaz hace de la actuación en episodios como la puesta en prisión de Motecuhzoma o la matanza de Cholula se convertirá en denigración, en repulsa. Y será esta imagen la que deja profundas huellas en la memoria colectiva (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p.43).

No século XIX, no contexto nacionalista a figura de Malinche se transforma do sujeito histórico para figura mítica, tanto no discurso historiográfico quanto no literário. Os nacionalistas vão retomar o olhar para a Conquista e com isso, vão difundir a sua versão da Conquista convertendo Malinche no arquétipo da traição (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, p. 44).

Pelo nacionalismo se instaura a consciência nacional ou memória coletiva. Uma das formas de adquirir essa consciência e memória é pelo nacionalismo, cujo conceito também é complexo e amplo. O nacionalismo não se reduz a apenas pertencimento de um Estado, mas ao fato de pertencer a uma cultura e poder se ver representado nela. O estudo do passado pela historiografia.

3 RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

3.1. ASPECTOS CONCERNENTES AOS ESTUDOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA

Antes de iniciar a análise da personagem nas obras literárias, é relevante considerar a relação entre Literatura e História que, por vezes, se mostrou oscilante quanto aos aspectos conceituais e qualitativos, pois ambas as disciplinas ora eram caracterizadas como áreas totalmente distintas e opostas quanto à linguagem e ao discurso utilizado para tratar de momentos históricos, ora como elementos justapostos.

Tal relação tem sido pormenorizada desde a Antiguidade, pois, em sua obra *Arte Poética* (2004), no capítulo IX, o filósofo Aristóteles, elabora uma diferenciação entre os campos e afirma que, enquanto o poeta escreve sobre aquilo que poderia ter acontecido, o historiador escreve sobre aquilo que aconteceu, estabelecendo, dessa maneira, as delimitações do poeta e do historiador, que por vezes caminharam numa estreita linha.

Acerca da estreita linha entre Literatura e História:

O professor e pesquisador Celso Ferreira (1996) assevera que, mesmo seguindo lado a lado, houve um momento de separação entre ambas: foi com o advento do Iluminismo no século XVIII, no qual se proclama a divisão de arte e ciência, ocasionando a separação da relação entre literatura e história, pois essa última ganha status de ciência, identificando a “verdade” com o fato histórico, delegando à literatura a “manifestação da possibilidade” (FREITAS et al RIBEIRO, p. 6, 2017).

Em conformidade com Ferreira, Parizotti (2010) menciona que, apesar das tentativas, até o século XVII não era possível dissociar com solidez os recursos expressivos utilizados pelas disciplinas, já que os discursos se misturavam, uma vez que tanto Literatura como História se voltavam para a narração sobre os feitos heroicos e em suas composições utilizavam componentes literários para a descrição dos fatos.

No entanto, com o desenvolvimento de novos paradigmas e avanços sobre o fazer literário e historiográfico no século XIX e, principalmente, com a afirmação da História como ciência, há uma desintegração entre os campos com o intuito de delimitar as esferas, que foram unidas novamente séculos mais tarde.

Sobre este aspecto, é importante citar que:

A partir da segunda metade do século XX, é quase consenso generalizado que história e literatura têm algo em comum: ambas são constituídas de material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada

falante, o que produz infinita proliferação de discursos (ESTEVEES, 2010, p. 17).

Como dito anteriormente, uma das motivações para a estreita relação se deve ao tipo de linguagem empregada, pois:

(...) história e literatura se alimentam da mesma fonte, isto é, os acontecimentos, os fatos sociais, políticos e históricos que constituem uma época ou um dado período temporal (...) tanto a literatura tem muito de história, quanto a história tem muito de literatura (...) (FEITOSA, 2016, p.1).

Sobre a relação que se estabelece entre a história e a literatura, Nicolau Sevcenko afirma: “nem reflexo, nem determinação, nem autonomia: estabelece-se entre os dois campos uma relação tensa de intercâmbio, mas também de confrontação.” (SEVCENKO, 2003, p. 299) O intercâmbio seria uma troca de informações onde ambas dispõem de instrumentos enriquecedores uma à outra. Confrontação no sentido de que uma não só auxilia, mas coloca a outra em averiguação e debates (GAFFO, 2013, p.5).

Ademais, tanto Literatura como História podem ser denominadas como “narrativas que visam à construção de representações” (PARIZOTE, 2010, p. 27), sendo esta caracterização o elemento mais importante como objeto de análise no presente texto. No entanto, há que se atentar que:

O historiador, ao lidar com um tipo de documento específico, precisa estar atento a essas dimensões da representação construída, observando como o literato alia as regras de escritas, as restrições, os critérios e as convenções, o estético e o criativo à elaboração de suas reflexões sobre a realidade que o cerca e aquela que representa. O conteúdo, como temas e questões abordadas e ainda como forma, requer ser problematizado e relacionado à dimensão temporal, buscando perceber o texto como campo de tensões e contradições. (SANTOS, 2007, p. 96, 105 apud BORGES, 2010, p.102).

A respeito do modo como o historiador concebe a linguagem do literato, é importante mencionar que esta caracterização foi possível pelos paradigmas expostos com surgimento da História Cultural na década de 1970. Este novo conceito passaria a admitir novas formas de circunscrever a história, partindo da prerrogativa de que não só pelos documentos oficiais e historiográficos se conhecem os fatos, como pondera Gaffo, mas pelo viés:

[...] do homem em sua complexidade, não apenas o que ele deixou registrado em documentos oficiais, mas também o que deixou de relevante para a análise de seus aspectos mentais (p.2).

Ainda na segunda metade do século XX, havia parâmetros rigorosos de seleção de documentos utilizados para uma reconstrução e estudo histórico, já que as fontes teriam como principal objetivo “assegurar a autenticidade documental para reconstituir objetivamente o passado” (Gaffo, 2013 apud Ferreira, 2009, p. 63). Segundo a autora, estes critérios atestavam uma “veracidade histórica”. Contudo, o olhar dos historiadores, mais tarde, se volta para o fato de que é importante “atentar para a sociedade atingindo seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais” (Gaffo, 2013, p.3), e neste sentido, outras maneiras de escrever ou, de viver a história, revelam-se como linguagem passiva de resgate histórico. A esta “postura interdisciplinar” chamou-se *Nova História* ou *História Cultural*, movimento que marca a ruptura com o velho conceito de fonte historiográfica.

O fato de que não só por documentos antes considerados válidos no campo das pesquisas históricas se conhece a história suscita a necessidade de um novo recorte, que mais se aproxima da seleção de materiais, propriamente dita, já que:

A utilização de fontes literárias para a história ocorre através de múltiplas formas, pois os significados operados também são múltiplos e podem variar dependendo dos gêneros, sejam prosas, contos, romances ou outros. Cada qual com suas características específicas podem nos fornecer diversificado aparato para a pesquisa histórica (CAMILOTTI, 2009, p. 470, apud GAFFO, 2013, p.5).

Por essas vertentes da História Cultural que viabilizaram renovadas maneiras de direcionar os discursos históricos e sua relação não só com a cultura, mas também com a Literatura, desencadearam-se atribuições de sentido, levando-se em consideração o contexto social e o diálogo entre os textos, como notamos nas palavras de Borges (2010, p.95):

Uma das vertentes da história cultural que tem recebido grande atenção no momento atual é aquela que se debruça sobre os diversos tipos de textos para pensar sua escrita, linguagem e leitura. Para Duby, a história cultural estuda, dentro de um contexto social, os “mecanismos de produção dos objetos culturais, entendidos em sentido amplo e não apenas obras literárias ou não, reconhecidas ou obscuras, e autores canônicos”. Ela enfoca os mecanismos de produção dos objetos culturais, como suas intencionalidades, a dimensão estética, a questão da intertextualidade ou do diálogo que um texto estabelece com outro, dentre aspectos diversos, como seus mecanismos de recepção, a qual pode ser pensada como uma forma de produção de sentidos. Isto, porque, de acordo com Chartier (1990, p. 27), o termo “apropriação” é visto como “a maneira de usar os produtos culturais” e de “re-escritura”, que

ocorre na diferença e nas transformações sofridas pelos textos quando adaptados às necessidades e expectativas do leitor.

Assim, por meio da tríade escrita, linguagem e leitura citada pelo teórico, é possível estabelecer novas representações que se basearam pela intencionalidade da recepção dos textos e serviram para gerar novos discursos a serem legitimados por autores como uma forma de intensificar estes discursos e as suas versões a respeito de uma realidade:

Pensando que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. Desta forma, há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta pela escrita, o texto e a leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala, de onde fala e que linguagem usa. (BORGES, 2010, p. 95).

Tendo em vista as abordagens referentes às formas de recepção dos textos composta pela tríade citada por Borges (2010), pode-se dizer que há uma correspondência no tocante às representações, pois o campo da história cultural abre possibilidades também para o campo da Literatura, o que amplia as abordagens relativas às duas disciplinas, o que faz com os campos expostos pelas duas áreas se complementem. De acordo com Mollier (2016, p. 615):

Segundo as definições geralmente aceitas, na medida em que a história cultural pretende ser a “história cultural das representações”, das maneiras pelas quais os homens se representam e representam o mundo que os rodeia, o encontro com a história literária foi inevitável, tal como o esforço para com ela estabelecer um diálogo mais ou menos construtivo.

É isso que acontece no que se refere à temporalidade e mentalidade das narrativas como as que foram escritas no século XVI, pertencentes ao gênero crônicas.

As crônicas narradas na época mencionada, além de confirmarem a mentalidade em vigor, também propiciaram um olhar atento para uma modificação na figura do leitor. Lembremos que, antes, os leitores eram principalmente os reis, a quem os conquistadores escreviam como provas de suas as façanhas frente aos objetivos da

Conquista e, séculos mais tarde, se direcionam para um público amplo que dentre outras funções exercem o papel de repensarem as versões até então inquestionáveis.

Novamente, mencionam-se as considerações referentes ao dialogismo entre textos que têm por aspecto a intertextualidade, o que permite reflexionar e afirmar a realidade histórica:

De tal maneira, as noções de leitura, linguagem, representação, prática, apropriação, intertextualidade, dialogismo, dentre outras, são importantes para esse campo do conhecimento histórico, que, segundo Chartier, “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”. As representações do mundo social, como práticas intelectuais, dentre elas, as ficcionais, como as literárias, são sempre marcadas por múltiplos, complexos e diferenciados interesses sociais, sobretudo, aqueles dos grupos sociais que as forjam. Daí, ser necessário relacionar os discursos proferidos com a posição social de quem os produz e de quem os utiliza, visto que as percepções do social não são neutras; produzem e revelam estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, uma hierarquia, um projeto, uma escolha (CHARTIER, apud Borges, 1990, p. 96).

Desse modo, observa-se que o conhecimento histórico, que por tantas vezes buscou a individualidade, cambia o seu posicionamento e, com os paradigmas da História Cultural, reconhece que, para uma determinada realidade histórica e cultural, há uma intencionalidade que não pode ser considerada de forma isolada, mas deve ser integrada a um objetivo específico referente aos discursos e aos mecanismos que os reforçam:

(...) Assim, devemos ficar atentos aos mecanismos de funcionamento da comunicação, do pensamento, das variadas práticas socioculturais, das visões de mundo e das memórias. As tais questões dizem respeito a aspectos elementares de nosso aparato básico de instrumentos de trabalho de investigação histórica tipos de textos, a língua que falamos e na qual escrevemos, a linguagem praticada socialmente, que organizam a compreensão das experiências sociais, e a linguagem particular de uma produção, seja literária ou de outros objetos simbólicos, os quais representam tais experiências e formas de compreensão e interpretação dos seus significados e sentidos, requerem ser problematizados (BORGES, 1990, p. 97).

A respeito da memória, afirma-se que uma forma de ativá-la e reorganizá-la é por meio da literatura, pois esta, ao se ater às diversas representações de uma realidade histórica, contribui para a proliferação de sentidos que podem ser adquiridos como objetos simbólicos, os quais caracterizam uma determinada consciência coletiva por meio de imagens, sejam elas discursivas ou materiais. Segundo Pesavento (1992, p.8),

A rigor, todas as sociedades, ao longo da História, produziram suas próprias representações globais; trata-se de ideias-imagens mediante as quais elas se atribuem uma identidade, estabelecendo suas divisões, legitimam seu poder e concebem modelos para a conduta de seus membros. Seriam, pois, representações coletivas da realidade, e não reflexos da mesma.

Com isso, nota-se que a Literatura, ao se apropriar das denominadas ideias-imagens formuladas por Pesavento, propõe e permite outros olhares que se reconstruem pelo coletivo:

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular. (BORGES, 1990, pp. 98 e 99).

A Literatura se aproxima do real e opera com as relações de tempo, pois não há um tempo linear, mas um tempo cíclico, porque a literatura não se esgota. Ela tem a tarefa do rememorar, do viver e do prever por criar possibilidades sobre a experiência do que pode ser real e proporciona a reflexão sobre o sentido da existência. A literatura enquanto ficção é ponto de partida, mas também ponto de chegada para as novas acepções do real.

É por este aspecto que se recorre à literatura para conhecimento histórico. Além disso, “Não se faz literatura sem contato com a sociedade, a cultura e a história.” (Borges, 2010, p.103).

Tal contato é essencial para os mecanismos da linguagem, por fornecer vários significados no âmbito de uma obra, de acordo com Borges (2010, p.105 e 106):

[...] devemos centrar atenção no funcionamento da linguagem literária, na pluralidade e na instabilidade do texto, na busca de recuperar os diferentes significados e as multiplicidades de sentidos, pois não há um sentido fixo, congelado, estabelecido da obra. A literatura, como um registro social, uma reflexão e leitura sobre a cultura e suas questões, uma agente que institui um imaginário e uma memória, um produto de criação que envolve memórias e a elas recorre como matéria ficcional, é permeada de intencionalidades. Ela

detém um valor temporal, histórico, o qual se pode desvelar por meio um processo de historicização, ou seja, de sua inserção no tempo e na sociedade em que foi produzida, clareando a relação de trocas recíprocas, de contatos e interações entre essas dimensões, suas aproximações e seus distanciamentos internos e externos.

Pela literatura se constrói o imaginário que se torna fixo na memória, assim como a história. E é por isso que não se pode estabelecer uma rigidez. Porque ambas permitem trabalhar a linguagem e problematizar questões. Borges (2010) vê a literatura “[...] como índice e instrumento das “relações de força” presentes numa sociedade” (GINZBURG, 2002 apud BORGES), ou seja, a inserção e a relação que o autor tem com a sociedade, são refletidas em sua escrita podendo ser consideradas como um dos “lugares de memória” de uma coletividade, pois, conforme Nora (1993, p.9), a memória “se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto” (Borges, 2010, p. 106).

Além disso, o autor defende a literatura como documento de acesso ao “imaginário social”, bem como um:

conjunto de imagens variadas acerca da existência em sociedade, colhendo informações, muitas vezes, não encontradas em outras fontes ou perdidas por tantas, como aquelas referentes às formas de agir e comportar, de pensar e sonhar, de sentir e relacionar etc. próprias de um tempo, de um lugar e de um grupo social. (Borges, 2010, p. 106)

A literatura, por isso, segundo o autor, não só imprime as marcas culturais de uma sociedade como também produz história da cultura, pois por meio da dela, criam imagens que foram constituídas numa época e que de alguma forma representam a coletividade:

A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir... Enquanto tal é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico (BORGES, 1990, p. 98).

A literatura não se refere só ao conhecimento, mas ela serve para aliviar as faculdades mentais e sensoriais. Sobre isso, é notável que pela relação entre História e Literatura, é possível ressignificar, ou seja, atribuir um novo significado a um

acontecimento ou a uma personagem histórica. Este novo significado não se dá de forma aleatória, mas compreende as percepções de mundo estabelecidas pelo imaginário e pela alteridade, aspectos importantes para a compreensão e apreensão do contexto de um momento histórico e também literário, já que as narrativas também passam por um processo de modificação e de formas de se atribuir sentido de acordo com as manifestações linguísticas, históricas e sociais de uma época, o que pode ser observável nos variados movimentos literários, em especial, aos movimentos que ressaltam as narrativas hispano-americanas.

Quanto ao cenário da América Latina, Trouche (2006) explica que o vínculo entre Literatura e História sempre foi estreito e que as narrativas escritas pelos conquistadores e cronistas são estudadas tanto pela historiografia quanto pela Literatura e que a Literatura Latino-americana, nos dias atuais, ainda mantém essa tendência.

É o que pode ser observado no século XX, momento em que os historiadores colocam em questão a presença da ficção no texto histórico, não de modo negativo, ao contrário, reconhecendo que escritor e historiador se utilizam dos mesmos recursos da escrita para elaborarem seus textos, divergindo apenas no(s) objetivo(s) de seus discursos.

Assim, o texto ficcional torna-se mais reflexivo e crítico em relação ao tema histórico. Esse olhar perscrutador ficou muito evidente no gênero narrativo, especialmente com os chamados romances históricos, que problematizam a história e incorporaram vozes dos marginalizados. Mas podemos dizer que não só o romance, mas a narrativa de modo geral, incluindo o conto e também o drama, realizam uma leitura crítica do passado e, por isso, acreditamos que podemos utilizar a afirmação de Magdalena Perkowska na introdução de seu livro, *Histórias híbridas* (2008, p. 42), para assinalar uma das características principais dessa relação dos escritores em relação à história:

[...] los novelistas dibujan un nuevo mapa para el concepto de la historia y su discurso. Vista desde esta perspectiva, la novela histórica latinoamericana no cancela la historia sino que redefine el espacio declarado como “histórico” por la tradición, la convención y el poder, postulando y configurando en su lugar las historias híbridas que tratan de imaginar otros tiempos, otras posibilidades, otras historias y discursos.

Acerca dos novos discursos, Trouche (2006, 94) explicita que, numa tentativa de reabastecer as narrativas da América hispânica após as crises provocadas pela estética

regionalista, escritores voltam o seu olhar para “assimilar o mito, a história e o lendário oral como signos contíguos e não excludentes, que compartilham, enquanto realidade verbal, o mesmo solo comum da linguagem”.

Esta linguagem, como afirma Trouche (2006. 94) ocorre de forma consciente pelas narrativas, que se realizam com o objetivo de “buscar uma identidade hispano-americana, em busca do resgate /construção de uma imagem”, ou seja, uma narrativa que se preocupa com a “questão da identidade e da imagem da América”:

Essa atitude de busca de identidade e autodescoberta (...) muitas vezes, tomou o tema histórico para reescrever a história, dela apresentando uma nova versão em que, embora já esteja presente a problematização da representação, ainda se trabalha a possibilidade de uma versão verdadeira, capaz de fazer a visão dos vencidos e/ou excluídos prevalecer e substituir a versão oficial.” (idem).

A respeito da visão dos vencidos, nota-se que há pouco ou nenhum relato escrito e que os relatos produzidos sobre eles são disseminados pelo discurso do outro, particularmente, na época das colonizações pelos europeus, o que suscitou que tais relatos fossem considerados como exclusivamente verdadeiros. Como bem explicita o título da obra de Bernal Díaz del Castillo, *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*. Milton, afirma:

A crise historiográfica do início da América espanhola é, pois, o celeiro deflagrador de uma vasta cultura literária, que transita do legado indígena pré - hispânico, passa pelo acervo formado pelas "crônicas das índias " e alcança as obras dos autores contemporâneos, em função de uma história transformada, desde o começo, em anais do gênero fantástico; uma história que congrega diversidades perfiladas em dois blocos antagônicos, cada um contendo suas próprias diversidades internas; uma história que é, em suma, um conglomerado de multiculturalismos (MILTON, 2000, p. 153).

Além disso: “O caso dos textos que exprimem o ponto de vista dos índios é particularmente grave: dada a inexistência de escrita indígena, são todos posteriores à conquista e, portanto, influenciados pelos conquistadores (...)” (Todorov, 2010, p. 74).

3.2 MALICHE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA

A imagem de traidora e principal responsável pela destruição do império asteca se consolida com o nacionalismo na segunda metade do século XIX. O discurso nacionalista

influencia na imagem de Malinche, já que, segundo González Hernández (2002, p.90), “[...] así, la historiografía nacionalista sobre la Conquista no intentará explicar las causas del triunfo de ésta, sino señalar a los culpables [...]”.

A historiografia nacionalista vai se inspirar nas crônicas de Bernal Díaz del Castillo para traçar as causas da Conquista e eles vão propor um contra-discurso. Tudo o que Castillo escreveu de bom sobre Malinche, eles vão denegrir. Vários historiadores continuaram a escrever seguindo a linha dos nacionalistas e continuaram a escrever as obras considerando Malinche como traidora. Os nacionalistas têm dificuldade em reconhecer que o sucesso da Conquista aconteceu por causa da debilidade estrutural do Estado (Império Asteca), o que de alguma forma seria admitir a própria culpa enquanto nação. Elisa Hoffmann (2013), no texto intitulado “Porta-voz entre dois mundos: uma análise da narrativa Malinche”, de Laura Esquivel, aborda a história da personagem Malinche, considerando a obra literária escrita pela escritora mexicana.

A análise de Hofmman é elucidada pelo ponto de vista da palavra exercida pela personagem, uma vez que o papel de Malinche na época da Conquista era interpretar e mediar a comunicação entre espanhóis e indígenas. Para isso, a autora evidencia a importância da obra de Laura Esquivel para a Literatura Mexicana no contexto literário hispano-americano e, também, a relevância da personagem histórica para a época da Conquista do México e para a construção da identidade mexicana, uma vez que alguns escritores como Octavio Paz a caracterizam como traidora e sinônimo de símbolo maldito para a cultura mexicana.

Por outro lado, alguns escritores literários, como Laura Esquivel em suas obras, resgatam o passado histórico e atribuem outra caracterização da personagem, não como símbolo de mulher traidora, mas como símbolo da mulher sujeito, dotada de conhecimentos linguísticos e de papel essencial para a cultura mexicana e, também, para a conquista do México.

Sobre a conquista do México, Elisa Hoffmann cita o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov:

Todorov acredita que a conquista foi para os vencedores um ato de saber bem utilizar a informação. Para ele, compreender o outro (vencidos) significa destruí-lo, mostrando a figura estratégica que era Cortés e o papel de Malinche como sua intérprete (HOFMANN, 2013, p. 14).

Dessa forma, é possível perceber os interesses e conflitos que regiam o comportamento de Cortés e Malinche na época mencionada e é por meio destes aspectos que Hoffmann aborda o poder que Malinche possuía pelo dom da palavra:

Malinche encontra na palavra, na tradução, nos códices, nos mitos, seu poder para se situar e sobreviver no cerne da Conquista, é no silêncio, no não-dito, que ela se liberta da memória coletiva opressora e violenta a que é submetida por toda sua vida. E nesse mundo hostil, de guerras pelo poder entre línguas e povos diferentes, Malinche luta com sua saliva e com seu coração, para que novas palavras sejam ditas e que novos rumos, sejam possibilitados ao seu povo, resgatando-o do silêncio labiríntico em que imergiu por muitos anos. Essas palavras ainda ecoam no século XXI (HOFMANN, 2013, p. 44).

Ou seja, Hoffmann em seu texto, não reproduz a ideia de traição, mas confere à personagem histórica outra visão como mulher que logrou por meio da palavra a busca pela própria liberdade revelando sua presença essencial dentre os povos (conquistados e conquistadores).

Margarita Glantz Shapiro, “Margo Glantz” é uma das principais expoentes da cultura mexicana. E no texto denominado “La Malinche: la lengua en la mano” explana sobre o papel da mulher indígena e escrava no século XVI e o papel de intérprete de Malinche para a Conquista do México.

De acordo com Glantz (2001), as índias eram doadas aos conquistadores para trabalharem como escravas e também exerciam a função de “concubinas”, ou seja, possuíam um “doble servicio”. Evidencia que, se Malinche tivesse se encarregado apenas desta função, teria ficado no anonimato. No entanto, o papel de intérprete a consagra, e Malinche se sobressai aos olhos de Cortés, tornando-se “la lengua del conquistador”.

Para afirmar essas considerações, Glantz (2001) recorre à definição de língua nos dicionários para reafirmar o essencial papel de Malinche como intérprete de Cortés e afirma que as mulheres mexicanas “habían de ser sordas y mudas” e por isso o papel de Malinche é tão surpreendente, uma vez que possui o poder da palavra, agente transformador para os povos.

Sobre o aspecto linguístico, Glantz enfatiza que, nas crônicas de Conquista, “Malinche carece de voz”. A personagem interpreta e o que é interpretado ocorre pelo estilo indireto.

La interpretación es una acción consistente y continua. Su existencia es evidente. Se infiere en muchos casos o se subraya en muchos otros. Y sin embargo, en el cuerpo del texto se oye la voz de Cortés y la de otros personajes, cuando se dirige a sus soldados, es decir, cuando no necesita

interpretación; pero también cuando la necesita, esto es, cuando se dirige a sus aliados indígenas, o sus enemigos mexicas, por interpósita persona, la intérprete. La voz es el atributo principal, o más bien literal de una lengua, Quien no tiene voz, no puede comunicar (GLANTZ, 2001, p. 8).

Ou seja, Malinche era ao mesmo tempo mulher objeto e mulher sujeito, carecia de um nome para também obter um nome. Ao ser batizada como Doña Marina, a vida de Malinche transcende o plano da cultura e passa a ser a mulher sujeito, a mulher destaque que logra por meio da “lengua” almejar seus objetivos. Assim, observa-se no texto de Glantz, que os percursos analíticos que fomentam o papel de Malinche na Conquista do México incidem em comprovar que a personagem histórica foi uma figura imprescindível para a cultura mexicana e que é preciso refletir sobre os fatores que a revelaram como “símbolo de maldita”.

Margo Glantz analisa a personagem Malinche desde uma perspectiva cultural a uma perspectiva literária traçando nas obras de algumas escritoras como Rosario Castellanos e Elena Garro, elementos que possibilitem a reflexão sobre as controvérsias em relação à imagem de Malinche. Para isso, indaga sobre os conceitos de “mitificar o desmitificar” e argumenta o caráter mitológico da personagem histórica, relevante para a história do México.

Glantz cita como elemento inicial dos argumentos as considerações do escritor mexicano Octavio Paz, que associa a imagem de Malinche contraposta à imagem de La Virgen e enfatiza o caráter de traidora de Malinche. A partir dos aspectos apontados por Paz, Glantz ressalta que Malinche teve um papel expansivo, já que não foi somente a amante e intérprete de Cortés, mas também sua secretária e “su lengua”, e que era dotada de sabedoria para postular a função incumbida a ela ao demonstrar conhecimento da língua maia e *nahuátl*.

Segundo Glantz, o mito de traidora de Malinche e os termos atribuídos a ela, como “La Chingada”, se estabelece a partir do conceito de gênero, ou seja, por ser mulher e índia, no âmbito de uma povoação preconceituosa, que considerava as mulheres como seres inferiores e que agiam por estarem seduzidas pelos povos brancos e conquistadores. Com base nesse pensamento, Glantz compara:

La mujer es como un campesino, un ser excéntrico, al margen de la historia Universal, alejado del centro de la sociedad, encarna lo oculto, lo escondido. Mejor dicho es el enigma. El primer límite de la mujer según este análisis es su marginación, su anonimato, su excentricidad (Glantz, 2001, p. 3).

Sobre o aspecto de “marginación”, Glantz retoma as palavras de Paz e propõe uma reflexão em relação ao caráter do próprio mexicano cuja denominação “Los hijos de la Malinche” se faz prevalecer como elemento que descentraliza a própria noção de cultura, uma vez que, a partir destes elementos, há uma negativa em reconhecer outro papel de Malinche sem ser aquele ligado ao mito da traição:

Si todos somos los hijos de la Malinche, hasta las mujeres, ¿cómo pueden ellas compartir o discernir su porción de culpa y hasta de su cuerpo? Llevar el nombre genérico de la Chingada es mil veces peor, es carecer de rostro o tener uno impuesto, para verse hay que descubrir la verdadera imagen, cruzar el espejo, lavar la mancha (Glantz, 2001, p. 4).

Com estas afirmações, Glantz parte para a análise de obras literárias e evidencia o papel das escritoras que resgatam em suas obras as personagens marginalizadas e inferiorizadas, atribuindo-lhes novas visões e concepções e finaliza que a linguagem é mecanismo importante para considerar o papel de uma personagem.

No artigo “Leyenda y nacionalismo: alegorías de la derrota en La Malinche y Florinda ‘la Clava’”, Juan Maura (2003, p.123) aborda o papel de duas personagens, sendo uma delas Malinche, como “figuras [que] representan alegóricamente la traición y la deshonra a sus propios pueblos” (grifo nosso).

Para Maura (2003), a idiosincrasia mexicana está ligada aos ideais impostos pela cultura cristiana. Assim, como Glantz e outros teóricos, Maura também recorre aos aspectos preconizados por Octavio Paz acerca do mito de traição de Malinche para fomentar uma reflexão sobre o papel da indígena, mas discordando de Paz, afirma:

Doña Marina, sin embargo, fue una singular mujer, querida y odiada por su innegable importancia en los sucesos que se sucedieron, y muchas veces incomprendida al querérsela identificar como la "traidora" del pueblo mexicano (MAURA, 2003, p. 2).

Deste modo, é possível notar que Maura vai de encontro aos aspectos que desconstroem o mito da traição e afirma, como outros teóricos, que Malinche não foi uma traidora, mas que seu papel negativo foi influenciado pelos ideais da sociedade da época que renega as mulheres em segundo plano, como seres inferiores:

Parece excesivo querer poner todo el peso y responsabilidad de la conquista de México en una sólo mujer. Por otra parte, tiene sus ventajas. Desde el punto de vista nacional-indigenista, es mucho más fácil echar la culpa de una

derrota en la persona de una mujer que en la de todo un pueblo (Maura, 2003, p.2).

Maura recorre ainda às crônicas da Conquista escritas por Bernal Díaz del Castillo para enfatizar o perfil de Malinche, “hija de caciques” e afirma:

Difícilmente se podrá calificar a esta mujer como la "traidora del pueblo mexicano". Fue ella más bien la que fue traicionada por los suyos. Parece existir una fuerte necesidad de expiar las culpas de la derrota de un pueblo en seres indefensos o en mitos que justifiquen de alguna manera los hechos ocurridos (MAURA, 2003, p. 3).

Deste modo, torna-se claro pelas pesquisas bibliográficas traçadas por Juan Maura, que não se pode aceitar a culpa de Malinche e o símbolo de traidora impostos a ela, mas se aprofundar mais nas histórias do passado, procurando revisitar os conceitos impregnados com o propósito de repensar a própria história.

No âmbito literário, Márcia Hoppe Navarro (2001) aborda a história de Malinche, levando-se em consideração a Literatura Latino-americana como forma de repensar a história, e atribui a relevância da escrita feminina como um resgate de personagens marginalizados.

Para isso, Hoppe (2001) busca fomentar suas considerações sobre o tema no papel de Malinche, principalmente na época da Conquista, e afirma que Malinche foi a única mulher indígena descrita nas narrativas, o que lhe garante um papel de destaque.

No entanto há que se ater para a forma como Malinche é descrita nas crônicas do século XVI e sobre como a personagem é resgatada no século XX por escritoras latino-americanas, como Elena Garro, Rosario Castellanos e Lucia Guerra que na escrita “La tentativa general es desconstruir paradigmas, obsoletos de los procesos sociales e históricos sustituyendolos por nuevas Malinches” (Hoppe, 2001, p.7).

A este respeito, a autora pondera a desconstrução dos mitos concernentes à personagem e nos faz repensar o caráter de Malinche, não como mulher objeto, mas como mulher sujeito, que buscou no poder da palavra o caminho para alcançar seus objetivos e lutar por seu destino e sua liberdade. Ou seja, Hoppe deixa claro que se deve sobrepassar os estereótipos e incutir no passado histórico como forma de rever algumas visões e proporcionar novas versões dos fatos.

As teóricas Ana Cristina dos Santos e Renata Martuchelli Tavela (2012) explanam em seu texto sobre como ocorreu a reconstrução identitária de Malinalli ou Malinche. Para isso, relatam a origem da indígena.

Nascida no seio de uma família nobre, Malinalli Tenepal – conhecida também como La Malinche – foi escravizada depois da morte de seu pai. Anos mais tarde, foi dada de presente ao conquistador Hernán Cortés e, como conhecia a língua maia e a náhuatl (língua dos astecas e da maioria dos povos do centro do México) converteu-se em sua intérprete, garantindo a comunicação dos espanhóis com os povos indígenas. Logo, foi pessoa de confiança para o conquistador e, finalmente, sua amante. Por essa união com o estrangeiro, séculos mais tarde, a Índia passou a ser conhecida, principalmente entre os mexicanos como La Chingada ou a grande traidora de sua raça (SANTOS E TAVELA, 2012, p. 1).

De acordo com as autoras, a atuação da personagem na Conquista a revelou como figura preponderante, pois sem a sua intervenção em mediar as línguas entre os povos não haveria comunicação. No entanto, para as autoras, Malinche foi incompreendida, e que recaiu sobre ela a culpa pela conquista do povo asteca e pela caída do imperador asteca Moctezuma II (Santos e Tavela, 2012, p.2).

As autoras destacam, assim, que o papel das escritoras, como Laura Esquivel, nas narrativas sobre Malinche, resgata a voz da personagem histórica renegada tanto pela historiografia oficial quanto pela hispano-americana.

A obra de Esquivel insere-se na literatura de testemunho ao tratar de “descripciones hechas por testigos oculares de acontecimientos [...] que representan a grupos sociales involucrados en una situación histórica particularmente significativa” (SHAW, 1999, p. 254). Esse tipo de narrativa procura apresentar a realidade histórica e social desde a visão dos setores oprimidos da sociedade. Assim, a obra compromete-se em revelar, através da vida da Índia Malinalli o outro lado da conquista mexicana, na qual a Índia teve participação ativa (SANTOS E TAVELA, 2012, p.3).

Sobre a arte literária, as autoras ponderam que:

Reescrever o passado na ficção constitui um processo semelhante ao da escrita da História: ambos se dirigem ao passado numa tentativa de reavaliá-lo e reconstruí-lo no presente. Porém, enquanto a História dá voz à classe dominante, a metaficção historiográfica questiona as referências do passado. Dá voz a segmentos até então silenciados pelas narrativas oficiais, através de protagonistas excêntricos, marginalizados, periféricos, ou seja, resgatando personagens que revelam uma identidade escondida até então pela tradição ficcional, a fim de conscientizar o leitor, por meio da reflexão, sobre outra forma de “ver a história”. (SANTOS E TAVELA, 2012, p.3-4)

Em relação ao passado histórico na ficção, Santos e Tavela (2012) defendem que:

A metaficção historiográfica criada por Esquivel acaba por inverter as relações de dependência entre o feminino e o masculino na época da Conquista, pois é Cortés que necessita a Malinalli. A Conquista do Novo Mundo somente ocorre porque Malinalli esteve presente e decidiu ajudá-lo, pois quando negou sua ajuda, restou ao conquistador somente a derrota (2012, p.11).

Diante desta afirmação, as autoras consideram pela análise da obra de Esquivel e pelas crônicas de Castillo, que Malinche, a mulher que viveu entre os dois mundos (indígenas e espanhóis) “sofreu pelas decisões tomadas e transcendeu sua época por sua participação ativa em uma empresa destinada apenas aos homens” (SANTOS e TAVELA, 2012, p.12). Mostra que ela não foi submissa, dependente e passiva frente ao domínio estrangeiro, como determina o mito de La Madre Chingada, que representa a eterna encarnação da passividade feminina. A recuperação de sua verdadeira participação na Conquista do Novo Mundo é importante para a compreensão de que um processo com essa dimensão, com tantos méritos e desgraças, não pode ser atribuído a uma única pessoa (Santos e Tavela, 2012. p.12).

Dentre os vários escritores nacionalistas, cita-se em especial a Carlos María Bustamante, que foi o primeiro a escrever sobre Malinche com desprestígio a nomeando como “mala hembra”. Outros que merecem destaque são Orozco e Berra, que refletem a fascinação pelo passado pré-hispânico e que o caracterizam os historiadores mexicanos do século XIX.

4 A RESSIGNIFICAÇÃO DA PERSONAGEM HISTÓRICA MALINCHE NA LITERATURA MEXICANA DE AUTORIA FEMININA

Partindo² das considerações iniciais, sucintamente expostas, e no primeiro capítulo no tocante à escrita de Díaz del Castillo, realiza-se a análise das obras literárias das escritoras mexicanas: o romance histórico *Malinche*, de Laura Esquivel, o conto *La culpa es de los tlaxcaltecas* (1989), de Elena Garro, a peça teatral *El sueño de la Malinche* (2005), de Marcela del Río, verificando como as autoras revisitam e ressignificam em seus textos a história da personagem Malinche, com a intenção de desconstruir o mito sobre a imagem negativa que foi imputada a essa personagem, oferecendo outras interpretações sobre a sua história e a do país, o México.

Dessa forma:

Não se trata de substituir a história pela ficção, mas de possibilitar uma aproximação poética em que todos os pontos de vista, contraditórios, mas convergentes, estejam presentes formando o que Steenmeijer chama de representação totalizadora. Segundo a feliz expressão de Heloísa Costa Milton, a literatura pode ser considerada uma leitora privilegiada de signos da história. (ESTEVEVES, 2010, p. 18).

Para isso, é necessária, uma análise comparativa em relação às crônicas de Bernal Díaz del Castillo, tomadas como “discurso fundador” sobre a imagem de Malinche. Além disso, ressalta-se que: “Os textos relativos à conquista da América, escritos pelos primeiros europeus que aqui colocaram os pés e foram responsáveis pela integração desse vasto território ao mundo europeu, são estudados como literatura e ao mesmo tempo como história” (ESTEVEVES, 2010, p. 19).

Portanto, é indispensável refletir sobre as características específicas das diversas formas de ficção, das relações particulares que o texto literário, o autor e a escola, a que se filiam, estabelecem com a realidade e definem a representação que dela edificam. As formas como autor, escola e gênero de texto literário concebem a produção artística devem ser buscadas em seus caracteres próprios. O discurso literário manifesto em texto, expresso em prosa ou verso, envolve modalidades de narrativa com características próprias, inclusive, na sua forma de lidar, captar e tratar as questões propostas por uma

² A partir desse trecho, as ideias e análises apresentadas foram baseadas em duas publicações dos artigos: FREITAS, Fabiane Cristiane Carlos; RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **A história de Malinalli revisitada na obra Malinche, de Laura Esquivel.** e-escrita. Revista do Curso de Letras das Uniabeu. v. 5, n. 1 (2014). Disponível em: revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1089. Acesso em 06 de junho de 2017.

FREITAS, Fabiane Cristiane Carlos; RIBEIRO, Fernanda Aparecida. **Múltiplos olhares: a personagem Malinche nas obras de Marcela del Río e Elena Garro.** Revista Alere. v. 16, n. 2 (2017). Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/2317>. Acesso em 06 de junho de 2017.

sociedade e por um tempo, como o conto, a crônica, a novela, o romance, a tragédia, a comédia ou o poema (Borges, 2010, pp.99 e 100).

Ou seja, trata-se de evidenciar como as crônicas de Díaz del Castillo são um importante documento para a análise e contribuíram para as informações sobre Malinche e para estudos antropológicos, sendo os estudos de González Hernández, o mais completo.

González Hernández, em sua obra *Dona Mariña (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana* (2002), realiza um estudo antropológico sobre Malinche e evidencia que, até o século XVIII, quase não existiam textos que tratassem sobre a vida e a história de Malinche. Todavia, a antropóloga afirma que, a partir do século XIX, surgem diversos escritos, tanto historiográficos como literários, resgatando a vida de Malinche, e que muitos desses escritos recorriam às crônicas da Conquista do Novo Mundo, de Bernal Díaz del Castillo para basear os relatos sobre a indígena.

No entanto, há que se ponderar sobre o modo como o cronista descreveu os acontecimentos, uma vez que é observável, em sua obra, *Historia verdadera de La conquista*, fatores divergentes quanto à figura de Malinche, ou seja, pode-se dizer que há controvérsias no discurso do historiador.

As características físicas e da personalidade de Malinche são apresentadas por Díaz del Castillo (1632, p. 34). Ele a descreve como uma mulher “graciosa, audaciosa e arrojada”, além de ressaltar sua linhagem, que era nobre, e reforçar que entre as demais indígenas, ela era distinta e “muy excelente mujer”. Contudo, a descrição que melhor se aplica a ela é a que se refere à sua astúcia e inteligência, sem as quais os espanhóis jamais teriam tido êxito na Conquista do território mexicano.

Pelas atribuições que Díaz del Castillo (1632) dá à jovem índia, percebemos uma dualidade de significações: se de um lado, Malinche era dotada de atributos de astúcia e sabedoria, bem como era bela e inteligente; por outro, há inferências possíveis que a associam a uma traidora de seu povo. No episódio de Cholula, mencionado por Díaz del Castillo (1632), Malinche, ao se interar de que os indígenas intentariam contra os espanhóis a fim de aniquilá-los, adverte a Cortés e os livra. Em consequência disso, com a ajuda dos tlaxcaltecas, Cortés coordena um ataque ao povoado, conhecido como *La matanza de Cholula*.

Uma linha de pensamento ligada ao nacionalismo mexicano, a partir do século XIX, coloca Malinche não só como figura principal da bem-sucedida empreitada espanhola como a desenha como símbolo de maldição no que se refere à mestiçagem e

ao subdesenvolvimento da América hispânica. Essa divergência de sentidos e representações sobre Malinche, portanto, gera estudos e investigações sobre a cultura indígena e mexicana nas últimas décadas.

Desde a perspectiva de Díaz del Castillo, subentendemos que, há um enfoque no caráter de Malinche quanto à sua fidelidade aos espanhóis, claramente exposto pelo relato de *La matanza de Cholula*, em detrimento de seu próprio povo. O texto do cronista, neste sentido, como base de referência por outros escritores, tem caráter ambivalente, já que mesmo descrevendo Malinche a partir de suas virtudes, Díaz del Castillo, acaba por contribuir com uma difusão mítica negativa, a de traidora de seu povo. Infelizmente, desde o século XIX até o final do século XX, esta é a referência que se manteve, até que surgem escritos femininos que retomam as representações e rompem com um senso comum sobre Malinche.

Destacamos, portanto, o papel das escritoras mexicanas contemporâneas que revisitam a história da Conquista, dando novas perspectivas para a representação da índia Malinche, como Elena Garro, Marcela del Río, Laura Esquivel.

Assim, a análise se volta para os textos de Elena Garro, no conto *La culpa es de los tlaxcaltecas*, para Marcela del Río, em *El sueño de la Malinche*, e *Malinche*, de Laura Esquivel, pois a escrita dessas autoras recria de forma inovadora e artística a personagem histórica – silenciada pelos registros oficiais (já que não encontramos a voz de Malinche nesses textos, mas somente o que os historiadores disseram sobre ela) e condenada como traidora pelo seu povo.

Como já dito, a partir da segunda metade do século XX, a literatura mexicana de autoria feminina faz novas releituras do mito de Malinche. Numa forma nova, lançam o olhar sobre a história da personagem e, por isso mesmo, dão novas perspectivas aos discursos construídos na edificação do imaginário cultural. Falamos aqui, especialmente, das obras em que a visão masculina dos fatos é questionada e conseguimos ver outras possibilidades sobre a história oficial. Assim, concedendo voz à sua personagem, as autoras desconstroem o mito de traidora de seu povo. Tais obras, por isso, surgem contra um desmando do patriarcalismo e da repressão da mulher na literatura e na sociedade.

Neste contexto insere-se o conto “La culpa es de los tlaxcaltecas”. Sua primeira publicação foi em 1964, no livro *La semana de los colores*. No enredo, Laura, a personagem protagonista, chega à sua casa e encontra a cozinheira Nacha, com quem inicia um diálogo. Nesse momento, um narrador onisciente descreve a cena, e mais

tarde, descrição e narração são feitas pela personagem protagonista a partir de sua própria perspectiva. A trama, a partir da narração de Laura, se desenvolve pelas conversas entre as duas mulheres, sobre seus encontros com o primo-marido. Cada vez que Laura relata seu caso amoroso, ela desaparece misteriosamente do presente, coexistindo nos dois tempos, passado e futuro. Nesses encontros com o primo-marido, Laura retorna ao passado, mais especificamente, no momento da conquista espanhola, momento em que presencia as guerras travadas entre índios Astecas e o conquistador Hernán Cortés. A personagem de plano de fundo - embora não nomeada e cuja associação é feita apenas pelo título da narrativa – é Malinche, e retoma toda a ideia de culpa e traição a ela associada.

Para González Hernández (2002), muitos elementos se ocultaram sob o mito de Malinche. Alguns desses elementos, por exemplo, seriam questionamentos às ações dos próprios povos indígenas como um todo, que se associaram aos espanhóis para tomar Tenochtitlán, já que o governo de Moctezuma não era bem quisto por eles. Observemos o que Holmes (2005) diz sobre os tlaxcaltecas:

El presente y el pasado se entrelazan allí, creando una atmósfera insólita y revelando los nuevos principios de la vida moderna [...]. El título del cuento inicia la transformación del mito de la Malinche. Hay que recordar que fueron los Tlaxcaltecas, un pueblo indígena, muchas veces perseguido pero nunca dominado totalmente por los aztecas, los que también ayudaron a Cortés a llegar a Tenochtitlan, asimismo facilitando la conquista del imperio. Entonces no es la Malinche la que tiene la culpa, sino que “la culpa es de los tlaxcaltecas”, es decir, transfiere la responsabilidad de la conquista inequívocamente a los aliados indígenas de Cortés (HOLMES, 2005, p. 11).

A começar pelo título do conto, fica claro que há uma objeção à versão oficial da participação de Malinche na conquista espanhola, por meio da qual se criou um mito de traição e culpa que ainda se perpetua em sua figura. Além disso, a autora dá novas perspectivas históricas, desde o lugar da mulher, tanto na História quanto na Literatura. Garro, ao afirmar que a culpa é dos Tlaxcaltecas (e repetir inúmeras vezes, como que para reafirmar tal sentença), dá o pontapé inicial para que o papel da mulher seja revisto, tanto na conquista quanto na sociedade atual. Logo, por meio do conto, compreendemos que, pela perspectiva da autora, que se a tribo Tlaxcala ousou claramente pelear junto aos espanhóis, não há motivos para Malinche, sozinha, carregar todo o peso da derrota dos mexicanos. Assim, não recaia sobre Malinche, a intérprete, a sentença de traição na Conquista do México.

Bonnie Holmes (2005, p. 11) explica a associação entre as duas personagens dentro do conto de Garro:

Laura tiene la habilidad de existir en dos periodos de tiempo, porque como la figura de La Malinche, ella es parte del pasado indígena de México, que todavía vive en el presente. Como la de la Malinche, su identidad está atrapada y suspendida entre dos culturas; resulta que ella vive al borde de las dos, tal como vivió la Malinche. Pero a lo largo del cuento y a través de las trascendencias en el tiempo, se vuelve más y más crítica con su esposo del siglo XX, una presencia sofocante y controladora en su vida, y aprecia cada vez más las cualidades de su esposo indígena cuando vuelve al pasado – su carácter paciente, cariñoso y noble. (HOLMES, 2005, p.11)

Assim como Malinche se via entre dois mundos, Laura, entre passado e presente e, claro, entre os maridos (o indígena e o contemporâneo a ela), escolhe o lugar em que mais se estabelece confortavelmente, ou seja, assim como Malinche se viu acolhida nos “braços” de Cortés, Laura prefere o primo-marido, associado a uma existência livre das exigências e opressões do presente. E é também do seu lugar no passado que Laura compreende o presente, preferindo aquele a este.

À interlocutora Nacha, por muitas vezes, Laura diz que irá com seu primo-marido, mas se frustra após várias tentativas, se sentindo “traidora”, já que sente que o presente e o marido não são do lugar de seu pertencimento de fato. Ao tirá-la de seu infeliz presente, o primo-marido a livra do marido e da sociedade opressora e machista.

Conforme Navarro (2011, p.18) a obra de Elena Garro, caminha “como algo que soma, que recupera y que adiciona un lado olvidado de la historia”, repensando o lugar de Malinche na Literatura e na construção do mito.

Em “La culpa es de los Tlaxcaltecas”, além do que há na história oficial, contada com êxito pelos vencedores, Garro apresnetta a história do vencido, que muitas vezes fica esquecido. Neste sentido, o índio e não-branco, parte frágil da guerra frente ao massacrador exército espanhol, ganha voz em Garro.

Assumindo uma postura de escritora, mas também de mulher como lado débil, as autoras, assim como outras do gênero, resolvem redescobrir o passado, reinventando seu presente, como bem pontua Navarro:

Laura Esquivel, Lucía Guerra y Elena Garro parecen caminar a contramano de Octavio Paz y otros como él, que ven en la Malinche el símbolo de la traición. Aunque sufran el peso de este mito postcolonial, sus narrativas proponen un rescate más profundo de la trágica experiencia de la Conquista. Sobrepasan el estereotipo, dedicándose a la cuestión de la identidad violada del Nuevo Mundo. Este rescate es fundamental pues la culpabilidad, rechazo, pasividad y la traición son elementos negativos asociados a los orígenes de lo latinoamericano, son revistos y subvertidos. (NAVARRO, 2011, p. 11, grifo da autora.).

Elena Garro é uma voz, entre as tantas que surgiram, para renovar o discurso literário latino-americano feminino, como frente a um discurso masculino e sempre dominante que, como do célebre Octavio Paz (seu ex-marido), definem e ditam quem são e o que fizeram os protagonistas da história da América colonizada.

No conto, por exemplo, há evidências da contestação do discurso oficial, quando Laura se vê deslumbrada quando revive, ao lado do primo-marido, a Conquista espanhola, voltando com ele ao passado ou lendo as crônicas de Bernal Díaz del Castillo. Sabendo que o referido escrito foi uma fonte para a construção do mito da traição que envolve Malinche, segundo o que dizem os discursos nacionalistas que se propagaram a partir do século XIX, Apesar disso, na *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, Díaz del Castillo apresenta Malinche como figura dotada de valor e “honor”, como nos mostra González Hernández:

Bernal Díaz no perderá las oportunidades que le salgan al paso para hacer especial hincapié en la nobleza de linaje de Marina, nobleza que según los cánones de la época ha de manifestarse también en la bondad de corazón, el coraje, la fidelidad, la belleza física incluso, la inteligencia y tantas otras cualidades con las que el cronista construye el retrato épico de Malintzin y en las que insiste cada vez que tiene ocasión. (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ. 2002 p.198)

Torna-se, portanto, interessante pensar como se dá a construção do mito da traição de Malinche, uma vez que, pelo discurso inicial, as qualidades da indígena são muitas vezes pontuadas. Logo, ao que tudo indica, o discurso nacionalista distorce as crônicas de Díaz del Castillo para uma versão machista e estereotipada da conquista espanhola, na qual “la lengua” de Cortés é a responsável pela derrota dos mexicanos.

Para Tyutina (2008, p. 08) a representação das personagens Laura e Nacha do conto de Elena Garro é uma releitura simbólica da própria Malinche, ambas personagens de mundos diferentes, mas sem o pertencimento, e “traidoras” de seus povos:

Tal vez, en el caso de Nacha y Laura, se puede hablar de la representación doble de La Malinche [...]. La Malinche contemporánea, Laura, y su criada Nacha son dos caras del mismo fenómeno: ambas son traidoras y pertenecen a dos mundos que se invierten a medida que sigue el relato: la primera de su pueblo en el pasado y de su familia en el presente; la otra de su amo, Pablo, porque no le ayuda a recuperar a su esposa, sabiendo lo que pasa; y de Laura porque la empuja a entregarse a su vida pasada [...].

Há na narrativa um elemento com simbologia especial: a porta. Ela aparece nas primeiras e últimas linhas do conto, representando a entrada de Laura na casa e depois a partida de Nacha. Tyutina (2008) diz que se trata de um símbolo de passagem, uma fronteira entre o passado e o presente, vida e morte. Por meio dessa representação, Laura, encontra-se na:

[...] posición fronteriza' entre su presente y su pasado, su vocación y su deber, entre su instinto de maternidad que le inculca proteger a su primo marido y su estado de mujer casada y todas las obligaciones que le corresponden a ella (TYUTINA, 2008, p. 08).

Pode-se dizer que Laura ainda está presa entre o presente e passado, entre as duas realidades de dois povos completamente diferentes. Na sua escolha pelo primo-marido, a personagem também escolhe a morte, ainda que a veja como continuidade, ou imortalidade, junto a seu amado:

Es muy simbólico el final del relato que no es pesimista aunque lo parezca. Laura termina de contar la historia de sus viajes al pasado a Nacha cuando aparece su primer marido y ellos se van: [...] la unión de Laura y su primo marido para siempre, aunque esto significa muerte de ambos. Sin embargo, más de una vez a lo largo del relato Laura y su marido indígena, hablando del fin de los tiempos, se referían a éste como a un hecho positivo, aunque se tratara de su propia muerte. [...] Garro muestra que el final feliz es posible, mas sólo cuando las partes tienen los mismos derechos. (TYUTINA, 2008, p. 9-10).

Laura vislumbra o presente que vive quando se vê no passado, e a partir disso, escolhe que caminho seguirá. Este caminho, mesmo representando a morte, é o único possível para que ela saia da situação que a aprisiona e também a seu povo, como uma redenção.

A frase “este es el final del hombre”, se relaciona ao tempo mítico primo-marido e marido, aparece sempre no texto do conto, o que significa, provavelmente, que no episódio da colonização, há sempre o massacre do mais fraco, e um novo começo para os que obtiveram glória. Há ainda outras simbologias, como, por exemplo, o fato de que a personagem no decorrer da narrativa se apresenta com o vestido branco, sujo e rasgado por causa dos passeios que fazia com o primo-marido. As cores branca e vermelha aqui, se configuram representações da própria história. Segundo o Dicionário de Símbolos:

O branco – candidus- é a cor do candidato, daquele que vai mudar de condição (...) o branco é um valor-limite, assim como as duas extremidades

da linha infinita do horizonte. É uma cor de passagem [...] Em todo o pensamento simbólico, a morte precede a vida, pois todo nascimento é um renascimento. Por isso, o branco é primitivamente a cor da morte e do luto [...] o branco é a cor essencial da Sabedoria, vinda das origens e vocação do devenir do homem; o vermelho é a cor do ser, mesclado às obscuridades do mundo e prisioneiro de seus entraves (CHEVALIER: 2002: 141-142; 144).

O sangue é universalmente considerado o veículo da vida [...] Às vezes, é até visto como o princípio da geração [...] O sangue é considerado por certos povos o veículo da alma (CHEVALIER, 2002, p. 800).

A cor branca, simbolicamente, é vista, por tanto, como a transitoriedade da personagem do tempo presente para o passado, como se voltasse para casa. O vestido que usa, embora branco, no entanto, está impregnando de um vermelho sangue, configurando o meio de regresso de Laura: a morte; e esta, seria o princípio de tudo, sua libertação da desventurosa vida, que por sua vez, figura o povo asteca, depois do qual, uma civilização terá início.

Por meio da atuação de Laura no conto de Garro, a história da Conquista do México bem como o mito que há muito se impregnou em torno de Malinche são retomados. Na versão histórico-literária da autora, a derrocada dos astecas não foi responsabilidade de uma mulher, mas se deu por interesses europeus e indígenas contra o império de Montezuma, o que livra Malinche a responsabilidade da Conquista do México.

Por outro lado, na obra de Marcela del Río, há um viés diferente para a narrativa, já que no gênero dramatizado, a personagem tem voz e, por meio dela, fala, em sua própria defesa. Assim, a partir do próprio discurso, a personagem constrói a sua história, já impregnada de oposição à da historiografia oficial.

Sob o título de *El sueño de la Malinche*, Del Río nos apresenta duas histórias que se passam em tempos diferentes e se entrecruzam, desnudando a história de Malinche. A primeira história se passa no século XXI e, nela, Emílio, diretor de cinema, dirige um filme com tema da Conquista com o mesmo título da obra de Del Río. É Emilio quem comanda a entrada e a fala dos atores. Na segunda história, o metalinguismo se configura no enredo, no qual se contam os sucessos da Conquista no século XVI, dando aos atores do texto dramático os papéis de ator e personagem.

No papel de Malinche, Aurora, a atriz que tem a função de dar voz à Malintzin. No meio das gravações, “MALINTZIN (DOÑA MARINA): La verdadera Malintzin, (intérprete de Hernán Cortés.) (Siglo XVI)”, ela aparece, interferindo tanto nas ações quanto construção do filme. Malintzin, ao longo do desenvolvimento da peça teatral,

busca desconstruir a versão oficial da história e da voz masculina, confrontando Emílio, decidido a contar a história segundo o discurso oficial. Doravante, Malintzin, contrapondo-se à versão legitimada pela historiografia, retoma sua voz, verbalizando seus pensamentos:

MALINTZIN: ¿Ni siquiera me reconoces? Soy Malinalli Tenepal, Malintzin, Malinche o doña Marina, como quieras llamarme, soy una y soy todas, pero las cosas no son tan simples como las pintas. Antes de darnos nuevos nombres, los soldados, bajo las órdenes del capitán Hernán Cortés, sin cortesía ninguna destruyeron el templo haciendo rodar a nuestros dioses por la escalinata de la pirámide. Pusieron una cruz en donde antes estuvo el teocalli, ultrajando a sus sacerdotes, y nuestros dioses nada hicieron para impedirlo. Ahí aprendí que su Dios era más fuerte que los nuestros. Ahí me hice por primera vez la pregunta ¿Por qué adorar a dioses débiles que no saben proteger a sus fieles hijos? Ahí aprendí que no debía seguir esperando de mi madre el amor, ni de mi pueblo la devolución de mi alta dignidad, ni de mis dioses la justicia terrestre. Ahí entendí que tenía que aprender a cuidarme por mí misma. Por otra parte ¿cómo podía no ser un Dios aquél que fue capaz de demoler a todos nuestros dioses? (DEL RÍO, 2005, p. 12)

Aqui, percebemos o desamparo de Malintzin frente à situação que nem os deuses puderam vencer, por serem, segundo ela, incapazes de proteger o povo indígena. Assim a jovem salienta o primeiro embate vencido pelos espanhóis pelo viés da religião, arrazoando porque teve que aprender a “cuidar-se de si mesma”.

Este seria, portanto, um dos muitos questionamentos acerca do papel de Malinche na histórica Conquista: Malinche traiu seu povo? Por quê? Era consciente? Ora, se por meio da história registrada nas crônicas não logramos tais especulações, pelo menos o fazemos por meio da ficção.

Assim, La lengua de Hernán Cortés, intervindo na história fílmica, empresta uma vez mais sua língua para reconfigurar sua própria imagem na função que exerceu entre os espanhóis no processo de dominação, dirigindo-se ao ator que interpreta Cortés:

MALINTZIN: [...] Si quieres que te respeten, el respeto debe comenzar por el que le tengan a tu “lengua” que soy yo, y ¿cómo pueden respetarla, si tú no la dignificas? El respeto a tu “lengua” debe comenzar por ti mismo... (DEL RÍO, 2005, p. 15).

É nesse momento que a personagem de Malintzin deixa transparecer a necessidade de que a vida e imagem da indígena devem ser tomadas com o devido respeito e consideração, que, aliás, deveria partir do próprio Cortés. Mais tarde, Malintzin trava um diálogo com Emílio, nada amistoso por sinal, a respeito do episódio de Cholula, e faz sua defesa:

EMILIO: Hemos preparado una escena en la que un fiscal te acusa ante la historia... MALINTZIN: ¿A mí? ¿De qué?
 EMILIO: De traición.
 MALINTZIN: Yo no traicioné a nadie.
 EMILIO: ¿Ah no? Fuiste desleal a tu raza india.
 MALINTZIN: ¿Raza india? En mi época no existía ni la palabra “raza” ni la palabra “indio”. Sólo había pueblos y familias.
 EMILIO: ¿Cómo puedes negar Malinche, que colaboraste con el español siendo mexicana? MALINTZIN: ¿Mexicana? (Sonríe sarcásticamente) Yo no era mexicana. No existía entonces una nación llamada México. México Tenochtitlan era el nombre de una ciudad Estado, tal como en España, antes de ser nación había reinos separados [...] ¿Raza? A estas alturas de vuestra civilización ¿todavía crees que la humanidad se divide en razas? Todos provenimos de mestizajes de distintos clanes, colores, familias y linajes. Nuestras sangres se han mezclado tanto que nadie puede apostar por su pureza. No... Emilio, en el mundo sólo existe una raza. Humana soy como tú y... (Al público.) como vosotros (DEL RÍO, 2005, p.24-25).

Um recurso utilizado para a construção da peça é o humor, as marcas de certo sarcasmo da personagem diante dos fatos revelam pré-conceitos inexistentes na época de Malinche, descortinando uma nova versão da história contada. A citação anterior deixa uma entre fala de Malintzin questionando a ideia de que ela é considerada traidora do povo mexicano, assim como problematiza a questão da mestiçagem racial. Pela estrutura do gênero, não há uma intervenção do narrador, dando assim à personagem o poder da fala, construindo sua própria história, expressando seus argumentos e justificando seus atos.

A fala de Malintzin na passagem a seguir, traz questões que se referem ao saber e à sua habilidade com as línguas, e ao quanto isso interfere no âmbito social, dando à obra de Del Río *status* de ficção histórica refletindo sobre a sociedade contemporânea.

MALINTZIN: [...] El saber una lengua, como el ser hombre o mujer, cambia la vida. Yo hablé náhuatl en mi infancia, pero si sólo hubiera sabido esa lengua, mi vida habría sido otra. Aprendí el maya y eso cambió mi vida. Cada lengua trae aparejada una vida. (Se dirige a una de las espectadoras) ¿Qué lengua hablas? Esa va a determinar quién seas. Yo fui conocida como “la lengua” de Cortés, gracias a mi aprendizaje del maya. Pero aprender el español siendo mujer, me permitió hacer de ese dios: mi amante. Cuál es la lengua que habláis, tal el destino que tenéis [...] (DEL RÍO, 2005, p. 33-34).

Malintzin entende o poder que teve advindo do conhecimento, poder este que veio pela palavra e pelo caráter que adquiriu em cada língua aprendida, levando em consideração que esse conhecimento é crucial para determinar o destino de quem quer que seja. No caso dela, não apenas a colocou no meio do processo de Conquista como também a auxiliou a conquistar o coração de Cortés, e acaba revelando suas intenções:

Con el mismo derecho a la rebelión con que Nezahualcóyotl se alió con los mexicas para derrumbar el poderío del rey Maxtla, con el mismo derecho me alié a Cortés para derrocar al asesino de mi padre y opresor de mi pueblo, el emperador Moctezuma (DEL RÍO, 2005, p. 58).

É possível entrever, pela leitura do texto, que há a ideia de que a mulher “tem a potência de ser o sujeito de sua vida”, conforme Zinani e Santos (2010, p. 179) sugerem, fazendo referência à literariedade que se apresenta nas obras das escritoras latino-americanas:

Esses universos construídos pela palavra feminina dão conta do poder de mulheres que tiveram, por longo tempo, suas vozes caladas, seus gestos reprimidos, sua subjetividade abafada. Mais que isso, esses sujeitos femininos permitem vislumbrar que não somente a força física é capaz de demover percalços, mas, em especial, a sensibilidade atenta em relação ao outro.

Nota-se que, na peça teatral, Malintzin é construída como uma personagem multifacetada, protagonizando e modificando seu destino e o daqueles que a cercavam, podendo defender-se e quebrar paradigmas a ela impostos.

Da mesma maneira, *Malinche* (2005), da escritora mexicana Laura Esquivel, aborda a temática histórica da vida de Malinalli, que significa “erva trançada”.

Na literatura de Esquivel, Malinche perde seu pai e é criada pela avó, que lhe transmite a sabedoria, os ritos, a religião e se torna sua grande companheira, amiga e quem lhe ensina outros aspectos da cultura de seu povo, como os sacrifícios humanos, o poder da palavra e os mitos sobre os deuses e a tradição indígena. Malinche aprende com a avó os rituais e os significados Quetzalcoátl e Chalchiuhtlicue, deus da humanidade e deusa da água, respectivamente. Após a morte da avó, Malinalli é levada a outra tribo na condição de escrava e, mais tarde, é dada a Cortés, com quem vive um romance e se torna tradutora, por seu grande conhecimento das culturas e das falas, além de seu idioma materno, o *manual* e o espanhol.

Após o êxito do colonizador, ele entrega a Índia a um dos oficiais de seu exército chamado Jaramillo e, com ele, Malinche consegue sonhada liberdade e cria seus dois filhos, Martín e María.

A autora mexicana a descreve adjetivamente como mulher guerreira, destacando sua inteligência e cuidado da vida e de seu entorno, com uma visão romântica da vida, bem diferente daquela Malinche fria e obstinada, pintada pelos que a chamavam traidora. A representação de Cortés segue a mesma linha, diferindo daquela conhecida pelos documentos oficiais, descreve um homem cheio de ganância e fraqueza, cujo

destino e sucesso dependeram da mulher, já que lhe era impossível a comunicação com os indígenas:

No entender el idioma de los indígenas era lo mismo que navegar sobre un mar negro. Para él, el maya era igual de misterioso que el lado oscuro de la luna. Sus ininteligibles voces o hacían sentirse inseguro, vulnerable (...) A todo lo largo de sua vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que un buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado (...) (ESQUIVEL, 2005, pp. 40-41).

Por sua vez, Malinche sabia da sua importância e de seu papel ao lado de Cortés, sabia que as palavras tinham poder, que os rumos daquela civilização estavam em suas mãos e não se sentia preparada para isso. Ao contrário, sentia medo do que poderia acontecer a ela e aos povos indígenas, seu objetivo dependia da sua decisão:

Ahora ella podía decidir qué se decía y qué callaba. Qué se afirmaba y qué se negaba. Qué se daba a conocer y qué se mantenía en secreto, y en ese momento ése era su principal problema. No solo se trataba de decir o no decir o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo se corría el riesgo de cambiar el significado de las cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y, al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la aterrorizaba (...) los dioses podían molestarse con ella (...) Ella sería aniquilada en un abrir y cerrar de ojos (ESQUIVEL, 2005, p. 73)

Ou seja, era Malinalli quem tinha o “dom” da fala, já que sabia falar dois idiomas e era a intérprete de Cortés, ela sabia o valor que possuíam as palavras, se orgulhava de ter “poder”, mas, ao mesmo tempo, algo temia a consequência que poderia causar ao fazer as interpretações:

Consideraba como el más grande honor que había tenido en la vida transmitir las palabras de Moctezuma. Lo que nunca esperó fue que Moctezuma depusiera su trono a favor de Cortés y que ella por ser la traductora, fuera quien prácticamente le hubiera dado el reino a Cortés (ESQUIVEL, 2005, p. 126).

Nesta passagem da obra, a autora nos expõe o drama vivido por Malinche, o embate emocional ao qual ela e as demais mulheres feministas sofreram ao conseguirem a “liberdade de direitos”. Malinche sentia um incômodo emocional, queria a sua liberdade, mas temia o que pudesse acontecer com determinada escolha (sua morte, a morte dos espanhóis, a morte dos indígenas). Malinche engravida de Cortés, sua gravidez não representava apenas a capacidade de reprodução da mulher, mas, sim, a união entre os povos (espanhóis e indígenas).

Cuando Malinalli se supo embarazada, se sintió plena, feliz. Sabía que en su vientre latía el corazón de un ser que iba a unir dos mundos. La sangre de moros y cristianos, con aquella de los indios, con esa raza pura, sin mezcla (ESQUIVEL, 2005, p. 151).

Mas Malinalli não estava “completa”. Cortés queria mais conquistas e Malinalli ainda ansiava pela liberdade, queria poder criar o filho, ser feliz, amada, não queria ser, para Cortés, apenas sua escrava e tradutora a quem ele, ainda que tivesse sentimento, não poderia deixar de conseguir seu poderio.

Lo que quiero es sentir la piel de nuestro hijo (...) Hacerlo sentir que el mundo es un lugar seguro, que la muerte estará lejos de él, que él y yo somos uno, que estamos unidos por una fuerza mayor que nuestras voluntades. Lo que quiero no puedo tenerlo porque me arrastras en el camino de tus obsesiones. Tu me prometiste libertad y no me la has dado. Para ti, yo no tengo corazón, soy un objeto parlante que usas sin sentimiento alguno para tus conquistas. Soy la bestia de carga de tus deseos, de tus caprichos, de tus locuras (...) Somos carne, sensibilidad y pensamiento (...) verbo encarnado, palabra en la carne (...) (ESQUIVEL, 2005, p. 158).

Obcecado pelas suas riquezas, Cortés resolve ceder aos seus sentimentos e casa Malinche com Jaramillo, um de seus companheiros, acreditando que, assim, distanciaria seus sentimentos da índia e poderia somente usufruir de seu trabalho como tradutora. Essa atitude de Cortés, exposta pela autora, relata a maneira pela qual os homens viam as mulheres. Segundo Rosiska, a atitude masculina (que se observa em Cortés) se deve ao fato de que, para os homens, essa troca provoca um vínculo social entre eles, um sistema de alianças fundamentado na reciprocidade. Porém, para as mulheres, tal atitude as faz sentirem como simples objeto de trocas do *status* dominante dos homens. A escritora mexicana Laura Esquivel publicou sua obra *Malinche*, em 2005, conferindo outra visão sobre a história da índia também chamada de Malinalli, cujo significado era “erva trançada” (Rosiska, 1999).

Na criação literária de Esquivel, Malinche é uma índia que, após a morte do pai, é criada pela sua avó, sua grande amiga e companheira. A avó de Malinche lhe transmite a sabedoria do mundo indígena como a religião voltada para os sacrifícios humanos, o poder que possuíam as palavras e os mitos sobre os deuses Quetzalcoatl (deus da humanidade) e Chalchiuhtlicue (deusa da água). Quando sua avó morre, Malinalli é entregue para trabalhar como escrava a uma tribo indígena que mais tarde a entrega para o colonizador espanhol Hernán Cortés. Hernán e Malinche se apaixonam e se tornam amantes.

Porém, Hernán movido pela ganância do ouro vê em Malinche apenas alguém que pode ajudá-lo a conquistar o que deseja: o território asteca. O mesmo ocorre com a índia que vê em Cortés a única pessoa que pode ajudá-la a se tornar livre. Malinche almejava a liberdade, pois, na sociedade indígena, a mulher tinha o dever de servir, sua vida social era restrita a afazeres domésticos, sendo excluídas até de praticarem a religião.

Portadora de um grande conhecimento (herança da avó), Malinalli falava a língua *nahuatl* e se empenhou em aprender o idioma espanhol, sendo, assim, a tradutora de Cortés, que, após conseguir o que desejava, entrega a índia para se casar com o europeu Jaramillo, um conquistador que o auxiliou em suas batalhas no México. Malinche consegue sua tão sonhada liberdade e cria seus dois filhos, Martín e María, ao lado de Jaramillo.

Percebe-se que, em sua obra, Esquivel descreve Malinche como uma indígena guerreira, inteligente, que valorizava a natureza e atribuía significado aos bens naturais, possuía uma visão romântica sobre a vida, diferente da personagem histórica que nos chega a parecer perversa diante das acusações atribuídas a ela. Cortés ao contrário, apesar de todo o poderio, é retratado como um homem “fraco” e ganancioso, que vê seu destino nas mãos de uma mulher, uma vez que sem Malinche não conseguiria se comunicar com os indígenas, pois não tinha conhecimento das línguas faladas por eles:

No entender el idioma de los indígenas era lo mismo que navegar sobre un mar negro. Para él, el maya era igual de misterioso que el lado oscuro de la luna. Sus ininteligibles voces o hacían sentirse inseguro, vulnerable (...) A todo lo largo de sua vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que un buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado (...) (ESQUIVEL, 2005, pp. 40-41).

Apesar de não se sentir preparada, Malinche compreendia sua importância e seu papel ao lado de Cortés, tinha consciência de que suas palavras teriam o poder de dar novos rumos àquela civilização, e temia o que poderia suceder a ela e ao povo indígena. Malinche:

[...] podía decidir qué se decía y que callaba. Qué se afirmaba y qué se negaba. Qué se daba a conocer y qué se mantenía en secreto, y en ese momento ése era su principal problema. No solo se trataba de decir o no decir o de sustituir un nombre por otro, sino que al hacerlo se corría el riesgo de cambiar el significado de las cosas. Al traducir, Malinalli podía cambiar los significados e imponer su propia visión de los hechos y, al hacerlo, entraba en franca competencia con los dioses, lo cual la aterrizzaba (...) los dioses

podían molestarte con ella (...) Ella sería aniquilada en un abrir y cerrar de ojos (ESQUIVEL, 2005, p. 73).

Ou seja, o dom e a capacidade linguística de Malinalli era tão significativo naquele contexto que a indígena sabia que tinha em mãos grande poder, mas, com ele, grandes responsabilidades, uma vez que suas decisões significariam consequências para todo o povo. Malinalli:

Consideraba como el más grande honor que había tenido en la vida transmitir las palabras de Moctezuma. Lo que nunca esperó fue que Moctezuma depusiera su trono a favor de Cortés y que ella por ser la traductora, fuera quien prácticamente le hubiera dado el reino a Cortés (ESQUIVEL, 2005, p. 126).

Esquivel, nesta passagem da obra, retrata um drama recorrente entre as mulheres que lutam e buscam liberdade e igualdade de direitos, a personagem fica entre a liberdade e a responsabilidade pelas decisões que toma, o que não deixa de ser um embate emocional. Imaginemos que os posicionamentos da jovem, frente a Moctezuma e Cortés, seria sua assinatura na morte ou vida, sua, dos espanhóis e dos indígenas. A gravidez de Malinche representava, então, um fruto de seu próprio ventre que consolida, também, este posicionamento em que se encontra: no vértice entre os dois povos e marco decisivo entre eles.

Cuando Malinalli se supo embarazada, se sintió plena, feliz. Sabía que en su vientre latía el corazón de un ser que iba a unir dos mundos. La sangre de moros y cristianos, con aquella de los indios, con esa raza pura, sin mezcla (ESQUIVEL, 2005, p. 151).

Apesar de conceber Martín, Malinalli não se sentia “completa”, ainda não estava livre. Embora tivesse sentimentos por Cortés, sua ganância de conquistador impediria a índia de viver independente dos serviços prestados como intérprete e tradutora, longe de viverem juntos com uma relação em que não se submetesse ao seu poderio.

Lo que quiero es sentir la piel de nuestro hijo (...) Hacerlo sentir que el mundo es un lugar seguro, que la muerte estará lejos de él, que él y yo somos uno, que estamos unidos por una fuerza mayor que nuestras voluntades. Lo que quiero no puedo tenerlo porque me arrastras en el camino de tus obsesiones. Tu me prometiste libertad y no me la has dado. Para ti, yo no tengo corazón, soy un objeto parlante que usas sin sentimiento alguno para tus conquistas. Soy la bestia de carga de tus deseos, de tus caprichos, de tus locuras (...) Somos carne, sensibilidad y pensamiento (...) verbo encarnado, palabra en la carne (...) (ESQUIVEL, 2005, p. 158).

A obsessão de Hernán Cortés por riquezas o faz “romper” sentimentalmente com Malinche, quando a oferece em casamento a Jaramillo, um de seus companheiros, mesmo esperando que possa contar com seu trabalho de tradutora e intérprete,

transparecendo o modo como os homens tendiam ver as mulheres. Para Rosiska, exemplificando em Cortés, a atitude masculina sugere a troca como uma aliança, na qual, há uma reciprocidade entre ambos, que para a mulher significa mais uma vez, sentir-se como objeto, ao passo que para o homem, é um vínculo de beneficência (Rosiska, 1999).

Diante deste panorama da mulher Malinche, na peça de Marcela del Río, a personagem recupera a voz e se defende do mito de traidora que carrega tomando posição de sujeito do próprio destino, assim como no Conto de Garro, Malinche representa um novo olhar sobre o papel da mulher na sociedade e aquela representada pela literatura, além de esclarecer que a culpa não pode ser sua, senão “dos Tlaxcaltecas”; Em Laura Esquivel, a verdade histórica, até então inquestionável pelos mexicanos, da traição de Malinche é suscitada por meio de uma interpretação que não deixa de fora nenhum dos elementos argumentativos necessários: o contexto, as motivações, a vida e a consciência da personagem. A obra *Malinche* é pensada desde uma perspectiva feminina da cultura indígena sobre a mulher (branca ou nativa) daquela sociedade. O romance histórico aqui empregado é um gênero que utiliza um fazer literário novo, que se soma a uma construção também nova da consciência da mulher em sociedade como sujeito autônomo de seu pensar, contribuindo para a linguagem literária, valorização e formação intelectual feminina. O nível de escrita feminina ganha peso e valor artístico e exprime ainda com mais vigor a liberdade de expressão conquistada.

Assim, concluímos que o caráter de traidora, atribuído historicamente a Malinche, é absolvido pela vivência das personagens nas três obras analisadas, levantando reflexões acerca dos discursos (muitas vezes masculinos), a partir do discurso de Bernal Díaz del Castillo. Acerca desses discursos, Borges (2010) afirma:

(...) a literatura, seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade (BORGES, 2010, p. 108).

Subentendemos, dessa maneira, que a bagagem cultural presente nos textos de Marcela del Río, Elena Garro e Laura Esquivel estão intrinsecamente associadas à História no sentido em que tratam de um tema histórico, mas também porque fazem história ao questionar as diferentes perspectivas masculinas apresentadas sobre a mulher.

5 A HISTÓRIA DA PERSONAGEM MALINCHE COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM

Este capítulo apresenta o objeto de aprendizagem que foi elaborado durante a pesquisa do Mestrado em História Ibérica, como parte dos requisitos dos componentes curriculares.

A produção de um objeto de aprendizagem, assim como as reflexões teóricas e o desenvolvimento prático desse objeto, são importantes por possibilitar um enfoque mais abrangente em relação ao tema da pesquisa e por poder direcioná-lo às práticas de ensino, principalmente àquelas que utilizam a tecnologia em sala de aula como recurso para o processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, é importante destacar que as metodologias que integram o uso da tecnologia buscam inovar e agregar sentido no modo de conceber e apreender o conteúdo, possibilitando ao aluno o pensamento e desenvolvendo o conhecimento de forma lúdica, interacional e social.

Desse modo, é possível afirmar que se trata de uma forma de ressignificar as práticas de ensino, ou seja, atribuir novas acepções e possibilidades voltadas ao uso das tecnologias de informação como processo de desenvolvimento e melhoria do conhecimento.

Propostas e desafio no uso de tecnologias da informação na educação

Sabe-se que a modernização da sociedade e o uso das tecnologias de informação motivaram diversas formas de se pensar e praticar o ensino e a aprendizagem no contexto da educação básica.

Ademais, o surgimento de aparatos eletrônicos como o computador se tornou item “indispensável para toda a sociedade”, pois, é perceptível no cotidiano que mesmo de uma forma indireta, os indivíduos interagem com a máquina. No entanto, nenhum aparato eletrônico realiza atividades “sozinho”, é necessário cuidado e práticas que estimulem o uso de forma efetiva (Moura, 2007, p. 9).

Quando se menciona o termo “uso de forma efetiva”, atribui-se a característica de funcionalidade do aparato e, também, dos potenciais cognitivos que podem ser otimizados pelo seu uso. Sob este aspecto, torna-se relevante mencionar o papel do educador em relação ao uso desses aparatos e das tecnologias de informação que se

apropriam cada vez mais da vida dos alunos e da realidade escolar sendo muitas vezes recurso favorável ao conhecimento. Segundo Moura (2007, p. 9)

Os novos professores do século 21, chamados por Pierre Lévy de "Arquitetos Cognitivos", precisam se apropriar destas novas tecnologias com segurança e conhecimento, de forma favorável a seus alunos, permitindo maior variedade nos processos de ensino e aprendizagem e tornando-se criadores de ambientes de aprendizagem, utilizando os novos meios que surgiram e que continuam evoluindo.

Em vista disso, pode-se afirmar que a evolução das tecnologias de informação norteia o conhecimento e facilita o processo de aprendizagem. Do mesmo modo, contribui para o trabalho pedagógico do docente na sala de aula.

No entanto, não só os aparatos tecnológicos devem influenciar nas práticas metodológicas, mas também nas formas de abordagens sobre os conteúdos, visto que há necessidade de tecnologias inovadoras que acompanhem o desenvolvimento da sociedade e a própria necessidade de que o aluno se envolva no processo de ensino e aprendizagem.

Além disso, houve também a inserção do uso das tecnologias como forma de redimensionar e proporcionar ao aluno um ensino diferenciado, pautado em agregar motivação na busca pelo conhecimento ao aliar o uso das tecnologias /mídias a uma educação não formal/informal.

5.1 A ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA DOS OBJETOS DE APRENDIZAGEM

Sobre objetos de aprendizagem, pode-se dizer que são recursos que tornam a aprendizagem mais dinâmica com a finalidade de alcançar o objetivo de uma formação mais integradora, visto que o ato de ensinar é complexo, como bem explicita Perrenoud (2008), pois envolve vários elementos a serem considerados, como a experiência e o conhecimento, as metodologias a serem aplicadas nas aulas, os tipos de avaliação, as formas de se atingir o objetivo de transmitir conhecimento por meio de práticas educativas, o que propicia o questionamento sobre a representação frente à realidade de nós mesmos e do mundo social.

Todos estes elementos tornam complexo o ato de ensinar por fomentar várias tomadas de decisões que incidem sobre uma determinada forma, dita como "apropriada" e que atinja o maior número possível das variantes, que reúna elementos indispensáveis

para tais práticas e “seu grau de inter-relações de forma consciente” (Zabala, 1998, p. 14).

Devido a isso, são necessárias propostas socioantropológicas, que se estabelecem levando-se em consideração a função social do ensino com o objetivo de repensar valores atribuídos impostos numa determinada sociedade e que, por meio de objetos de aprendizagem, permitem-nos repensar estes valores.

Sobre a função social que um objeto de aprendizagem pode contribuir, pode-se mencionar a interação entre indivíduos, respeitando as diferenças no “pensar”, pois cada sujeito reflete sobre uma determinada situação considerando a sua bagagem cultural.

Dessa forma, o objeto de aprendizagem, ao propor conteúdos que permitem uma reflexão sobre algum problema social, relacionados a uma característica que envolva um tipo de papel em relação a um perfil de uma sociedade, proporciona ao aluno o desenvolvimento crítico. Essa forma de pensar um conteúdo dá ao aluno a oportunidade de um conhecimento construtivista, em que tanto professor quanto o aluno tem consciência de sua participação no ato de aprender.

A propósito dessas afirmações, é notável que o “como ensinar” ocorre mediante à maior interação social entre alunos e professores e atividades diversificadas que estimulem a troca de conhecimento e a formação aprofundada, não relevando a atividade profissional apenas, mas, principalmente, a formação como sujeitos aptos a pensar e exercer o papel de cidadãos. Os recursos disponibilizados por objetos de aprendizagem têm contornos que possibilitam um ensino dinâmico, próximo aos alunos e que desenvolva competências digitais.

Para efetivar melhor a proposta pedagógica, deve-se pensar em uma sequência de atividades que englobe diferentes enfoques, a fim de estabelecer o desenvolvimento das habilidades e competências a serem ativadas, não somente na sala de aula, mas que possam perpassar a vida social do indivíduo.

É preciso insistir que tudo que fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (ZABALA, 1998, p. 29).

Assim como atividades diversificadas, é relevante atentar-se para as variadas formas de comunicação, assim como métodos de avaliação e recursos de materiais que sejam acessíveis ao aprendizado.

(...) Se entendemos que a melhora de qualquer das atuações humanas passa pelo conhecimento e pelo controle das variáveis que intervém nelas, o fato de que os processos de ensino/aprendizagem sejam extremamente complexos- certamente mais complexos do que de qualquer outra profissão não, mas sim torna mais necessário, que nós professores, disponhamos e utilizemos referenciais que nos ajudem a interpretar o que acontece na sala de aula (...) (ZABALA, 1998, p. 14).

O trecho nos ajuda a compreender os desafios do professor em sala de aula. Chama a atenção para a sensibilidade que o mediador do conhecimento tem com a recepção das suas práticas educacionais. Levamos em consideração que, para se colher frutos nas estratégias pedagógicas, o professor deve sentir as respostas àquela prática. Neste sentido, pontuamos a necessidade de compreender o quão válido é a utilização do objeto de aprendizagem dentro de diversas realidades. Com isso, cabe ao professor avaliar a relação da sua prática, as demandas locais e a viabilidade de utilizar as tecnologias da informação.

5.2 ENSINO DE HISTÓRIA E PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DE UM OBJETO DE APRENDIZAGEM

Devem-se aprimorar as estratégias de ensino, principalmente em relação ao ensino de determinados conteúdos como os que estão relacionados à disciplina de História.

Quanto ao ensino da História, tratou-se de desmistificar a ideia de que a aprendizagem ocorria mediante à memorização de datas e em somente tratar a disciplina como fatos e acontecimentos relacionados ao passado, sem a conexão com aspectos do presente e também do mundo. (Secretaria de Educação, CBC História, 2007)

Com isso, houve a necessidade de rupturas com os métodos tradicionais e novos paradigmas que visassem o conhecimento da disciplina e, também, sobre a cidadania. (Secretaria de Educação, Cbc História, 2007). Visto de forma mais ampla, tratou-se de desconstruir a percepção de que a sala é um local onde somente o professor fala, tem voz e o aluno é o sujeito paciente, aquele que só escuta, para ser considerada um “espaço de transformações educacionais, onde conhecimentos são construídos e repassados entre educadores e educandos” (Casemiro, p. 3, 2016).

Destarte, organizaram-se os conteúdos e habilidades a serem desenvolvidos pelo aluno do seguinte modo: ao propiciar a formação cidadã, pois “Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs” (Zabala, 1998, p. 28), e ao permitir a reflexão ampla sobre a sociedade e o mundo, estabelecendo relações e conexões sobre os acontecimentos, a apreensão da diversidade, considerando as etnias, povos, língua, tipos de discurso, territórios.

Zabala (1998, p. 13) afirma que a função que a sociedade atribui à educação tem sido a de selecionar os melhores em relação à capacidade para seguir uma carreira universitária. Dito isso, questiona-se se esta deve ser a função da escola, quais são as intenções educacionais e o que pretendemos com nossos alunos?

Sob este viés, o ensino de maneira geral, principalmente o ensino de História, propiciou a realização de um trabalho interdisciplinar ao promover o elo com diversos saberes entre eles e os associados ao uso da tecnologia.

Assim, em relação aos conteúdos de História, alguns objetos de aprendizagem foram elaborados com a proposta de ultrapassarem a educação tradicional, pois os professores de História buscam novos caminhos para práticas de ensino e estabelecem novas formas de representação de sentido acerca do estudo da disciplina, de forma a propiciar a reflexão sobre os acontecimentos passados e seu modo de influenciar o presente por meio da memória.

A memória como componente do conhecimento afirma o significado da existência e permite pensar nas relações entre passado, presente e futuro e na ideia do próprio indivíduo como ser mutável e pertencente das relações entre História e Humanidades facilitando a compreensão da diversidade étnica-cultural e a interação entre os diferentes indivíduos.

Por outro lado, é necessário considerar que:

O desenvolvimento do raciocínio histórico supõe a ampliação das capacidades de leitura e interpretação de informações de diferentes fontes históricas, a identificação de fatos principais, o estabelecimento de relações entre fatores, a construção de argumentações com base em dados e interpretações históricas diversas, a elaboração de ideias-síntese, assim como aprender a lidar com diferentes dimensões da temporalidade histórica. O desenvolvimento dessas capacidades requer dos professores um trabalho cuidadoso, sistemático e muita sensibilidade às diferenças de ritmo de aprendizagem dos seus alunos (Secretaria de Educação, CBC História, 2007, p.13).

Notam-se novas acepções quanto ao trabalho docente visando estimular e ao mesmo tempo conduzir as capacidades que servirão como direcionamento para a aprendizagem dos alunos. O olhar do professor perpassa o ambiente escolar e o simples ato de ensinar conteúdos para a completude do aprender.

Por conseguinte:

Nesse sentido, as práticas e estratégias pedagógicas devem visar ao desenvolvimento de capacidades relacionadas à construção do conhecimento histórico: a observação, a formulação de questões, o levantamento de hipóteses explicativas, a análise e interpretação de fontes históricas com vistas à construção da escrita da história. Por sua vez, é necessário também que o professor possibilite aos alunos desenvolver capacidades de ler e interpretar as fontes e produzir a sua própria interpretação oral e escrita. As informações só nos serão reveladas se as situarmos no tempo e espaço de sua produção: quem as produziu e com qual intencionalidade, quando, onde e sob que formas de registro. Além disso, devemos considerar que cada forma de registro tem uma “linguagem própria”: a linguagem fotográfica, a pintura artística, a linguagem oral, musical, poética, literária, cinematográfica, a linguagem oficial (legislação, tratados, códigos). Essas linguagens exigem a aprendizagem de suas particularidades, de suas técnicas, estilos, os quais guardam relação com o tempo e as culturas que as produziram (Secretaria de Educação, Cbc História, 2007, p.12).

Ou seja, trata-se de conceber e despertar a linguagem ao aluno para que ele adquira experiência em relação à intencionalidade dos discursos e, dessa maneira, aprimore a autonomia do pensar e de se posicionar diante dos variados tipos de textos que servem como documentos historiográficos e das formas de concepção da linguagem em que tais textos são produzidos. Posto isso, pode-se afirmar que “novas propostas de ensino-aprendizagem visam superar a aula puramente expositiva; valoriza aulas dialogadas, com questões e problemas que demandam a observação, o estabelecimento de relações e atitudes de pensar e descobrir” (Secretaria de Educação, Cbc História, 2007, p.12).

Por outro lado, estratégias que visam à explanação de diferentes pontos de vistas propiciam o respeito, a diversidade de relatos e a capacidade de levar em consideração a opinião do outro, colaborando com a socialização e a democratização por meio da realização dos trabalhos coletivos que podem ser ainda mais intensificados pelo uso da tecnologia e, conseqüentemente, pelos objetos de aprendizagem. Tais aspectos mencionados são relevantes para serem considerados na confecção do objeto de aprendizagem.

5.3 OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA COMPREENDER A FIGURA DE MALINCHE

O objeto de aprendizagem elaborado com o tema “A Figura de Malinche na Conquista do México” se enquadra à aprendizagem dos conteúdos procedimentais que visa incluir um conjunto de ações coordenadas e com um fim, tomando procedimentos como ler, observar, classificar, inferir etc. (Zabala, 1998, p. 43).

Os desafios acerca da criação do objeto de aprendizagem se devem ao fato de unir uso da tecnologia a um tema que é visto de forma rápida e é pouco questionado pelos alunos. Assim, o desafio é favorecer a reflexão do aluno, considerando a complexidade de um tema que está ligado ao processo de formação territorial. No caso da Conquista do México, é um tema que não é visto pelos alunos, nem abordado nos livros didáticos, mas abre possibilidades de discussão sobre o processo de formação da América colonizada de modo geral e porque apresenta uma personagem indígena e mulher que, na Literatura, ganha voz.

A escolha do tema do objeto de aprendizagem está relacionada aos conteúdos propostos pelo Eixo Temático I: Mundo Moderno, Colonização e Relações Étnico-Culturais (1500-1808), Tema 1: Representações Europeias do Novo Mundo (1º ano do Ensino Médio) presente no Currículo Básico do Ensino Médio, CBC (2007, p. 56), que se baseia na leitura e análise de textos escritos por cronistas e colonizadores que evidenciam a época da colonização. Neste sentido, faz-se necessário compreender as atividades propostas no objeto de aprendizagem.

O objeto foi elaborado utilizando a ferramenta *Xerte*, com base nas informações acerca de Malinche e seu papel na história da Conquista do México. A ferramenta *Xerte* possui um sistema com múltiplas funções e ferramentas para se criar conteúdos educativos que são uma opção para os docentes, pois a sua facilidade e acessibilidade promovem materiais interativos. Dentre as funções, há a opção de se utilizar a ferramenta *on-line* ou simplesmente produzir o conteúdo *on-line* e baixá-lo para ser utilizado *off-line*, sendo possível o deslocamento do arquivo sem alterar a sua funcionalidade. Como a ferramenta pode ser baixada, auxilia na resolução dos problemas ligados à falta de internet nas escolas, já que esta é uma dificuldade da atualidade, o que as vezes desmotiva o professor a elaborar conteúdos que envolvam tecnologia. Desse modo, a escolha pela ferramenta foi pensada com o intuito de facilitar o trabalho docente e despertar a atenção dos alunos.

Para o objeto de aprendizagem, foram pensadas as seguintes atividades:

Primeira: a atividade introdutória não apresenta o tema de forma imediata, mas propõe ao aluno analisar os diferentes papéis atribuídos à mulher, principalmente à mulher indígena para, a partir dessa análise, contextualizar a figura da personagem Malinche. Para essa atividade, deve-se considerar a bagagem cultural para posteriormente inseri-lo nas demais atividades.

Assim, as atividades posteriores incluem intervenções como completar com palavras-chave os textos acerca de Malinche, conteúdos a serem discutidos em sala de aula e com vídeos e textos relacionados ao tema. Tais atividades são essenciais, já que consideramos essencial a prática de interpretação de texto. Além disso, foi proposto um quebra-cabeça com as figuras históricas, visando estimular a cognição em relação às imagens.

Como sequência, a proposta visa a interação do aluno com a ferramenta, por meio da qual ele responde questões não apenas sobre o assunto, mas sobre o gênero crônica, como um *feedback* do conteúdo. Por fim, trabalhamos com questões sobre como ele lidaria com a situação da personagem, colaborando para que o aluno interprete o momento histórico e construa sua própria perspectiva sobre Malinche.

Outra parte propõe uma interação do aluno com a ferramenta, na qual ele responde questões não só sobre o assunto, mas se ele já leu crônicas (essa com um *feedback* que convida o aluno a conhecer o gênero) e questões sobre como ele lidaria com a situação da personagem, colaborando para que o aluno interprete o momento histórico.

O objetivo é trabalhar de forma dinâmica e interativa, proporcionando uma interação capaz de ensinar o conteúdo a ser discutido em sala de aula e provocar uma discussão. Segundo o autor Pierre Levy, a mente humana não segue um sentido linear de aprendizado. Para isso, a utilização de ferramentas, como o hipertexto, é capaz de estimular o conhecimento:

Quando ouço uma palavra, isto ativa imediatamente em minha mente uma rede de outras palavras, de conceitos, de modelos, mas também de imagens, sons, (...). Mas apenas os nós selecionados pelo contexto serão ativados com força suficiente em nossa consciência (PIERRE LÉVY, 1992, p.23).

Além disso, a dinâmica proporcionada não requer somente que os alunos decorem datas e acontecimentos históricos, mas também que sejam capazes de dialogar e debater, mostrando-se sujeitos ativos que, dentre outras coisas, se esforçam por

selecionar informação relevante, “organizá-la coerentemente e integrá-la a outros conhecimentos que possuem e que lhes são familiares” (Mauri, 2009, p. 89).

Assim, recorrendo ainda aos fundamentos abordados por Mauri (2009, p.89), pode-se depreender que “Os alunos são ativos quando estabelecem relações entre diversos objetos, identificam semelhanças e diferenças segundo critérios objetivos e podem nomeá-lo”.

Observa-se isso na sequência de perguntas e respostas que implicam no aluno dar sua opinião sobre o que leu anteriormente no texto e trabalhar sua capacidade de interpretação, construindo, modificando, enriquecendo e diversificando seus “esquemas de conhecimento a partir do significado e do sentido que pode atribuir a esses conteúdos e ao próprio fato de aprendê-lo” (Onrubia, 2009, p. 123).

Os preceitos ditos anteriormente por Onrubia (2009, p. 31) referem-se à concepção construtivista que preconiza que a aprendizagem deve ser a mais significativa possível, em que os alunos realmente se esforcem e se envolvam na esfera do conhecimento, contemplando situações reais de ensino e aprendizagem.

Destarte, podemos mencionar Zabala (1998) ao concluir que o objeto de aprendizagem elaborado considera as diferenças entre os indivíduos ao englobar diferentes atividades, considerando o que cada pessoa aprende de certa forma e num determinado momento.

A partir das reflexões expostas, é possível verificar que o processo de ensino e aprendizagem, quando vinculados às práticas pedagógicas que mobilizem e estimulem o desenvolvimento cognitivo, promove as interações sociais e também, novas formas de se apreender o saber. Isso não ocorre de modo tradicional, mas de modo dinâmico, que proporciona ao aluno a consciência de sua participação ativa na busca pelo conhecimento.

Além disso, há de se considerar as novas tecnologias como aliadas para o ensino de História, a fim de desenvolver cada vez mais habilidades que visem à melhoria da educação e novos sentidos em relação às estratégias de aprendizagem. Estratégias estas que se opõem à memorização de datas e estudos somente do passado, mas que permitam a interdisciplinaridade e o pensamento reflexivo e crítico.

Assim, deve-se considerar que a elaboração do objeto de aprendizagem, sob diversos enfoques, contribui para que o aluno adquira o saber de forma mais abrangente, ao mesmo tempo em que se sente inserido como sujeito nas práticas pedagógicas, não

mero observador passivo e receptor de conteúdos, mas atuante no processo de aprendizagem, utilizando as tecnologias em benefício do próprio conhecimento.

Por fim, pode-se constatar que, para uma formação de professores mais integradora, são necessárias mudanças e comprometimento em relação às práticas e metodologias que busquem de fato aprimorar o trabalho docente e, por outro lado, fomentem alternativas diferenciadas para que se atinja o objetivo de uma educação mais aprofundada, considerando não apenas conteúdos, mas uma formação que transforme e capacite os indivíduos como seres humanos e cidadãos.

5.4 GUIA DE UTILIZAÇÃO PARA OS PROFESSORES

Alguns preceitos nos guiaram para a construção do objeto de aprendizagem. É fundamental a compreensão desses elementos pelo professor, para que ele faça a mediação do conhecimento de acordo com a proposta do objeto. O uso de crônicas em sala de aula tornou-se uma dessas competências.

Susane Rodrigues de Oliveira chama a atenção para o ensino das crônicas, argumentando que deve haver uma problematização em relação às condições de produção:

Nesse sentido é fundamental que o/a professor/a de história adote procedimentos metodológicos que trate as crônicas como objeto de pesquisa histórica e como voz de sujeitos históricos, enfim como discursos carregados de sentidos, valores e representações do passado que precisam ser problematizados. Este trabalho com as crônicas possibilita a percepção de diferentes “modos de ver” e significar o passado, além da compreensão da historicidade das interpretações e das relações da linguagem com a cultura e o poder. Neste caminho abre-se possibilidade para que os estudantes também possam interpretar o passado e reconhecer a historicidade de suas próprias representações acerca dos indígenas e a conquista da América. (OLIVEIRA, 2011, p.240)

Problematizar os acontecimentos é como um exercício, portanto, significa compreender as condições e as perspectivas possíveis dentro de uma história, além de dar ao estudante uma ideia de sujeito capaz de criar sua própria visão de mundo. Assim, o gênero crônica que revela fatos históricos deve levar em consideração questões como narrador e destinatário, condições de produção, entre outros aspectos. Oliveira (2011), fala com propriedade sobre o uso da crônica como objeto temático de aprendizagem:

O primeiro passo na abordagem das crônicas consiste, portanto, na leitura e decomposição dos seus elementos. Os estudantes podem identificar palavras

desconhecidas e pesquisar os seus significados; além disso, podem identificar os personagens e/ou acontecimentos mencionados no texto e realizar uma pesquisa sobre eles. Em seguida podemos colocar algumas questões: que tipo documento é esse? Quem o construiu (elaborou)? O que nos diz? Como o diz? Onde? Quem o fez? Com que finalidades? Em nome de quem? Para quem? Com que propósito? Estas são perguntas básicas que podem orientar as atividades com outros documentos históricos em sala de aula. É necessário desestruturar o documento para apreender as suas condições de produção. (OLIVEIRA, 2011, p. 242)

Deve-se compreender que as crônicas foram produzidas com intencionalidades específicas. Como qualquer documento, as crônicas devem ser relacionadas ao seu tempo histórico para serem compreendidas pelos alunos. Assim, faz-se necessário contextualizar o ambiente no qual as crônicas foram construídas. As ideias dos estudantes, da mesma forma que as dos cronistas, historiadores e aquelas que circulam na mídia, não devem, portanto, ser tomadas como verdadeiras ou erradas, mas como objetos de estudo, de problematização. Devem ser feitas perguntas para essas fontes e considerar o quanto elas ajudam a compreender o tempo histórico em questão. Ou seja, estudar as crônicas para que possamos compreender a figura de Malinche. Podem ser feitas da seguinte maneira,

[...] os saberes históricos que circulam no nosso cotidiano devem ser o ponto de partida para o planejamento e organização da aprendizagem. Nesta perspectiva, os estudantes podem ser indagados sobre suas representações acerca do passado indígena na América. As questões problematizadoras devem partir da cultura experiencial dos estudantes, de representações que eles possuem sobre os acontecimentos do passado. Este caminho propicia reflexões sobre a relação presente passado e cria também situações didáticas para que os estudantes conheçam e dominem procedimentos de como interrogar obras humanas do seu tempo e de outras épocas. (OLIVEIRA, 2011, p. 241).

O uso de crônicas em sala de aula pode estar relacionado a temáticas específicas. Segundo Oliveira (2011, p. 243), a produção de significados e o funcionamento das crônicas podem estar transversalizados pelas questões de classe, gênero, etnia, religião, economia, política, diferenças, desigualdades, dentre outras que merecem ser problematizadas em sala de aula. Neste sentido, podemos pensar na utilização do objeto de aprendizagem em diversos aspectos da vida social sobre colonização e história da América. Para isso, é necessário um rigor de utilização,

As crônicas, portanto, não podem ser utilizadas apenas como exemplos ilustrativos da história, mas sim como discursos carregados de sentidos e valores, imagens e representações, cujas condições de produção necessitam ser apreendidas e interpretadas. Desse modo, podemos também contribuir na

formação do estudante como sujeito crítico e produtor de conhecimento histórico (OLIVEIRA, 2011. p. 243).

Oliveira (2011.p. 248) segue afirmando que as crônicas contêm uma infinidade de situações que nos permitem trabalhar com diferentes representações sobre um mesmo objeto. Isso nos leva a crer que se pode realizar um estudo comparativo sobre a escrita dos cronistas e outros textos sejam eles historiográficos ou literários, não para desvalorizar as crônicas, mas para analisar os diferentes discursos. Outra perspectiva é trabalhar os grupos excluídos. Isso se deve ao fato desses grupos possibilitarem as indagações por parte dos alunos sobre como as coisas ocorreram, assim como novas leituras e possibilidades de acontecimentos pode-se ter de um determinado fato histórico:

Eles devem ser estimulados a questionar: Por que as coisas aconteceram desta maneira? Como as pessoas viveram e responderam a determinadas situações no passado? O que estas respostas influenciaram no nosso presente? O que mudou e o que permaneceu? As coisas mudaram da mesma forma em tempos e sociedades diferentes? Os homens reagem de forma igual nas mesmas situações? Existem diferenças? (Secretaria de Educação, CBC História, 2007, p.15).

Ademais de instigador, o tema proporciona a interdisciplinaridade, uma vez que são discutidos aspectos relativos a conteúdos literários e demais tipos de textos, o que permite um ensino de história diferenciador complementar. Não obstante, é possível levar ao aluno outras leituras que possam fazê-lo refletir sobre os tipos de discursos que permeiam a historiografia oficial, sobre como esses discursos contribuem para a formação de um mito, além de ressaltar a importância da história para o processo de construção da identidade de um povo e para o desenvolvimento cultural, compreendendo que essas perspectivas determinam o modo de pensar e influenciam as gerações de uma sociedade.

Trata-se de rupturas com uma visão homogênea da história e centrada apenas em dar a conhecer os textos escritos pelos “vencedores” (cultura europeia) para a formação e conhecimento de discursos que resgatam e problematizam a visão e a voz dos grupos “vencidos”, como os indígenas.

Por meio desses rompimentos, “os objetos do conhecimento histórico se deslocaram dos grandes fatos nacionais ou mundiais para a investigação das relações cotidianas, dos grupos excluídos e dos sujeitos sociais construtores da história”

(Secretaria de Educação, CBC História, 2007, p.14). Por meio dessas reflexões teóricas, compreendemos a funcionalidade do objeto de aprendizagem desenvolvido.

Por isso, o Objeto de Aprendizagem usa a temática da personagem Malinche como protagonista de seu tempo, intérprete e tradutora de Cortés, apresentando um breve relato de sua trajetória e de sua ruptura numa sociedade em que a voz ouvida era predominantemente masculina, além de refletir o mito que acompanha seu nome.

Compreendendo se tratar de material de apoio relevante ao processo didático do ensino sobre o papel e a representação de Malinche na história da Conquista, disponibilizamos o *link* de acesso ao Objeto de Aprendizagem, seguido de um breve tutorial para seu uso *online* ou *off-line*.

O endereço eletrônico para acesso online do Objeto de Aprendizagem “A figura de Malinche na Conquista do México” é:

<https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template_id=78>.

Para baixar o material e utilizá-lo no modo *off-line*, disponibilizamos o endereço de e-mail, por meio do qual o arquivo pode ser recebido de forma compactada (.rar): fabianecfreitas@hotmail.com.

Instruções para abrir o Objeto de Aprendizagem (compactado em .rar):

1. Necessário ter um programa descompactador de arquivos (do tipo WinRAR, WinZip, etc.).
2. Criar uma pasta no computador, CD ou *pendrive* com o nome relacionado.
3. Baixar o arquivo enviado por *e-mail*.
4. Extrair o material recebido para a pasta selecionada.
5. Insira o CD no compartimento disponível pelo *notebook* ou computador.
6. Para executar, dê um clique no ícone gerado na tela inicial do aparato eletrônico.
7. A pasta abrirá, visualize o ícone “index” e dê dois cliques.
8. Automaticamente, o objeto de aprendizagem aparecerá com a tela de introdução e o título do OA.
9. Para acessá-lo, basta clicar nos ícones de setas, indicados para mover (avançar ou retomar).
10. Os jogos interativos presentes no objeto de aprendizagem podem ser acessados pelo movimento mouse.

Atividade 1 (Preenchimento de lacunas): ao mover o cursor do *mouse*, clique no espaço correspondente para escrever as respostas.

Atividade 2 (Jogo da memória): Movimente o cursor do *mouse* e clique sobre as cartas para fazê-las revelar as figuras.

Atividade 3 (Compreensão leitora): Para responder as questões, clique na opção correspondente e, em seguida, em *check*, para visualizar o feedback e confirmar a resposta. 11. Para fechar o objeto de aprendizagem, clique na opção fechar +no canto superior direito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que chegaram às Américas, os navegadores deparam-se com uma série de novidades que, aliadas à sua necessidade de relatar e à comparação do que o imaginário já lhes garantira, promoveram uma produção que ora chamamos de primeiras literaturas históricas de viagem, ou, fonte documental.

À medida que os europeus confrontavam o que observavam, estes documentos iam sendo produzidos e traziam uma visão daquele “Novo Mundo” em que se desenrolava a nova jornada. À parte de todos os relatos de que se tem notícia, Bernal Díaz Del Castillo confia à sua memória, tempos depois, os fatos “verdadeiros” que presenciara durante a Conquista.

Quando a história é revisitada por meio desses documentos, há uma relação entre História e Literatura que deve ser considerada em todos os seus contextos. Desse modo, este trabalho apresentou aspectos sobre a relação entre as duas vertentes, cujas áreas se apropriam, em seus discursos, dos mesmos recursos de linguagem, possibilitando que se analise o processo de (re) construção da identidade de um povo enquanto nação. Longe de esgotarmos os conceitos e atribuições de cada área, compreendemos que o suporte pelo qual a história chega até nós é também literário, como as crônicas.

A partir dos discursos historiográficos, ou seja, da versão dos historiadores, a Literatura propõe um contra discurso que resgata vozes que permaneceram silenciadas durante séculos, como a voz dos vencidos na época da colonização. Destarte, a visão já conhecida do conquistador é respeitada, sem, contudo, deixar de voltar um olhar sobre as personagens envolvidas em todo o processo.

As grandes navegações favoreceram não só a chegada dos conquistadores e a exploração de terras no continente americano, como também o surgimento de vários mitos por meio de personagens históricas. A esse respeito, o presente objeto de estudo teve por referência a análise da personagem histórica da Conquista Espanhola, Malinche, considerada como “traidora e objeto de antimexicanidade” pelos mexicanos (González Hernández, 2002).

No cenário da Conquista do território do México pelo espanhol Hernán Cortés, Malinche se sobressaiu como um dos personagens mais emblemáticos da cultura

mexicana, o que favoreceu a criação do mito “negativo” em relação à sua figura. Uma das fontes mais apreciadas como literatura histórica documental e que serviram para embasar a caracterização da índia como traidora são as crônicas de Bernal Díaz Del Castillo, nas quais se apresentam relatos “mais verdadeiros” e detalhados de inúmeros acontecimentos da história da Conquista envolvendo Malinche, Cortés e os indígenas.

Com o objetivo de entender como ocorreu a significação da personagem Malinche, fez-se necessária uma descrição e a consideração de acontecimentos ligados à época, mais especificamente sobre sua atuação como mulher à frente de seu tempo, convivendo entre os dois mundos e mais: atuando como intérprete e tradutora entre eles. Esses aspectos histórico-conceituais sobre a representação de “Doña Marina” nos permitiram analisar o papel da mulher indígena no século XVI, relacioná-lo ao papel da tradutora e intérprete de Cortés entre os indígenas, além de projetar o sentido e a voz feminina para o nosso tempo, revelando obras contemporâneas a partir do mito de traição que se refere à personagem.

Nessas obras, a partir da esfera literária, as escritoras usaram recursos estilísticos e argumentativos para reivindicar a voz de Malinche, cuja função representa a busca por um meio de fazer valer sua voz num ambiente corriqueiramente masculino. Além disso, as obras apresentam uma nova perspectiva da história da personagem, a fim de dissipar, ou, pelo menos, amenizar a carga negativa que recaiu sobre seu nome.

Ademais, ao abrirem-se novos caminhos interpretativos de um relato reconhecido como o da Conquista, não intencionamos questionar fatos históricos, nem tampouco anulá-los; mas percebemos que, ao longo da investigação, pudemos compreender que os estudos e análises referentes a uma personagem não se esgotam no próprio texto, pois permitem reavaliar elementos como os culturais, contextuais e historiográficos.

Dessa maneira, identificou-se na narrativa de Díaz Del Castillo (1684) a influência da atuação de Malinche para a cultura mexicana e para a historiografia oficial. Por meio da escrita do cronista, foi possível delinear a representatividade da nativa e do papel da mulher na Literatura Mexicana contemporânea (século XX). Foi importante considerar a temática pela relevância que os estudos sobre o assunto proporcionam na contemporaneidade a respeito da época de 1500.

Sob fundamentos teórico-conceituais que discutem História e Literatura, como Aristóteles (2004), Esteves (2010), Ferreira (1996), Nunes (1988), Pesavento (2003), Perkowska (2008), Trouche (2006), entre outros, fizemos leituras e análises de fatos

históricos que nos permitiram traçar um caminho relacional entre as duas áreas no que tange ao relato histórico, fazendo um panorama entre passado e presente, historicamente construídos, e das novas representações possíveis a partir desse conhecimento.

A exemplo disso, a leitura e a análise se direcionaram para as obras literárias das escritoras contemporâneas Laura Esquivel (2005), Marcela Del Río (2012), e Elena Garro (1989). Com essas leituras, verificou-se como o fazer literário vai de encontro aos fatos revelados pela História, ou sobre como, pela literatura, é possível repensar a História, mais especificamente, os discursos históricos.

Para as análises literárias, recorremos a embasamentos teóricos que tratam especificamente sobre a representação de Malinche na Literatura e em outras expressões culturais, como González Hernández (2002), Salete Rosa Pezzi dos Santos (2010), Márcia Hoppe Navarro (2005; 2011) e Margo Glantz (2001), entre outros. A leitura atenta das crônicas foi essencial, uma vez que a partir dela decorreu-se a análise comparativa das obras literárias de escritoras mexicanas e, também, a leitura das teorias que tratam da relação entre Literatura e História.

Para uma análise mais aprofundada, recorreu-se aos textos escritos no idioma original (espanhol), pois a maioria dos livros utilizados para a análise não está traduzida (e não há muitos exemplares adaptados), o que nos garante uma análise mais precisa e uma investigação mais aprofundada dos textos.

Ademais, pretendeu-se partir de leituras teóricas sobre romance histórico e abordagens da Literatura Latino-americana para obter resultados que contribuam para o senso crítico do aluno.

Assim, desenvolveu-se um objeto de aprendizagem que tem por objetivo o conhecimento das novas tecnologias em relação ao processo de ensino e aprendizagem. Além disso, foi pensado tomando por base os aspectos apontados e também aos conteúdos propostos pelo Eixo Temático I: Mundo Moderno, Colonização e Relações Étnico-Culturais (1500-1808), Tema 1: Representações Europeias do Novo Mundo (1º ano do Ensino Médio) presente no Currículo Básico do Ensino Médio, CBC (2007, p. 56), que se baseia na leitura e análise de textos escritos por cronistas e colonizadores que evidenciam a época da colonização e Tema 2: O Encontro das Diferenças e a Construção da Imagem do Outro, tópico 2 A conquista da América cujas habilidades se caracterizam em analisar a atitude de Cortez em relação à cultura Asteca, analisar os métodos utilizados por Cortez na conquista do Império Asteca e identificar os interesses representados por Cortez no empreendimento da conquista.

Finalizadas as leituras, análises e escritas referentes à pesquisa, um livro eletrônico foi criado com o objetivo de permitir a acessibilidade às tecnologias da informação. A aplicabilidade é realizada da seguinte forma: ao acessar o *site*, o aluno navegará por histórias relativas ao tema e encontrará elementos chamados hipertextos, os quais auxiliarão no conhecimento sobre conceitos e fatos marcantes relacionados ao tema, propiciando uma aprendizagem integradora e reflexiva.

Dessa forma, o livro eletrônico levará o aluno a explorar mapas, palavras, vídeos e curiosidades sobre o tema proposto, além de ampliar espaços para discutir o tema com outras pessoas, pois a proposta do objeto de aprendizagem não é se ater somente ao conhecimento momentâneo, mas, principalmente, inseri-lo nas abordagens do cotidiano e gerar possibilidades para que o tema seja mais estudado.

Por fim, conclui-se que é possível valer-se dos hibridismos dos textos para discorrer sobre um aspecto em particular, como a investigação de representações de personagens históricas. O estudo destas personagens, marcadas positiva ou negativamente pela memória coletiva, contribuem para que o questionamento de versões que se mostraram fixas ao longo do tempo e conferem à escrita da mulher mais que um valor artístico e literário. , Mais do que isso, defende a relevância de se reivindicar vozes por meio da escrita e, com isso, modificar culturalmente aspectos primordiais que formam a consciência de uma sociedade. Por outro lado, esse estudo fomenta novos direcionamentos quanto ao ensino e aprendizagem, aliados à tecnologia como uma forma de se integrar um conhecimento mais efetivo que sustente o pensamento crítico.

REFERÊNCIAS

- AINSA, Fernando. **La nueva novela histórica latinoamericana**. México: Plural, 1991. 240 p.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- BACZKO, Bronislaw. **Los imaginarios sociales, Memorias y Esperanzas Colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999. Disponível em: <https://imaginariosyrepresentaciones.files.wordpress.com/2015/09/baczko-bronislaw-los-imaginarios-sociales.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2019.
- BARRERA, Trinidad. **História de la literatura hispanoamericana**. Tomo III Siglo XX. Madrid: Cátedra, 2008.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v.1, n.3, 2010.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília, 1998.
- CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CASEMIRO, Renato. A importância das mídias no ensino de história. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2., 2016, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR, 2016. Disponível em: <http://www.sied-enedp2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1746/741>. Acesso em: 12 jan. 2018.
- CASTILLO, Bernal Díaz del. **Historia verdadera de la conquista de la nueva España**. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1964.
- CARMONA FERNÁNDEZ, F. Conquistadores, utopía y libros de caballería. **Revista De Filología Románica**, v.10, n.11, 1993.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 21. ed. Tradução Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- COLL, César, et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009. p. 123-150.
- CORTÉS, Hernán. **Cartas de relación**. México: Porrúa, 2002.

CUNHA, Gloria da. **La narrativa histórica de escritoras latinoamericanas**. Buenos Aires: Corregidor, 2004.

DEL RÍO, Marcela. **El sueño de la Malinche**. [s.l:s.n] 2005. Disponível em: http://seminariodeculturamexicanacuernavaca.org/integrantes/m_rios/17.pdf. Acesso em: 15 jun. 2012.

DUARTE, Idalina da Paz. **La historia verdadera de Bernal Díaz del Castillo y su rechazo a otras “mentiras” respecto a la Conquista de la Nueva España**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela história. Canoas, **Revista de Educação e Letras**, n.9, nov. 2003/jun. 2004, p.49-56. Disponível em: www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/articule/download/701/522. Acesso em: 20 dez. 2017.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. Buenos Aires: Suma, 2005.

ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Edunesp, 2010.

FEITOSA, Sérgio Costalunga. História e literatura no final do século XIX. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, CULTURA, SOCIEDADE E PODER, 4., 2014, Jataí. **Anais...**, Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2014, p.1-503 Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(251\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(251).pdf). Acesso em: 22 set.2016.

FERREIRA, Antonio C. **História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares**. Pós-história. Assis: UNESP, 1996.v.4, p. 23-44.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: UFF, 2005.

FREITAS, Fabiane Cristiane Carlos; RIBEIRO, Fernanda Aparecida. A história de Malinalli revisitada na obra Malinche, de Laura Esquivel. **Revista do Curso de Letras das Uniabeu/e-escrita**, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/articule/view/1089. Acesso em: 06 jun.2017.

FREITAS, Fabiane Cristiane Carlos; RIBEIRO, Fernanda Aparecida. Múltiplos olhares: a personagem Malinche nas obras de Marcela del Río e Elena Garro. **Revista Alere**, v. 16, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/2317>. Acesso em: 06 jun.2017.

FUENTES, Carlos. **El espejo enterrado**. México: FCE, 1992.

GAFFO, Bethânia Cristina. A nova história cultural e a utilização da literatura para a pesquisa historiográfica. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6., 2013, Campinas. **Anais...** Campinas: Associação Nacional de História, 2013, p.1-10.

Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/444_trabalho.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

GARRO, Elena. **La culpa es de los tlaxcaltecas**. México: Grijalbo, 1989.

GLANTZ, Margo (coord.). **La Malinche: sus padres y sus hijos**. México, D.F.: Taurus, 2001.

GLANTZ, Margo. **La Malinche: la lengua en la mano**. [s.l:s.n] 1993. Disponível em: http://www.debatefeminista.pueg.unam.mx/wpcontent/uploads/2016/03/articulos/010_09.pdf. Acesso em: 28 abr. 2017.

GLANTZ, Margo. **Las hijas de la Malinche**. [s.l:s.n] 1994. Disponível em: http://www.debatefeminista.pueg.unam.mx/wpcontent/uploads/2016/03/articulos/006_10.pdf. Acesso em: 28 abr. 2017.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**. O deslumbramento do novo mundo. São Paulo: Edusp, 1996.

GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, Cristina. **Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2002.

GUARDIA Sara Beatriz. **Literatura e escrita feminina na América latina**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/sandr/Downloads/28217-100768-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

GUIMARÃES, Ângelo de Moura; RIBEIRO, Antônio Mendes. **Introdução às tecnologias da informação e da comunicação: tecnologia da informação e da comunicação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HOFFMANN, Elisa. **Porta-voz entre dois mundos: uma análise da narrativa Malinche, de Laura Esquivel**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

JOSÉ, Maria Emília Granduque. **A presença de Malinche nas crônicas de índias do século XVI**. [s.l:s.n] 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93224>. Acesso em: 28 abr. 2017.

IBARRA, Mayra. **Hernán Cortés y la Malinche: unidos por una herida: Aproximaciones al análisis del discurso histórico e ideológico acerca de la identidad cultural mexicana en la década de 1950**. [s.l:s.n] 2007. Disponível em: http://bibliotecadigital.uns.edu.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1668-74262007001100004&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 28 abr. 2017.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência** - O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2004.

LIBERMANN, Zelig. Tempo, memória e ressignificação. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 15, n. 3, 2014. Disponível em: rbp.celg.org.br/audiencia_pdf.asp?aid2=128&nomeArquivo=v15n3a09.pdf. Acesso em: 17 jun. 2018.

LOWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991.

PARANÁ.SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva de professor**. Londrina, 2013.

MATTALÍA, Sônia. Un <<invisible collage>>: la narrativa de mujeres en América Latina. IN: BARRERA, Trinidad (coord). **Historia de la literatura hispanoamericana**. Tomo III. Siglo XX.[s.l]: Ediciones Cátedra, 2008. p.147-166.

MAURA, Juan Francisco. Leyenda y nacionalismo: alegorías de la derrota en La Malinche y Florinda "La Cava". Espéculo. **Revista de Estudios Literários**, Madrid, 2003.

MAURI, Teresa. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, César. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009. p. 79-121.

MOLLIER, Jean Yves. História cultural e história literária. **Soc. Estado**, Brasília v.31, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016.00030003>. Acesso em: 28 abr. 2017.

MONTAUDON, Yvonne. **Doña Marina**: las fuentes literarias de la construcción bernaldiana de la intérprete de Cortés. [s.l:s.n]: 2007. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/doa-marina-las-fuentes-literarias-de-la-construccion-bernal-diana-de-la-intreprete-de-corts-0/html/87db9565-9855-4129-b417-132fc8d62b57_23.html#I_0_. Acesso em: 28 abr. 2017.

MORAIS, Marcos Vinicius de. O primeiro conflito no Novo Mundo: o real e o imaginário. In: ANPUH SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Associação Nacional de História, 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0677.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

MILTON, Heloisa Costa. Narrativa e imaginário na América Espanhola. **Itinerários**, Araraquara, 2000.

NASCIMENTO, Romulo Sales do. Uso e aplicação de ferramentas da web e softwares educacionais em sala de aula. **Revista de Estudo em Linguagem e Tecnologia**, v. 7, n.1, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19101920-Uso-e-aplicacao-de-ferramentas-da-web-e-softwares-educacionais-em-sala-de-aula.html>. Acesso em: 12 jan. 2018.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Re-escrevendo o feminino: a literatura latino-americana em perspectiva. In: LIMA, Tereza Marques de Oliveira; MONTEIRO, Maria Conceição. **Figurações do feminino nas manifestações literárias**. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

NAVARRO, Márcia Hoppe. El mito de la Malinche en la obra reciente de escritoras hispanoamericanas. In: ZABALGOITIA HERRERA, Mauricio (Ed.). **Serie Los tiempos del mito**. Barcelona, 2011. p. 5-15. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100011. Acesso em: 17 junho. 2018.

NOVAES, Adauto (Org.). **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOVAES, Adauto (Org.). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OBREGON, Luis Gonzalez. **El capitan Bernal Díaz del Castillo**. México: Oficina Tip. De la Secretaria de Fomento, 1894.

OLIVEIRA, Fátima Cristina Monteiro de. A arte da reescritura: uma resignificação? **J. Psicanal**, v.44, n.80, jun. 2011.

OLIVEIRA, Rosiska D. de. **Elogio da diferença: o feminismo emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. As crônicas coloniais no ensino de história da América. **História & Ensino**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 235-252, jul./dez. 2011.

ONRUBIA, Javier. Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir. In: COLL, César et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

RINALDI, Lucinea. **Cronistas de Viagem e viajantes cronistas: o Pêndulo da representação no Brasil Colonial**. São Paulo: USP, 2007.

PARIZOTE, Amanda Dall' Zotto. Literatura e história: fronteiras instáveis. In: SANTOS, Salete Rosa Prezzi; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Mulher e literatura: história, gênero e sexualidade**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

PAZ, Octavio: **O labirinto da solidão**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

PERKOWSKA, Magdalena. **Historias Híbridas. La nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías postmodernas de la historia**. Madrid: Iberoamericana, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **A escola frente à complexidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.29-59.

PESAVENTO, Sandra J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, n.14, p. 31-45, set. 2003. Disponível

em:<<http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30220/pdf>> Acesso em 28 set 2015.

PESAVENTO, Sandra J. **500 anos de América: imaginário e utopia**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1992. Disponível em: http://sandrapesavento.org/pdfs/LOTE-07/1992_500%20anos%20de%20Ame%CC%81rica%20imagina%CC%81rio%20e%20utopia.pdf. Acesso em: 02 jan. 2019.

SANTOS, Ana Cristina dos; TAVELA, Renata Martuchelli. Malinalli: a reconstrução identitária de uma personagem histórica. **Hispanista**, v.13, n.48, enero/feb./marzo 2012.

SCHEMES, Elisa Freitas. **A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, LUGARES DOS HISTORIADORES, 28., 2015, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: Velhos e Novos Desafios, 2015.

VILLANUEVA, Darío. **Literatura europeia e construção colonial da realidade americana**. [s.l:s.n], 2006. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6856.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SCHEIBE, Roberta. **A Recriação do Real: As origens do gênero crônica no Brasil**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 12., 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

SERRANO, Kátia Estigarribia. **O uso das mídias no ensino de história para os anos finais do ensino fundamental**. Porto Alegre: UFRS, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/133893/000981630.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jan. 2018.

STADEN, Hans. **Dois viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

ZABALLA, Antoni. **A prática educativa: unidades de análise**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZANELLA, Sílvia Maria. **Por trás da voz de Malinalli: mapeamento das identidades histórica e literária de Malinche**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4177/Dissertacao%20S%C3%ADlvia%20Zanella.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Pezzi dos (org). **Mulher e literatura: história, gênero, sexualidade**. Caxias do Sul: Educs, 2010.

ZOLIN, Lúcia O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (Org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p.181-203.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. **América: história e ficção**. Niterói, RJ: Eduff, 2006.

TYUTINA, Svetlana. La doble Malinche: la revisión histórica y política del papel de la mujer en “La culpa es de los Tlaxcaltecas” de Elena Garro. **Hispanet Journal**, v. 1, 2008. Disponível em: <http://www.hispanetjournal.com/MalincheMaria2.pdf> Acesso em: 28 fev. 2015.

ANEXOS

A figura de Malinche na Conquista do México
O que você sabe sobre a Conquista?

Contexto histórico

No ano de 1512, o espanhol **Hernán Cortés** chegou à região onde hoje se localiza o território do México. Como "presente", recebeu dos **índigenas** um grupo de vinte índias para trabalharem como escravas. Dentre elas, a indígena Malinche se destacou das demais pelo seu conhecimento linguístico, tornando-se sua amante e tradutora entre a língua espanhola e o **nahuatl**. Porém, devido ao seu trabalho como **intérprete** de Cortés, Malinche foi considerada como traidora pelo seu povo.

A ideia de **traição** tem-se perpetuado ao longo desses cinco

3 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México
Quem sou eu?

Jerónimo de Aguilar, um religioso espanhol que naufragara por aquelas bandas provavelmente em 1511 e falava náuatle, era o **intérprete** oficial de Cortés. Quando descobriram que Malinche falava maia, ela começou a ser usada para fazer Cortés entender o que os povos daquela origem falavam. Ela ouvia as frases em maia, passava para o asteca e Aguilar fazia a tradução do asteca para o espanhol. De tanto fazer isso, a jovem logo aprendeu o espanhol e ganhou nova alcunha: era agora "a Língua", aquela que intermediava a comunicação entre os **índigenas** e os recém-chegados. A escrava começou a ganhar importância, a ponto de se tornar amante de Cortés e ter um filho com ele, Martín.

18 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México
Organização da sociedade

A colonização espanhola

A SOCIEDADE

- Chapetones:** Escravidos, altos cargos, privilégios.
- Crioulos:** Descendentes de espanhóis nascidos na América. Elite colonial, grandes proprietários e comerciantes. Integrantes dos Cabildos (câmara e poder local).
- Mestiços:** Artesãos, pequenos comerciantes, assalariados...
- Índios e Negros:** Discriminados e explorados, formam a principal mão de obra, principalmente nos latifúndios e minas.

5 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México
O que significava ser uma mulher indígena na América colonial?

A mulher indígena possuía "multiplicidade de papéis", que incluíam afazeres domésticos, produção de artefatos, reprodutoras e objeto sexual. No entanto, essas representações apenas reduziam sua imagem e sua importância. Contudo, por vezes, podiam exercer a função de intérprete, como no caso de Malinche.

Apesar dos estereótipos recorrentes que relatam a mulher indígena como um ser-objeto e secundário, há uma forte tendência em resgatar o protagonismo da mulher pela literatura, nas produções artísticas, culturais e cinematográficas.

No Brasil, por exemplo, José de Alencar, escreve uma história de amor sobre a índia Iracema. Moana, personagem da Disney, representa uma índia que entra numa perigosa aventura para salvar seu povo.

E você, conhece alguma personagem indígena?
A seguir, dois jogos para que você teste seus conhecimentos.

6 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México
Escolha uma das opções abaixo e complete as sentenças:

Malinche/Malintzin/ Doña Marina:
índigena que atuou como
ao lado do colonizador Hernán Cortés
na Conquista do México.

Opções: Lutadora - catequista - intérprete - jogadora - atriz - curandeira - colonizadora

7 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Iracema: personagem feminina
que dá nome ao título
da obra de

Opções: José de Anchieta - Machado de Assis - Clarice Lispector - José de Alencar - Aluísio Azevedo - Ariano Suassuna

9 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Pocahontas:

índigena, que impediu seu pai de executar o colono John Smith. (versão Disney)

Opções: Rainha - imperatriz - sacerdotisa - princesa

11 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Icamiabas:

baseado nas lendas sobre as índias icamiabas que não aceitavam/aceitam a interferência da presença masculina em seus ofícios.

Opções: Filme - desenho animado - história em quadrinhos - novelas

13 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Jogo da Memória

15 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Jogo da Memória

15 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Agora que já relembramos e interagimos com diferentes personagens, que tal conhecer um pouco mais sobre Malinche?

Quem sou eu?

Acredita-se que ao nascer, por volta de 1496, tenha sido chamada de Malinalli, nome de uma erva que, trançada, era usada para fazer roupas, e também de um dos dias do calendário da época, exatamente aquele em que ela nasceu. Era uma índia nahua, uma das diversas etnias que compunham o México pré-colombiano. Francisco López de Gómara, que escreveu em 1552 Historia de las Indias, conta que a menina era filha

16 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Quem sou eu?

Há outra versão, contada em 1560 pelo conquistador espanhol Bernal Díaz del Castillo, que acompanhou Cortés e escreveu "La Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España". Segundo ele, os pais da índia eram caciques em uma cidade chamada Paynala. Após a morte de seu pai, a mãe teria se casado com outro cacique e tido um filho com o novo marido. Para que o bebê tivesse direito à herança, o casal resolveu dar a filha mais velha para os índios de Xicalango. Assim, ela teria aprendido tanto o idioma maia quanto o náuatle, a língua asteca. Habilidades

17 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Quem sou eu?

Jerónimo de Aguilar, um religioso espanhol que naufragara por aquelas bandas provavelmente em 1511 e falava náuatle, era o **intérprete** oficial de Cortés. Quando descobriram que Malinche falava maia, ela começou a ser usada para fazer Cortés entender o que os povos daquela origem falavam. Ela ouvia as frases em maia, passava para o asteca e Aguilar fazia a tradução do asteca para o espanhol. De tanto fazer isso, a jovem logo aprendeu o espanhol e ganhou nova alcunha: era agora "a Língua", aquela que intermediava a comunicação entre os **índigenas** e os recém-chegados. A escrava começou a ganhar importância, a ponto de se tornar amante de Cortés e ter um filho com ele, Martín.

18 / 29

A figura de Malinche na Conquista do México

Quem sou eu?

18 / 29



A figura de Malinche na Conquista do México
Exercício - Questão 1

1) Considerando o contexto histórico estudado anteriormente, é possível considerar Malinche traidora de seu povo?

- Não sei opinar sobre o assunto.
- Não. Malinche assim como os **indígenas** foi uma vítima dos espanhóis.
- Sim, ela poderia ter transmitido as informações sobre os espanhóis aos **indígenas**. No entanto, manteve-se calada.

Check

A figura de Malinche na Conquista do México
Exercício - Questão 1

1) Considerando o contexto histórico estudado anteriormente, é possível considerar Malinche traidora de seu povo?

- Não sei opinar sobre o assunto.
- Não. Malinche assim como os **indígenas** foi uma vítima dos espanhóis.
- Sim, ela poderia ter transmitido as informações sobre os espanhóis aos **indígenas**. No entanto, manteve-se calada.

Check

A figura de Malinche na Conquista do México
Exercício - Questão 1

1) Considerando o contexto histórico estudado anteriormente, é possível considerar Malinche traidora de seu povo?

- Não sei opinar sobre o assunto.
- Não. Malinche assim como os **indígenas** foi uma vítima dos espanhóis.
- Sim, ela poderia ter transmitido as informações sobre os espanhóis aos **indígenas**. No entanto, manteve-se calada.

Feedback
Quer saber um pouquinho mais? Volte no texto
Your answer is incorrect.

A figura de Malinche na Conquista do México
Questão 2

2) Os registros e relatos sempre estiveram presentes na história, especialmente nas campanhas de expedições colonizadoras, como um diário de bordo. A esses relatos chamamos de Crônicas. Por meio desses registros, a história de Malinche chegou até nós.
A respeito desse gênero, responda:

- Nunca li crônicas.
- Apresentam informações claras sobre um determinado período histórico.
- São textos com teor mais literário, e por isso, não permitem que aprofundemos sobre um determinado período histórico.

A figura de Malinche na Conquista do México
Questão 3

3) Bernal Díaz Del Castillo (1884), cronista da Conquista, relata o episódio em que uma senhora da tribo Cholula conta a Malinche os planos de ataque contra os espanhóis. Após saber do ocorrido, a índia adverte Cortés que, aliado aos índios tlaxcaltecas, prepara um ataque contra o povoado, conhecido como *La matanza de Cholula*.

O que você faria se estivesse no papel de Malinche?

- fugiria para um lugar distante.
- se aliaria aos espanhóis.
- se aliaria aos **indígenas**.

A figura de Malinche na Conquista do México
Questão 4

4) Reflita sobre as personagens que atuaram na Conquista do México, com qual delas você se identificaria?

- Bernal Díaz del Castillo, pela destreza de registrar nas Crônicas a história da História do México.
- Malinche, por ser **intérprete** e mediadora entre duas culturas.
- **Hernán Cortés**, por ser um herói da Conquista.

